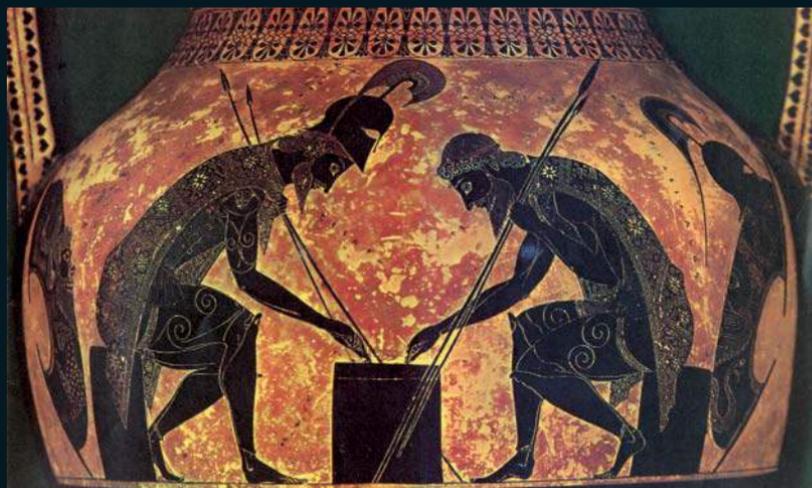


Paulo Sérgio de Vasconcellos

MITOS GREGOS



MITOS

GREGOS

Paulo Sérgio de Vasconcellos

MITOS GREGOS

 **OBJETIVO**

São Paulo
1998

Índice

Faetonte e o carro do Sol	.11
Orfeu e Eurídice	.14
Narciso	.17
Prometeu, o primeiro benfeitor da humanidade	.21
Teseu e o Minotauro, Dédalo e Ícaro	.24
As aventuras de Hércules	.28
– O nascimento e a primeira façanha do herói	.28
– Os doze trabalhos de Hércules – I	.32
– Os doze trabalhos de Hércules – II	.36
A guerra de Tróia	.39
– As origens da guerra de Tróia	.39
– A ira de Aquiles	.46
– A morte de Heitor	.52
– O calcanhar de Aquiles	.58
– O cavalo de madeira e o fim de Tróia	.61
O retorno de Odisseu	.68
– Odisseu e o ciclope	.68
– Na ilha da feiticeira Circe	.74
– Odisseu vai ao reino dos mortos	.77
– Os novos perigos da viagem	.80
– A chegada de Odisseu e o massacre dos pretendentes	.83
Os deuses gregos	.86
– Genealogia divina – Os principais deuses	.87
– A soberania de Zeus e sua esposa Hera	.88
– Afrodite e Ártemis, a deusa do amor e a virgem caçadora	.91
– Ares e Dioniso	.97
– Apolo e Palas Atena	.102
– Hermes e Hefesto	.106
– Deméter e Possêidon, divindades da terra e do mar	.109
<i>Questionários</i>	<i>.113</i>
<i>Respostas</i>	<i>.128</i>

Apresentação

Os mitos gregos estão por toda parte ainda hoje. Estas narrativas, que um dia povoaram não só a imaginação como também a vida cotidiana de todo um povo, perduraram no tempo e ainda hoje fascinam escritores, cineastas, escultores, psicólogos, antropólogos, etc. etc. Pode-se fazer delas o uso mais variado, mas é curioso que guardam, em si mesmas e por si mesmas, um interesse inabalável para os leitores comuns, pessoas que sempre sentirão prazer em mergulhar na poesia de deuses nada perfeitos, cheios de defeitos muito humanos, ninfas que definham de amor por mortais, heróis que redimem a humanidade, vozes encantadoras de sereias, monstros brutos de um olho só, derrotados pela inteligência do homem. Os estudiosos podem tentar analisar os mitos como forma primitiva de explicação racional do universo, como ciência ingênua e rudimentar; outros podem vê-los como projeção de nossa vida inconsciente, etc. — o mito sobrevive a qualquer tentativa reducionista de enquadrá-lo em termos que não são os seus, reduzi-lo a alguma “chave” que supostamente o desvende — ele sobrevive inatingível, com o impacto de sua força narrativa. “O mito é o nada que é tudo”, já disse Fernando Pessoa, criador de mitos, como todo poeta.

Este livro reconta alguns mitos do vasto repertório de histórias da Grécia antiga, pensando no leitor leigo das nossas escolas de ensino fundamental, em especial os da quinta à oitava série.

Tentamos auxiliá-lo a se iniciar nesse universo, à primeira vista de difícil aproximação para os mais jovens, empregando linguagem mais simples, sem subestimar, porém, sua capacidade, acrescentando notas explicativas e exercícios de fixação dos conteúdos lidos. Sempre que possível, entretanto, fomos a alguma fonte da Antiguidade, por vezes quase traduzindo esse original: Ovídio, na história de Faetonte, Virgílio, na narrativa da queda de Tróia, etc. Assim, o leitor conhecerá, aqui, algumas versões que grandes poetas elegeram para contar mais uma vez a mesma história (já que o mito é sempre recontado, modificado, nunca exatamente o mesmo, a cada narrativa filtrado pela visão especial de cada artista). Como não pretendemos fazer obra de referência, geralmente evitamos acumular várias versões da mesma história ou aborrecer os jovens com eruditismos desnecessários.

Se o leitor se sentir atraído por esse universo no que ele tem de mais fundamental, a beleza de cada conto, seja qual for o uso que se faça dele, estaremos satisfeitos. E quem sabe o nosso leitor passe, então, a perceber como seu dia-a-dia moderno está repleto de evocações daquele mundo que subsiste vivíssimo mesmo depois de sua civilização material se encontrar reduzida a pobres ruínas.

Por fim, agradeço ao professor Francisco Achar por muitas sugestões e correções; este livrinho certamente se enriqueceu com suas observações ou, pelo menos, livrou-se, com elas, de não poucas imperfeições.



Vista das ruínas do centro histórico de Atenas, hoje capital da Grécia. A cidade enfrenta os problemas da convivência entre os vestígios do passado e as exigências da vida moderna.

Como expandir o metrô da cidade, por exemplo, sem danificar para sempre as relíquias de uma das maiores civilizações que o mundo conheceu? E como impedir que a poluição dos carros destrua os monumentos?

Faetonte e o carro do Sol

O jovem Faetonte, criado pela mãe, desconhecia quem fosse seu pai. Um dia, ela lhe contou quem ele era: o Sol. Desejando comprovar se a revelação era verdadeira, Faetonte foi até a morada daquele astro, um palácio brilhante de ouro, prata e marfim. Depois de narrar o acontecido, disse-lhe:

— Ó luz do mundo imenso, se minha mãe não está mentindo, dê-me uma prova de que sou mesmo seu filho! Acabe de uma vez com essa minha dúvida!

O Sol tirou da cabeça os raios que brilhavam para poder abraçar o filho. Depois de tê-lo abraçado, disse:

— Para que não tenha dúvida de que sou seu pai, peça o que quiser, e eu lhe darei. Juro pelo rio dos Infernos, o Estige. Esse é o juramento que obriga os deuses a cumprirem sua palavra.

Faetonte, então, pede ao pai que lhe deixe guiar seu carro, que era puxado por cavalos alados.¹

O pai se arrependeu da promessa, mas não podia voltar atrás. Tentou fazer o filho desistir da idéia:

— Você é um mortal e o que está pedindo não é para mortais. Só eu posso dirigir o carro que leva o fogo do céu. Nem Zeus² poderia fazer isso. Que espera encontrar nos caminhos do céu? Você passará por muitos perigos: os chifres da constelação de Touro, o arco de Sagitário, a boca do Leão. Além

¹ *Alado*: que tem asas.

² *Zeus*: pai e o rei dos deuses (veja geneologia na página 87)

disso, há os cavalos, difíceis de domar, soltando fogo pela boca e pelas ventas.³ Peça outra coisa, filho, e se mostre mais sensato nos seus desejos.

Mas Faetonte não queria ouvir os conselhos do pai, que foi obrigado a satisfazer àquele pedido. Levou o rapaz ao carro. Era todo feito de ouro, prata e pedras preciosas. Faetonte olhou-o cheio de admiração.

Eis que no Oriente a Aurora começou a tingir o céu de rosa. O Sol ordena às Horas velozes que atrelem⁴ os cavalos ao carro. Depois, passa uma pomada divina no rosto do filho, põe os raios ao redor da sua cabeça e profere estas recomendações:

— Não use o chicote e segure as rédeas com firmeza. Os cavalos correm espontaneamente; o difícil é controlá-los. Cuidado para não se desviar da rota. Nem desça nem suba muito alto. Céu e terra devem suportar o mesmo calor, por isso vá entre um e outra.

Faetonte se instalou no carro, ligeiro ao suportar o peso de um jovem. Os cavalos alados do Sol partiram, enchendo o ar com seus relinchos de fogo. Mas como praticamente não sentiam nenhum peso nem força nas rédeas, puseram-se a correr à vontade, para fora do caminho habitual. O carro ia para cima e para baixo, provocando grande confusão entre os astros.

Ao olhar do alto do céu para a terra, Faetonte empalideceu e seus joelhos tremeram de pavor. Já se arrependia do que pedira ao pai. Que fazer? Tinha um espaço infinito de céu às suas costas, outro tanto diante dos olhos. Não largava as rédeas, mas era incapaz de segurá-las com firmeza.

³ *Ventas*: nariz.

⁴ *Atrelar*: prender.

De repente, assustando-se à vista do Escorpião, Faetonte largou as rédeas. Os cavalos correram a toda velocidade por regiões onde jamais o carro do Sol tinha estado. A Lua se espanta de ver os cavalos correndo abaixo dos seus. As montanhas mais altas da terra são as primeiras vítimas das chamas. Depois, o solo se fende, as águas secam, o verde se queima. Cidades inteiras, com sua gente, viram cinza. Foi naquela época, dizem, que os povos da África passaram a ter cor negra.

Faetonte vê o mundo se abrasar nas chamas do carro do Sol e não sabe o que fazer. Ele mesmo mal pode suportar o calor. Foi então que a Terra, esgotada pela seca, ergueu sua voz sagrada:

— Se eu fiz por merecer isso, ó Zeus, mais poderoso dos deuses, por que não lanças teus raios contra mim? Se devo morrer pelo fogo, que seja ao menos por meio do teu! Já o mundo todo parece pronto para voltar ao caos original. Livra das chamas o que ainda resta. Preocupa-te em salvar o universo!

O pai dos deuses, então, ouvindo aquela súplica, lança um raio contra Faetonte. O jovem, com os cabelos em chamas, tomba do céu, deixando no ar um traço de fogo, como uma estrela cadente. Ninfas⁵ recolheram seu corpo e o sepultaram. Como epítáfio⁶, escreveram estas palavras:

— Aqui jaz Faetonte, cocheiro do carro paterno. Não conseguiu dirigi-lo, mas morreu num ato de grande ousadia.

O pai de Faetonte ficou desolado. Dizem mesmo que durante um dia todo não houve sol sobre a terra.

⁵ *Ninfas*: divindades dos bosques, das águas e dos montes.

⁶ *Epítáfio*: inscrição posta em túmulo.

Orfeu e Eurídice



Ninfa, em escultura em mármore do italiano, Antonio *Canova* (1757-1822).

Canova foi muito influenciado pela arte clássica da Grécia e de Roma e com frequência retratou personagens dos mitos gregos.

Fugindo de um homem que a perseguia, a ninfa Eurídice pisou numa serpente venenosa oculta na relva. O réptil a picou no calcanhar, e ela desceu ao reino dos mortos, deixando inconsolável seu marido. Orfeu, poeta, músico e cantor, sempre empunhando a lira ou a cítara, era um artista insuperável. Com seu canto, os animais ferozes se tornavam pacíficos e o seguiam, as rochas se moviam, as árvores inclinavam as copas¹ em sua direção, os homens se acalmavam. Mas a dor pela perda da esposa foi tal que ele, fugindo do convívio humano, na solidão, só conseguia pensar em Eurídice. Sua música, agora triste, só cantava o amor por Eurídice. Por fim, resolveu descer ao sombrio Hades² para tentar trazê-la de volta.

Em meio às sombras e deuses das regiões subterrâneas, Orfeu fez ecoar a música de sua lira. Nos Infernos, Sísifo tinha sido condenado a rolar montanha acima uma pedra que, no alto, voltava a cair, obrigando-o a recomeçar a tarefa eternamente.

¹ *Copa*: a folhagem da parte superior das árvores.

² *Hades*: o reino dos mortos; era também o nome do deus que reinava sobre essas regiões.

Mas, com aquela música, como que por encanto a pedra de repente ficou parada, sem ninguém a segurar. Tântalo, como punição dos deuses, sedento e faminto, tinha sempre diante de si água e comida, que, porém, nunca conseguia alcançar. Mas, ao som da lira de Orfeu, esqueceu-se da fome e sede eterna. As Danaides tentavam encher de água um tonel furado; a música encantadora as fez descuidar da tarefa ingrata. Cantando o amor a Eurídice e a perda da esposa, comoveu a todos os habitantes do mundo infernal. Até mesmo de Hades, que tinha um coração de ferro, arrancou lágrimas.

Hades e Perséfone, os deuses infernais, concederam, então, que Orfeu levasse Eurídice de volta à vida, com uma condição: na ida em direção à luz do dia, ele não deveria, de maneira nenhuma, olhar para trás antes de deixar o mundo das sombras.

Eis que Eurídice acompanha silenciosa Orfeu, rumo à superfície da terra. Vão regressando daquelas regiões escuras, povoadas pelas sombras dos mortos. Percorrem um caminho abrupto,³ em meio a trevas e uma névoa espessa. E a luz já se aproximava, quando, tomado de intenso amor e esquecido da condição que lhe impuseram, Orfeu resolveu olhar para a sua Eurídice... Ouve-se um estrondo espantoso, e Eurídice diz ao esposo:

— Que loucura foi essa que perdeu a mim e a ti, Orfeu? Já de novo os destinos cruéis me chamam e o sono começa a cerrar meus olhos. É hora de dizer-te

³ *Abrupto*: íngreme, difícil.

adeus. A noite imensa me circunda e ergo em vão para ti as minhas mãos enfraquecidas.

Disse isso e desapareceu como fumaça nos ares. Orfeu ficou desesperado, pois sabia que sua música não poderia dobrar⁴ os deuses infernais: eles jamais se abrandavam com as súplicas humanas. Era impossível lutar contra suas duras leis.

Por todo o resto de seus dias, sem descanso, sem trégua à dor, Orfeu cantou o amor por Eurídice, que perdera para sempre num descuido fatal.⁵



Orfeu se volta para ver Eurídice, que sucumbe para sempre. Trata-se de um quadro do pintor e escultor inglês Georg Frederic Watts (pronúncia *uóts*) (1817-1904).

⁴ *Dobrar*: fazer ceder, tornar transigente.

⁵ O mito de Orfeu e Eurídice tem fascinado a imaginação dos artistas através dos tempos. No cinema, dois famosos filmes o trataram.

Um é o do francês Jean Cocteau (pronuncie *jã coctô*), de 1949, em que Orfeu é um poeta da Paris contemporânea. O outro é *Orfeu Negro*, do também francês Marcel Camus (não pronuncie o *s* final; quanto ao *u*, representa um som intermediário entre /u/ e /i/). Este último filme, uma produção de 1959, foi rodado no Rio de Janeiro e é baseado em texto de Vinícius de Moraes, que também compôs, com Tom Jobim e Luís Bonfá, a trilha sonora. Aqui, Orfeu é um sambista carioca. O filme ganhou a Palma de Ouro em Cannes e o Oscar de melhor filme estrangeiro.

Narciso

Quando Narciso nasceu, sua mãe, uma ninfa belíssima, consultou o adivinho Tirésias para saber se aquele filho de extraordinária beleza viveria até o fim de uma longa velhice. Pareceram sem sentido as suas palavras:

— Sim, se ele não chegar a se conhecer.

Narciso cresceu, sempre formoso. Jovem, muitas moças e ninfas queriam o seu amor, mas o rapaz desprezava a todas.

Um dia, Narciso caçava na floresta quando a ninfa Eco o viu. Eco, por causa de uma punição que Hera¹ lhe infligira, só era capaz de usar da voz para repetir os sons das palavras dos outros. Ao se deparar com a beleza de Narciso, a ninfa se apaixonou por ele e se pôs a segui-lo. Quando resolveu manifestar o seu amor, abraçando-o, Narciso a repeliu. Desprezada e envergonhada, Eco se escondeu nos bosques com o rosto coberto de folhagens. O amor não correspondido a foi consumindo pouco a pouco, até que, depois de reduzida a pele e osso, seu corpo se dissipou nos ares. Restou-lhe, apenas, a voz e os ossos, que, segundo dizem, tomaram a forma de pedras.

Um dia, uma das muitas jovens desprezadas por Narciso, erguendo as mãos para o céu, disse:

— Que Narciso ame também com a mesma

¹ *Hera*: na mitologia latina, Juno, rainha dos deuses.

intensidade sem poder possuir a pessoa amada!

Nêmesis, a divindade punidora do crime e das más ações, escutou esse pedido e o satisfez.

Havia uma fonte límpida, de águas prateadas e cristalinas, de que jamais homem, animal ou pássaro algum se tinham aproximado. Narciso, cansado pelo esforço da caça, foi descansar por ali. Ao se inclinar para beber da água da fonte, viu, de repente, sua imagem refletida na água e encantou-se com a visão. Fascinado, ficou² imóvel como uma estátua, contemplando seus próprios olhos, seus cabelos dignos de Dioniso³ ou Apolo, suas faces lisas, seu pescoço de marfim, a beleza de seus lábios e o rubor que cobria de vermelho o rosto de neve. Apaixonou-se por si mesmo, sem saber que aquela imagem era a sua, refletida no espelho das águas.

Nada conseguia arrancar Narciso da contemplação, nem fome, nem sede, nem sono. Várias vezes lançou os braços dentro da água para tentar inutilmente reter com um abraço aquele ser encantador. Chegou a derramar lágrimas, que iam turvar a imagem refletida. Desesperado e quase sem forças, foram estas suas últimas palavras:

— Ah!, menino amado por mim inutilmente!
Adeus!

O lugar em que estava fez ecoar o que dissera. E quando proferiu “Adeus!”, Eco também disse “Adeus!”.

² *Quedar (ou quedar-se)*: deter-se, ficar parado.

³ *Dioniso*: na mitologia latina, Baco, deus do vinho.

Em seguida, esgotado, Narciso se deitou sobre a relva, e a Noite veio fechar seus olhos. Diz-se que, nos Infernos, Narciso continua a contemplar sua imagem refletida nas águas do rio Estige.

As ninfas, juntamente com Eco, choraram tristemente pela morte de Narciso. Já preparavam para o seu corpo uma pira quando notaram que desaparecera. No seu lugar, havia apenas uma flor amarela, com pétalas brancas no centro.⁴

⁴ Narciso é outro mito que reaparece constantemente nas artes. Em Sampa, de Caetano Veloso, há esta passagem, na qual o poeta descreve a primeira impressão negativa que teve ao ver a cidade de São Paulo:

*“Quando eu te encarei frente a frente,
Não vi o meu rosto,
Chamei de mau gosto
O que vi, de mau gosto, mau gosto.
É que Narciso acha feio
O que não é espelho...”*

A poetisa Cecília Meireles (1901-1964) tem um poema interessante sobre Narciso. Aqui, a imagem que se tem do rapaz, a de um vaidoso apaixonado pelo próprio rosto, é apresentada como falsa. Na verdade, Narciso sorria, encantado, não para o seu reflexo, mas para a água, que imaginava ter gerado ela própria a imagem do belo e sorridente jovem. Não é um texto fácil; mas vale a pena lê-lo. Atente para o ritmo dos versos e as imagens surpreendentes (o reflexo do sorriso comparado a uma grinalda de flores que cai na água; a imagem de Narciso vista pela água como uma estátua de cristal):

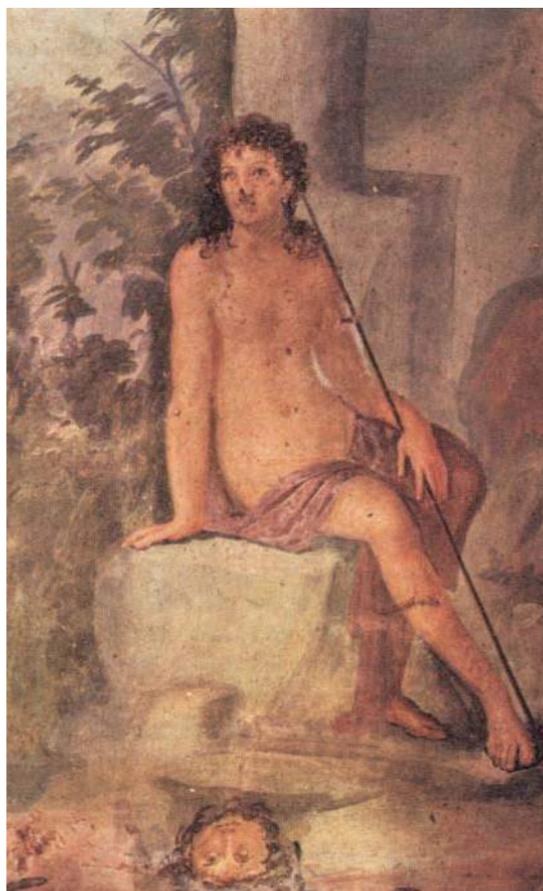
EPIGRAMA

*Narciso, foste caluniado pelos homens,
por teres deixado cair, uma tarde, na água incolor,
a desfeita grinalda vermelha do teu sorriso.*

*Narciso, eu sei que não sorrias para
o teu vulto, dentro da onda:
sorrias para a onda, apenas, que enlouquecera, e que sonhava
gerar no ritmo do seu corpo, ermo e indeciso,*

*a estátua de cristal que, sobre a tarde, a contemplava,
fixando-a sempre, com o seu efêmero sorriso...*

(*epigrama*: poema que se caracteriza, sobretudo, por sua brevidade; *ermo*: solitário; *efêmero*: passageiro, fugidio).



Narciso contemplando sua imagem na água. Pintura mural de Pompéia.

Prometeu, o primeiro benfeitor da humanidade

Dizia-se que Prometeu criara os primeiros homens a partir do barro. Desejando ajudar a essa humanidade primitiva, provocou por duas vezes a cólera de Zeus.¹ Um dia, durante um sacrifício de um boi aos deuses, Prometeu cobriu com o couro a carne e as vísceras² do animal; quanto aos ossos, passou neles uma espessa camada de gordura. Convidado a escolher a sua parte, Zeus, sem saber da trapaça, atraído pela gordura, acabou ficando com os ossos. É por isso que nos sacrifícios os gregos queimavam a gordura e os ossos para os deuses, mas a carne e as vísceras eram comidas pelos participantes da cerimônia.

Ao descobrir que tinha sido enganado para favorecer os homens, o pai dos deuses resolveu vingar-se privando a humanidade do fogo. Novamente, porém, Prometeu interveio em socorro dos mortais, desta vez roubando para eles uma centelha³ do fogo divino. A cólera terrível de Zeus maquinou uma punição exemplar.

Zeus enviou aos homens a primeira mulher, que os deuses Hefesto⁴ e Palas Atena,⁵ ajudados pelos

¹ Zeus: Júpiter na mitologia romana; é o rei supremo e pai dos deuses.

² Vísceras: órgãos do interior do corpo, como fígado, coração, pulmão.

³ Centelha: fagulha.

⁴ Hefesto: na mitologia latina, Vulcano, o deus do fogo.

⁵ Palas Atena: na mitologia latina, Minerva.

demais, criaram. Cada um dos deuses lhe concedeu determinadas características: Afrodite⁶ lhe atribuiu a beleza e o encanto, Palas Atenas ensinou-lhe tarefas femininas, Hermes⁷, astúcia, o fingimento e a mentira, além do dom da palavra. Foi este último quem a chamou Pandora, que foi enviada à terra como se fosse um presente para os homens. Essa primeira mulher levava consigo uma jarra tampada, na qual os deuses haviam colocado todos os males e desgraças imagináveis.

Na terra, Pandora não conseguiu conter a curiosidade e destampou a jarra. Imediatamente, males e desgraças espalharam-se por todos os lados. Até então, os homens tinham vivido em paz, sem doenças, fome ou guerras. Pandora precipitadamente voltou a tampar a jarra, mas já todos os males tinham escapado, com exceção da esperança. Foi assim que a justiça de Zeus puniu os homens.

Quanto a Prometeu, foi acorrentado a um rochedo. Uma águia vinha de dia roer-lhe o fígado; à noite, a parte que faltava renascia milagrosamente, tornando eterno o seu suplício.

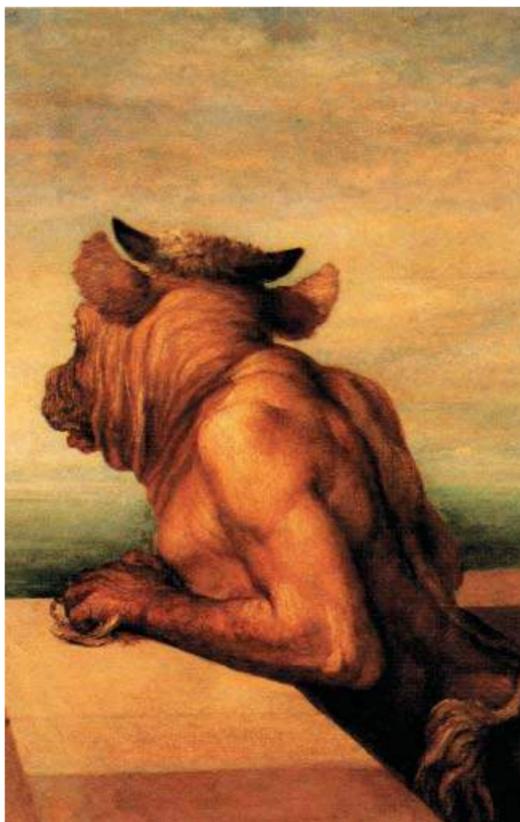
Muito tempo depois, Hércules, um outro benfeitor da humanidade, mataria a águia e libertaria Prometeu.

⁶ Afrodite: na mitologia latina, Vênus.

⁷ Hermes: na mitologia latina, Mercúrio, o mensageiro dos deuses.



Dédalo conversa com Pasífae. Pintura em parede de uma das casas suntuosas de Pompéia. A cidade italiana foi sepultada por uma terrível erupção do Vesúvio em 79 d. C.



O *Minotauro* de Watts. Note que com a mão esquerda o monstro parece esmagar um passarinho.

Teseu e o Minotauro, Dédalo e Ícaro

Na ilha de Creta reinava Minos. Um dia, Possêidon¹ enviou-lhe, surgido do mar, um touro, que o rei lhe deveria sacrificar. Minos, porém, guardou para si o animal. A esposa de Minos, Pasífae, apaixonou-se pelo animal. Essa paixão deve ter sido uma vingança de Possêidon, o rei do mar, ou de Afrodite,² a deusa do amor, de cujo culto a rainha tinha descuidado.

Vivia em Creta um célebre arquiteto, escultor e inventor, Dédalo. Foi esse homem quem construiu para Pasífae uma novilha³ de bronze, oca, para que a rainha, pondo-se em seu interior, pudesse atrair o touro. Assim Pasífae se uniu àquele animal. Da união nasceria um monstruoso homem com cabeça de touro — o Minotauro.

Quando nasceu o filho de Pasífae e do touro, Minos, envergonhado, fez com que Dédalo construísse um labirinto para aí deixar aquela criança monstruosa. Com seus inúmeros corredores, salas e galerias, criados de maneira a fazer perder a direção e confundir até o mais astuto dos homens, o labirinto só era dominado pelo próprio Dédalo: quem ali entrasse, não conseguiria mais sair.

¹ *Possêidon*: Netuno, na mitologia latina.

² Afrodite: Vênus na mitologia latina.

³ Novilha: bezerra.

Com o passar dos anos, o Minotauro foi crescendo no labirinto, longe dos olhares das pessoas. Ora, Minos, tendo derrotado os atenienses em batalha, exigiu deles um tributo sinistro: todos os anos, Atenas deveria enviar sete rapazes e sete moças para serem devorados pelo Minotauro. Pode-se imaginar o terror que deveria se apossar de quem, perdido na confusão dos caminhos tortuosos, sentia aproximar-se de si aquela criatura grotesca que habitava o labirinto... Disposto a pôr um fim a essa situação, o herói ateniense Teseu foi um dia a Creta, junto com os outros jovens destinados à morte certa.

Quando Teseu chegou à ilha, Ariadne, filha de Minos e Pasífae, apaixonou-se pelo jovem. Desejando salvá-lo da morte no labirinto, a moça lhe deu um novelo com um fio: Teseu deveria desenrolá-lo à medida que penetrasse naquele emaranhado. Quem tivera a idéia fora Dédalo. Foi assim que o herói, depois de matar o Minotauro, encontrou facilmente a saída, seguindo o caminho criado pelo fio de Ariadne.

Ao saber do que ocorrera, Minos, enfurecido, aprisionou Dédalo e seu filho Ícaro no labirinto, pois julgava que o arquiteto tinha sido cúmplice daquela traição. Haveria de ser a morte para os dois, se Dédalo, sempre astucioso e inventivo, não tivesse encontrado um meio de escapar. Fez, com penas de aves coladas com cera, um par de asas para si e outro para o filho.

Antes de saírem por uma das altas janelas do labirinto, Dédalo fez uma recomendação a Ícaro.

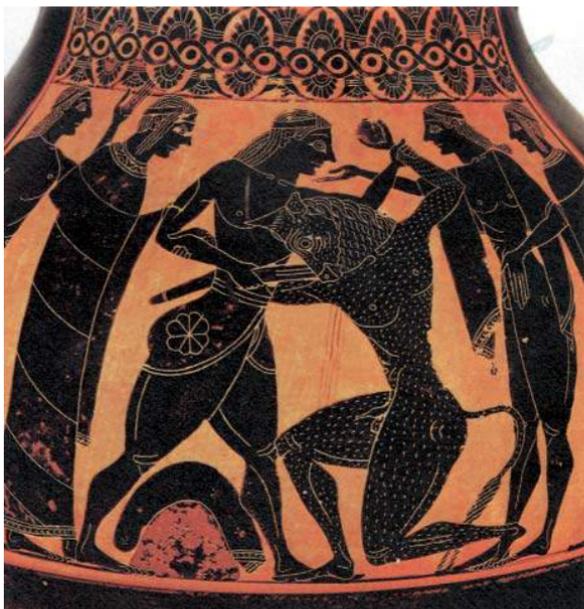
Que ele, sob hipótese alguma, se aproximasse do sol; deveria voar nem muito alto nem muito baixo, entre o céu e a terra. Partiram.

Mas Ícaro não obedeceu ao conselho paterno. Chegando demasiado perto do sol, a cera das asas derreteu, e as penas dispersaram-se nos ares. De repente o moço se viu agitando braços nus.

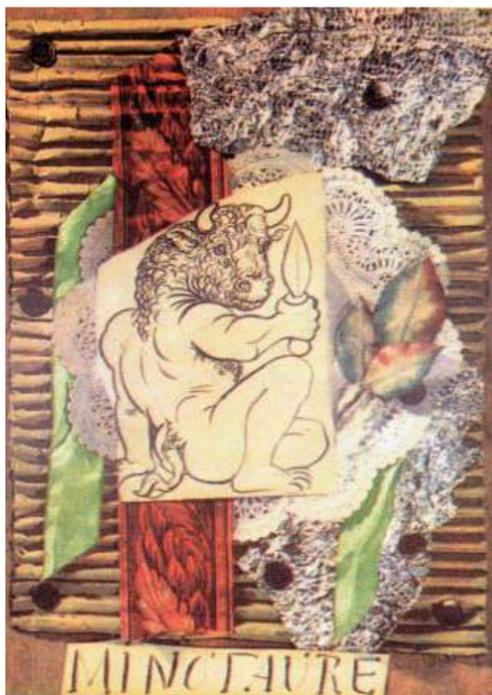
Chamando em vão pelo pai, Ícaro caiu nas águas azuis do mar Egeu.

Labirinto em moeda do século III a. C. A imagem do labirinto tem sido retomada das mais variadas formas, na literatura, nas artes em geral, no cinema etc. Sigmund Freud, o pai da psicanálise, em uma de suas conferências, interpretou a imagem do labirinto como símbolo dos intestinos, ao passo que o fio de Ariadne seria o cordão umbilical! Um exemplo de como os mitos podem ser usados para vários fins — e, neste caso, “abusados”... Você já deve ter ouvido falar no “Complexo de Édipo”, que tem seu nome derivado de um mito grego: o rei Édipo, sem saber, assassina seu próprio pai e se casa com sua mãe; ao saber a verdade, cega a si mesmo. Este mito (e a tragédia grega de Sófocles que dele trata) era muito caro a Freud. Mas é com Jung que o recurso aos mitos se torna recorrente na psicologia.





Teseu mata o Minotauro.



Minotauro pintado pelo espanhol Pablo Picasso (1881-1973) para servir de capa a uma revista com esse nome.

As aventuras de Hércules

O nascimento e a primeira façanha do herói

Em Tebas, cidade grega, vivia uma mulher de rara beleza, Alcmena, esposa do general Anfitrião. Zeus decidiu pôr em prática um plano astucioso para a ter em seus braços. Aproveitou-se da partida de Anfitrião para a guerra e tomou-lhe a aparência; ao mesmo tempo, seu filho Hermes¹ tomou a forma de Sósia, escravo do general. E lá foram os dois deuses, metamorfoseados² em mortais, para a cidade de Tebas.

Zeus, então, ordenou que a Noite se prolongasse como nunca antes e, fazendo-se passar por Anfitrião voltando da guerra, foi ao encontro de Alcmena. Hermes ficou na porta da casa, para impedir que seu pai fosse perturbado. A esposa de Anfitrião, que de nada desconfiava, deitou-se com o pai dos deuses naquela longuíssima noite.

Quando Anfitrião retornou da batalha, criou-se grande confusão, afinal sua esposa lhe falava dos momentos que tinham passado juntos... E Alcmena já sabia, em detalhes, de tudo o que tinha acontecido no campo de batalha antes de o general lhe contar.

¹ *Hermes*: Mercúrio, na mitologia latina.

² *Metamorfoseado*: transformado.

Foi preciso a intervenção de Zeus para esclarecer tudo.

Meses depois, Alcmena deu à luz dois filhos: um mortal, Íficles, filho gerado com Anfitrião, e um semideus, Hércules, cujo pai era Zeus. Hera, a ciumenta mulher do pai dos deuses, haveria de perseguir aquele menino desde os seus primeiros dias.

No entanto, Hércules chegou um dia a mamar do seio de sua terrível inimiga. Foi Hermes quem colocou a criança para mamar no seio de Hera quando a deusa dormia. Hércules sugou tão forte que ela, despertando, afastou rudemente o menino. Gotas de leite escorreram pelo céu, formando o turbilhão de estrelas da Via Láctea, o “caminho de leite”.

Vingativa como de costume, Hera tramou a morte daquela prova do adultério de seu marido Zeus. Um dia mandou ao berço dos filhos de Alcmena, que então tinham só oito meses, duas serpentes gigantescas. Enquanto Íficles chorava e gritava, Hércules agarrou os répteis e os estrangulou sem dificuldade. Provava que era, de fato, filho de um deus.

À medida que o tempo passava, Hércules crescia incrivelmente; com dezoito anos, sua altura chegou a três metros. Em sua vida de herói, metade humano, metade divino, cumpriria as façanhas mais difíceis, impossíveis para um simples mortal.

Um trecho de comédia

(A história dos amores de Zeus, ou Júpiter, seu correspondente na mitologia romana, e Alcmena, a esposa de Anfitrião, foi narrada muitas vezes através dos tempos e nos mais diversos países, geralmente de forma cômica. O escritor português Luís de Camões, por exemplo, escreveu uma comédia chamada *Anfitriões*. Você lerá abaixo uma pequena amostra de uma comédia muito divertida de Plauto, um escritor latino que viveu no século III antes de Cristo! A peça chama-se *Anfitrião* e mostra as confusões criadas com o aparecimento de dois Anfitriões e dois Sósias no mesmo espaço, a cidade de Tebas. No trecho que selecionamos e adaptamos ligeiramente, Hermes, aqui com seu nome latino de Mercúrio, com a aparência de Sósia, está à porta da casa de Anfitrião e faz gestos ameaçadores para o verdadeiro Sósia, que chegou há pouco da guerra com seu patrão. Note que Mercúrio finge não ver Sósia, e os dois falam à parte, sem se dirigir diretamente um ao outro.)

MERCÚRIO (fazendo o gesto de dar socos no ar):
Seja quem for o sujeito que vier aqui, comerá meus punhos.

SÓSIA: Deixe disso! Não estou com vontade de comer a esta hora da noite: acabei de jantar. Então acho melhor você servir essa sua janta para quem está com fome...

MERCÚRIO (com uma das mãos, avaliando o peso

de um dos punhos): Não é mau o peso deste meu punho...

SÓSIA: Estou frito! Ele está pesando os punhos.

MERCÚRIO (apontando para Sósia): E se eu desse um afago naquele ali para fazê-lo dormir?

SÓSIA: Você me salvaria: olha que faz três noites que eu não durmo.

MERCÚRIO: Há cheiro de algum homem por aqui, para mal dos seus pecados.

SÓSIA: Ih! Será que eu soltei algum cheiro?

MERCÚRIO: E ele não deve estar longe, se bem que tenha vindo de longe.

SÓSIA: O homem é adivinho.

MERCÚRIO: Meus punhos estão doidos para entrar em ação.

SÓSIA: Se pretende exercitá-los em mim, por favor: veja se os amansa antes naquela parede...

MERCÚRIO: Uma voz voou até meus ouvidos.

SÓSIA: Não sou mesmo um infeliz? Não cortei as asas da minha voz! Ela voa!

MERCÚRIO: É certeza: não sei quem está falando aqui perto.

SÓSIA: Estou salvo! Ele não me vê. Disse que “não sei quem está falando”, não eu, já que eu me chamo Sósia, não “não sei quem”...



Hércules, totalmente bêbado, urinando...
Como eram humanos esses heróis gregos!...

Os doze trabalhos de Hércules – I

Hércules casou-se com Mégara e desse casamento nasceram alguns filhos. Hera, ainda desejosa de vingar-se do adultério de Zeus, fez com que o herói, num acesso de loucura, matasse-os todos, juntamente com sua própria mãe e os filhos de seu irmão Íficles.

Contaminado por aquele morticínio e desejando se purificar, Hércules se dirigiu ao oráculo de Delfos a fim de consultar o deus Apolo através de sua sacerdotisa, a Pítia. Para expiar¹ seu crime, a sacerdotisa lhe disse que ele deveria se colocar a serviço de seu primo Euristeu por doze anos; por outro lado, com isso conseguiria a imortalidade. O

¹ *Expiar*: pagar, purificar-se de.

herói obedeceu às ordens de Apolo.

Euristeu, que era rei de Micenas, temia que seu primo Hércules quisesse tomar-lhe o poder e resolveu, então, dar-lhe doze tarefas que pareciam impossíveis de realizar. Contava, assim, ver-se livre daquele homem que lhe causava tanto medo.

O primeiro trabalho de Hércules foi matar o leão de Neméia, um animal monstruoso, que devorava homens e rebanhos. Esse animal, quando não estava atacando, escondia-se numa caverna. Primeiramente, o herói tentou feri-lo com flechas, mas a pele do leão era invulnerável e nada sofria com esse ataque. Depois, deu-lhe, com sua clava,² fortes golpes e sufocou-o entre seus braços. Morto o leão, Hércules tirou-lhe a pele e se cobriu com ela. Finalmente, Zeus transformou o animal em constelação.

Como segundo trabalho, Hércules teve de matar a Hidra de Lerna, uma serpente com várias cabeças (humanas, segundo alguns!) que devastava as terras por onde passava. Seu hálito era mortífero,³ e suas cabeças renasciam em dobro quando cortadas. Além disso, a cabeça do centro era imortal. Mas, com a ajuda de seu sobrinho Iolau, o herói venceu o monstro. De fato, enquanto ia cortando as cabeças da Hidra, Iolau queimava as feridas, impedindo, assim, que da carne machucada nascessem novas. Por fim, Hércules cortou a cabeça do meio, enterrou-a e pôs-lhe por cima um enorme rochedo. Morto o monstro,

² *Clava*: pedaço de pau mais grosso na parte de cima, usado como arma.

³ *Mortífero*: mortal, que causa a morte.

o herói embebeu suas flechas no seu sangue venenoso, tornando-as também envenenadas.

A terceira tarefa de Hércules foi trazer vivo um enorme javali que vivia na montanha chamada Erimanto, na Arcádia, uma região da Grécia. O herói o fez com facilidade, atraindo o javali para fora de sua toca e fazendo-o caminhar pela neve até se cansar. Aí, capturou-o e levou-o nos ombros até a cidade de seu primo, que lhe ordenara aquele trabalho. Quando chegou com o animal, Euristeu, apavorado, saiu correndo e se escondeu dentro de um jarro de bronze...

Trazer viva a corça do monte Cerinia foi o quarto dever imposto a Hércules. Era, também, um animal gigantesco, mais forte que um touro, e devastava as colheitas. Tinha chifres dourados, pés de bronze e era velocíssima. O herói não podia matá-la, pois era um animal consagrado à deusa Ártemis.⁴ Hércules perseguiu-a durante todo um ano, em vão. Um dia, porém, quando ela, já cansada, foi atravessar um rio, Hércules conseguiu feri-la com uma flecha e capturá-la. E levou-a a Euristeu, cumprindo mais uma tarefa impossível a um mortal qualquer.

Matar as gigantescas aves do lago Estínfalo foi o quinto trabalho de Hércules. Eram em grande quantidade e devastavam colheitas e pomares. Diziam alguns que eram antropófagas, com penas de aço que feriam o inimigo como se fossem setas. Para liquidá-las, Hércules tinha de as fazer sair da espessa floresta, perto do lago Estínfalo, em que se

⁴ *Ártemis*: Diana, na mitologia latina, a deusa das florestas, dos animais e vegetais.

ocultavam. Teve uma grande idéia: com castanholas de bronze, fez um barulho tal, que as aves saíram daquele esconderijo. Então, usando as setas envenenadas com o sangue da Hidra de Lerna, Hércules as matou uma por uma.

O sexto trabalho consistiu em limpar os estábulos do rei Augias, que tinha um imenso rebanho, com milhares de cabeças. Esse homem não limpava as instalações havia trinta anos. O estrume não era aproveitado como fertilizante nas lavouras, e as terras iam ficando estéreis com o passar do tempo. Hércules fez uma aposta com Augias: receberia uma parte de seu rebanho se conseguisse limpar os estábulos em apenas um dia. Julgando que aquilo era impossível, o rei prontamente aceitou a aposta. Hércules, então, desviou a corrente de dois rios para os estábulos e, com a maior rapidez, conseguiu limpar toda a sujeira acumulada ao longo dos anos.

Os doze trabalhos de Hércules – II

Um touro enlouquecido, que soltava fogo pelas ventas, devastava a ilha de Creta. O sétimo trabalho de Hércules consistiu em capturá-lo e trazê-lo vivo a seu primo Euristeu. Esse, por sua vez, quis consagrá-lo a Hera, mas a deusa, ainda colérica contra Hércules, recusou, e o animal foi solto.

A oitava proeza do herói consistiu em capturar as éguas de Diomedes, o rei da Trácia. Diomedes aprisionava os estrangeiros que vinham ter a seu país e com sua carne alimentava os quatro animais. Hércules matou o rei e deu seu corpo às éguas para ser devorado por elas.

A filha de Eristeu, Admeta, desejava para si o cinto da rainha das amazonas, Hipólita; obtê-lo foi o nono trabalho de Hércules. As amazonas eram mulheres guerreiras, descendentes de Ares, o deus da guerra, e tinham uma comunidade formada apenas de mulheres. Lutavam com grande bravura. Para se apoderar do cinto da rainha, Hércules teve de lutar com aquelas mulheres e matar Hipólita.

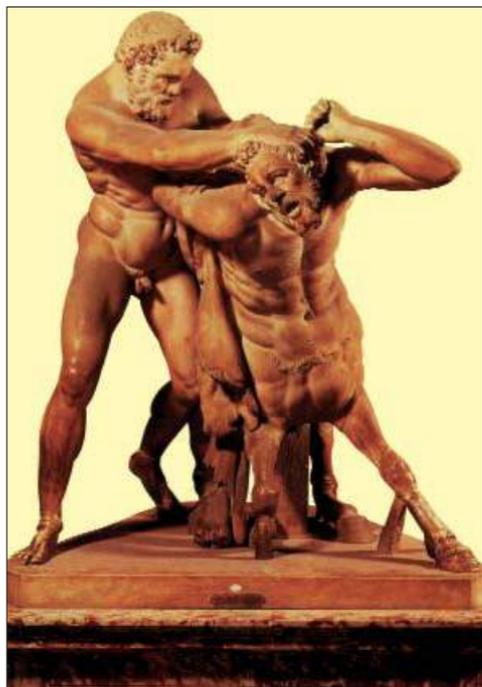
Trazer os bois do imenso rebanho de Gerião, um gigante de três cabeças, foi a décima proeza do herói. Para isso, Hércules teve de ir até a ilha de Eritia, atravessando o Oceano. Como conseguiria isso? Foi preciso empregar a enorme taça do Sol; nela, todos os dias o Sol embarcava de volta para seu palácio no Oriente depois de ter, ao cair da noite, chegado ao Oceano. O Sol só lhe emprestou sua taça quando Hércules, irritado com o calor ao atravessar um

deserto, ameaçou atingi-lo com suas flechas. No Oceano, tão agitadas estavam as ondas, que Hércules teve de fazer também a mesma ameaça a ele para que se acalmasse. Em Eritia, nos confins do Ocidente, Hércules matou, com sua clava, o cão Ortro, um animal monstruoso, e o pastor Eritíon, que guardavam o rebanho. Gerião tentou resistir, mas as setas de Hércules o venceram. Os animais que o herói conseguiu fazer chegar até Euristeu foram sacrificados a Hera.

O décimo primeiro trabalho parecia realmente impossível: descer ao reino dos mortos, ao sombrio Hades, e capturar o cão Cérbero. Esse animal aterrorizante, com três cabeças e as costas e o pescoço cobertos de serpentes, impedia a entrada de vivos naquelas regiões bem como a saída dos mortos. O deus Hades consentiu que Hércules levasse Cérbero com a condição de que não usasse armas. Hércules, então, atacou o cão, segurou-o pelo pescoço e, com a cauda do animal, que tinha um ferrão, deu-lhe várias picadas. E pôde sair dos Infernos e levar a Euristeu a estranha presa. O primo, à vista daquele ser monstruoso, saiu correndo, apavorado e foi se esconder em seu jarro de bronze... O herói devolveu Cérbero a Hades.

O último dos doze trabalhos foi trazer maçãs de ouro do jardim das Hespérides. Essas maçãs tinham sido o presente de casamento, oferecido pela Terra, nas bodas de Zeus e Hera. A deusa as plantara no jardim dos deuses e, para proteger a árvore e os frutos, deixara-os sob a guarda de um dragão de cem cabeças e das três ninfas do Poente, as Hespérides.

No caminho para o jardim, Hércules, dentre outras façanhas, libertou Prometeu do rochedo a que estava encadeado. Prometeu, em reconhecimento, advertiu-lhe que a única maneira de conseguir colher os frutos era através do gigante Atlas, que sustentava o céu sobre os ombros. Ao encontrar Atlas, Hércules fez-lhe uma proposta: seguraria o céu em seu lugar por algum tempo, enquanto o gigante iria colher três maçãs do jardim das Hespérides, que ficava perto. E assim aconteceu. Atlas, porém, queria levar pessoalmente as maçãs a Euristeu, enquanto o herói ficaria suportando o peso do céu. Hércules fingiu concordar, mas usou de esperteza para escapar a essa situação: pediu ao gigante que segurasse aquele fardo por alguns momentos para que ele pudesse colocar uma almofada sobre os ombros. Atlas voltou



Hércules luta com um centauro.

a segurar o céu — para sempre..., enquanto Hércules partia, de volta à pátria de Euristeu. Levadas ao rei, as frutas foram oferecidas a Hera, que as pôs de volta em seu jardim.

Assim se cumpriram os doze trabalhos de Hércules, doze proezas impossíveis para os mortais comuns.

A guerra de Tróia

As origens da guerra de Tróia

Um dia, Hécuba, a esposa do rei de Tróia, teve um sonho pavoroso; ela, que estava grávida e em breve daria à luz, acordou de repente no meio da noite. Logo contou a seu marido Príamo o pesadelo: sonhara que o filho esperado finalmente parecia querer sair de seu ventre, mas, ao invés de uma criança, paria uma tocha. O mais inquietante era que o fogo acabava por se espalhar pela cidade inteira, consumindo tudo. O rei tentou em vão acalmá-la e minimizar aqueles terríveis presságios; por fim, para não restar dúvidas, dirigiu-se a um de seus filhos, que sabia como ninguém a arte de interpretar os sonhos. A resposta que os pais receberam foi uma horrível notícia e um conselho tétrico¹:

— Vai nascer uma criança que causará a ruína de Tróia! Matem-na assim que nascer!

Pode-se imaginar como o prognóstico² destruiu a tranqüilidade de Príamo e de Hécuba. A criança finalmente nasceu, Páris, um belo menino, robusto e de traços encantadores. Que cegueira a dos homens!: contando de acordo com as luas, segundo um velho costume, levava dez meses o nascimento de Páris, assim como dez anos levaria o cerco de Tróia,

¹ *Tétrico*: terrível, medonho.

² *Prognóstico*: previsão, profecia.

terminando com o espantoso parto de guerreiros de um cavalo de madeira!

Mas Hécuba, mãe, não aceitava a idéia de ver morto aquele filho e conseguiu fazer com que o menino fosse abandonado no Ida, uma cadeia de montanhas e bosques onde certamente ele não poderia sobreviver. Assim, Páris certamente morreria, para salvação de toda uma cidade, mas de uma maneira menos chocante para os pais.

De repente, porém, um acaso muda o curso dos acontecimentos. Naquele mundo em que os homens sentiam sempre os deuses se manifestando e



Atlas.

participando dos acontecimentos cotidianos, era difícil não ver aí mãos divinas, precipitando a ação humana para cumprir um plano arquitetado nas alturas. Pastores encontraram a criança desprotegida e destinada à morte e a recolheram e criaram como se fosse o filho de um deles. Prodígio³ inacreditável: fora salva da fome graças a uma urso, que foi vista a seu lado amamentando-o...

³ *Prodígio*: acontecimento sobrenatural, milagre.

Com o passar do tempo, aquele menino cresceu robusto e se tornou um jovem de valor, que defendia os rebanhos dos pastores contra o ataque dos ladrões e das feras. Chamaram-no, então, Alexandre, isto é, em grego, “o protetor dos homens”. E um belo dia o jovem voltou para Tróia e revelou quem era, para surpresa de todo mundo, já que os súditos de Príamo estavam acostumados a participar anualmente dos jogos que o pai celebrava em memória do filho supostamente morto quando criança.

Príamo e sua esposa o receberam muito bem e, esquecidos daquela profecia sinistra, cumularam⁴ Páris de tudo a que tinha direito o filho de um rei. Não podiam imaginar o que o Destino já havia tramado durante a permanência de Páris-Alexandre entre os pastores do Ida!

Nas montanhas, um dia, Páris tivera de assumir o papel de juiz num dos julgamentos mais difíceis que se possa conceber. Tudo começou com Éris, a deusa Discórdia. Era um monstro horrível de ver, com serpentes ao invés de cabelos, os olhos em brasa e a roupa ensangüentada. Estava sempre pronta a lançar deuses contra deuses, homens contra homens, deuses contra homens, em suma, a infelicitar a vida de mortais e imortais com suas intrigas. Um dia, durante as bodas de Peleu e da ninfa Tétis, os futuros pais do grande Aquiles, a Discórdia, enraivecida por não ter sido convidada para a festa, lançou entre as deusas Hera, Palas Atena e Afrodite⁵, uma maçã de ouro, com uma inscrição: “À mais bela”.

⁴ *Cumular*: encher de, dar em grande quantidade.

⁵ *Hera, Palas Atena e Afrodite*: na mitologia romana, Juno, Minerva e Vênus, respectivamente.

Uma simples frase causou a maior confusão, especialmente entre as três belíssimas deusas, que disputavam acirradamente⁶ o título de a mais formosa. Zeus, desejando pôr fim à discussão, decidiu organizar uma espécie de concurso de beleza entre as três rivais. Talvez para evitar ciúmeiras e proteções entre os imortais, determinou que o juiz seria um ser humano, ninguém menos do que o também formoso pastor Alexandre-Páris! Mas, com um mortal falível⁷ e divindades dispostas a tudo para satisfazer a vaidade e não macular a reputação, aquela disputa não seria das mais imparciais... Cada uma das deusas prometeu algo ao juiz:

— Você reinará sobre toda a rica Ásia, se me escolher, disse Hera, que era casada com o supremo rei do Olimpo⁸, Zeus.

⁶ *Acirradamente*: apaixonadamente.

⁷ *Falível*: que pode se enganar, que pode falhar.

⁸ *Olimpo*: monte da Grécia considerado como morada dos deuses celestes. Veremos como esse nome comparece num poema do português Fernando Pessoa, escrito com o heterônimo de Ricardo Reis. Mas antes é preciso falar um pouco sobre o poeta. Fernando Pessoa, além de escrever poemas e prosa em seu próprio nome, escrevia também adotando “heterônimos”, nomes como de Ricardo Reis, Alberto Caeiro e Álvaro de Campos. Não são propriamente pseudônimos (isto é, “nomes falsos”) porque por detrás deles não está simplesmente a figura de Fernando Pessoa. Cada heterônimo tem sua biografia, inventada pelo poeta, sua maneira de escrever, seus temas prediletos, como se se tratassem de pessoas reais, *diferentes* de Fernando Pessoa. O poeta, em suas cartas, dizia que desde criança se dedicava a criar seres imaginários com os quais como que convivia; ao crescer, julgou-se vítima de uma doença psicológica, uma espécie de neurose. Como escritor, é como se Pessoa se desdobrasse em vários ou criasse, como um autor de teatro, personagens que assumissem a responsabilidade pelo que expressam; assim, essas várias “vozes” chegam mesmo a comentar os poemas uns dos outros. Imagine esta situação: você pode inventar, digamos, dois personagens, que têm uma biografia diferente da sua, um rosto diferente do seu, uma maneira de falar que não é a sua etc.; mais: quando escreverem, cada um dos... três terá algo especial na sua maneira de expressar!

Você vai ler, agora, um poema do heterônimo Ricardo Reis, cuja poesia fala do mundo pagão (isto é, pré-cristão), com seus deuses, sua filosofia, idéias e preferências artísticas. Há pouco tempo, Maria Bethânia gravou, no seu disco *Imitação da Vida*, uma música de Sueli Costa cuja letra é o poema de Ricardo Reis que vai abaixo. Grife os elementos do mundo antigo que você consegue identificar:

— Dê-me seu voto e será o mais sábio dos homens e vencerá todas as batalhas de que participar, prometeu, majestosa, Palas Atena, a mais sábia e a mais guerreira dentre as deusas.

Mas foi a dourada Afrodite, com seu sorriso cheio de encantos e seus olhos brilhantes, seu doce perfume e seus gestos delicados, que seduziu o pastor, tanto mais que prometeu algo equiparável⁹ à maravilha que ele tinha diante de seus olhos:

— A mais bela das mortais, a grega Helena, mulher de Menelau, compartilhará do seu leito, disse a deusa do desejo amoroso, sempre doce e amarga ao mesmo tempo, como costuma ser o amor.

Terminou com a vitória de Afrodite aquele julgamento, mas não a guerra das deusas nem as suas conseqüências — pelo contrário, ali Tróia começava a caminhar para a ruína última e definitiva. O pomo¹⁰ dourado da Discórdia arruinaria a cidade de Príamo e levaria a gregos e troianos muitas desgraças, lágrimas e dores sem conta. As deusas perdedoras, Hera e Palas Atena, ajudariam, na medida de suas

*Segue o teu destino,
Rega as tuas plantas,
Ama as tuas rosas
O resto é a sombra
De árvores alheias.
A realidade
Sempre é mais ou menos
Do que nós queremos.
Só nós somos sempre
Iguais a nós próprios.
Suave é viver só.
Grande e nobre é sempre
Viver simplesmente.*

*Deixa a dor nas aras
Como ex-voto aos deuses.
Vê de longe a vida.
Nunca a interrogues.
Ela nada pode
Dizer-te. A resposta
Está além dos deuses.
Mas serenamente
Imita o Olimpo
No teu coração.
Os deuses são deuses
porque não se pensam.*

(*ara*: altar, *ex-voto*: na Antigüidade, como hoje, as pessoas pediam curas aos deuses e faziam promessas; quando atendidas, cumpriam-nas e, muitas vezes, isso significava colocar no templo uma oferenda: no caso do doente, poderia ser uma imagem do órgão do corpo afetado. A essa imagem de agradecimento chamamos *ex-voto*).

⁹ *Equiparável*: comparável.

¹⁰ *Pomo*: fruta com polpa carnosa e forma esférica, como a maçã, a pêra e a romã.

forças, os inimigos dos troianos na longa guerra entre exércitos da Europa e da Ásia.

Um dia Páris, acompanhado de um de seus irmãos, viajou para a cidade de Esparta, pátria de Menelau, com o objetivo de raptar-lhe a esposa, que deveria ser sua, segundo a promessa de Afrodite. Foi recebido com uma hospitalidade digna dos gregos, numa recepção que unia anfitrião e hóspede em fortes laços de direitos e deveres mútuos. O marido, que de nada desconfiava, teve, pouco depois, de viajar para a ilha de Creta e, acreditando no pacto de hospitalidade, deixou sua própria esposa encarregada de tratar bem os troianos.

Helena, diante daquele jovem ainda mais belo por obra de Afrodite, apaixonou-se e, sabendo dos planos de Páris, longe de precisar ser levada à força,¹¹ resolveu com ele fugir levando seus tesouros. Foi bem recebida pelo rei Príamo, que não podia imaginar que desgraça acolhia em seus muros junto com aquela mulher que a todos encantava. No futuro, também um cavalo de madeira seria recebido com alegria e dele nasceria um rastro de destruição e morte.

Ao saber do que ocorrera, Menelau reclama de Tróia a esposa, em vão. Furioso e decidido a se vingar, conclama todos os seus aliados a marchar contra a cidade, sob o comando de seu irmão Agamêmnon.

Naquele exército, iam heróis que o mundo jamais

¹¹ Segundo outra versão da mesma história, Helena teria sido, de fato, *raptada*.

esqueceria: o jovem e impetuoso Aquiles, o arguto¹² Odisseu, ou Ulisses, tão hábil na ação quanto nas palavras, e tantos outros. Tróia, também chamada Ílion, assistiria a dez anos de batalhas em que combateriam os mais notáveis dentre os gregos e os troianos, em duelos que tinham muitas vezes alguma participação divina. Poetas e artistas praticamente do mundo todo, e em quase todas as épocas, recordariam inúmeras vezes aquele conflito terrível entre Europa e Ásia, que até hoje atíça a nossa imaginação.

¹² *Arguto*: esperto, perspicaz, sutil.

A ira de Aquiles

No décimo ano do cerco à cidade de Tróia, os gregos foram surpreendidos por uma terrível peste, enviada pelas setas do deus Apolo. Os animais foram os primeiros a serem atingidos, mas logo a doença contaminava os homens, multiplicando pelo acampamento as piras erguidas para incinerar¹ os mortos. Condoído² pela sorte dos seus, Aquiles reuniu o exército. Conhecedor do presente, passado e futuro, o adivinho Calcas tomou a palavra perante a assembléia dos gregos:

— Apolo está irritado com a ação de Agamêmnon. Como todos sabem, o rei maltratou o sacerdote do deus, quando este veio reclamar de volta a filha Criseida, aprisionada e escravizada por ele na cidade de Tebas da Mísia. Agamêmnon não quis devolver a moça ao pai; enquanto isso não ocorrer, Apolo nos infligirá dores sem conta.

Agamêmnon enfureceu-se com aquelas palavras, mas comprometeu-se a restituir a sua presa de guerra, desde que obtivesse uma compensação. Suspeitando que o rei desejava tirar-lhe sua escrava Briseida para substituir a filha do sacerdote, Aquiles ferveu de indignação:

— Despudorado,³ cão, nós o seguimos até aqui para que seu irmão Menelau se vingasse da afronta dos troianos, e você ameaça tirar-me Briseida? Eu

¹ *Incinerar*: queimar.

² *Condoído*: com dó.

³ *Despudorado*: sem pudor, sem-vergonha.

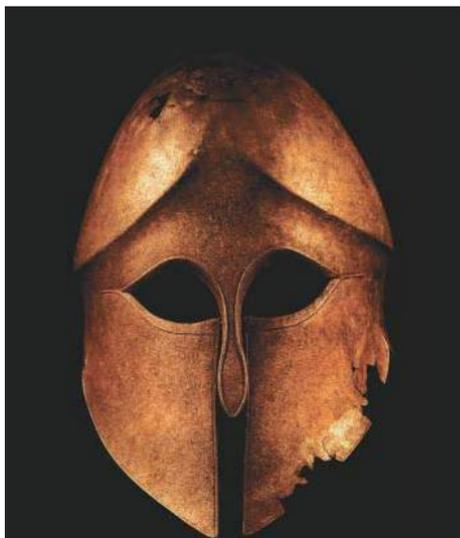
lutei tanto para capturá-la! Vou retirar-me para a minha cidade natal. Não quero ficar aqui, humilhado, conquistando bens e riquezas só para você.

— Vá embora, então — replicou Agamêmnon. Você só aprecia disputas, guerras e batalhas. Já que me levam Criseida, tomarei para mim a sua Briseida, escrava de bela face, para que saiba como sou mais poderoso do que você.

O filho de Peleu, Aquiles, ardeu de tamanho ódio que chegou a pensar em matar o rei. Foi então que, enviada por Hera, que queria proteger um e outro, Palas Atena desceu à terra e puxou Aquiles pelos cabelos loiros. Só o herói conseguia vê-la; perguntou-lhe o que ela fazia por ali.

— Vim para acalmar sua ira, disse Palas Atena, a deusa de olhos azuis. Não use a espada contra o rei, mas o maltrate apenas com as palavras. Um dia, por causa da violência que estão fazendo a você, esses mesmos homens lhe darão o triplo de bens. Por isso, contenha seu ódio e obediência!

Aquiles, então, obedecendo, desistiu de usar a espada, mas cobriu o rei com pesados insultos; Agamêmnon replicou com a mesma dureza. Permaneceram os dois cada qual em sua



Elmo Grego.

posição, uma disputa que seria prejudicial aos gregos. Após a dissolução da assembléia, Aquiles retirou-se para sua tenda, acompanhado do fiel amigo Pátroclo e de outros companheiros. Cruzava os braços, deixando o exército grego entregue à própria sorte. Pouco depois, vieram buscar a sua escrava Briseida, que o herói deixou partir.

Sozinho à beira-mar, Aquiles chorava e invocava a mãe, a deusa Tétis, de pés argênteos.⁴ Queixava-se de não receber a honra que os deuses lhe prometeram em sua breve vida. Surgindo dos abismos do mar como uma névoa, a deusa acariciou o filho e, ao saber o motivo daquele pranto, prometeu-lhe queixar-se pessoalmente a Zeus de uma tal afronta. Doze dias depois, quando o supremo rei e pai dos deuses retornou de uma viagem à África, Tétis, abraçada a seus joelhos, como era costume quando se suplicava a alguém, falou-lhe assim:

— Zeus pai, se eu, entre os imortais, alguma vez te ajudei, atende à minha súplica: concede honra a meu filho, destinado a uma morte precoce. Dá vitória e glória aos troianos enquanto os gregos não atribuírem a ele as honras devidas.

Apesar de temer a ira da esposa Hera, que apoiava os gregos, Zeus comprometeu-se a atender ao pedido, franzindo as sobrancelhas num sinal de aprovação; seus cabelos de ambrosia⁵ se agitaram e todo o Olimpo tremeu.

Dias de derrotas se sucederam para os gregos, que sentiram na pele a falta que fazia Aquiles, o herói de

⁴ *Argênteo*: de prata.

⁵ *Ambrosia*: (pronuncie ambrosía) substância divina que também servia de alimento para os deuses.

pés ligeiros. Sempre mais desconsolados a cada dia que passava, os gregos resolveram enviar uma embaixada de conciliação à tenda do herói. Mas Aquiles recusou os ricos presentes que lhe traziam e, dentre muitas outras palavras, proferiu estas:

— Minha mãe Tétis disse-me que o destino me reservava uma escolha: se eu permanecer em Tróia, combatendo, morrerei conquistando grande glória, mas se eu voltar para casa, terei uma vida longa, ainda que sem glória. Voltem, vocês todos, pois não verão jamais o fim da cidade de Príamo. Amanhã decidirei se voltarei para casa ou permanecerei aqui.

Acumulavam-se os sofrimentos dos gregos. Pátroclo, então, o grande companheiro de Aquiles, pediu-lhe que, ao menos, permitisse que ele usasse sua armadura e suas armas para ir em ajuda aos companheiros. Aquiles consentiu.

No campo de batalha, Pátroclo faz grande carnificina entre os inimigos troianos, mas Apolo intervém. Dissimulado em uma densa névoa, o deus chega perto de Pátroclo, golpeia-o na espinha e nos ombros e derruba o elmo⁶ de sua cabeça. Heitor, então, o maior dentre os guerreiros troianos, passaria a usar aquele capacete que outrora protegia Aquiles e jamais tinha caído ao chão antes daquele momento.

Apolo continua a agir sobre Pátroclo; rompem-se a lança e o cinturão que o herói trazia consigo; cai por terra o seu escudo, e o deus ainda lhe tira a couraça⁷. O herói pára, completamente aturdido. Um troiano de nome Euforbo o fere, enterrando uma

⁶ *Elmo*: capacete.

⁷ *Couraça*: armadura que protege o peito e as costas do combatente.

lança nos seus ombros. Heitor, percebendo que Pátroclo está ferido e procura se salvar retirando-se da batalha, fere-o com uma lança no ventre. O troiano parecia um leão vitorioso depois de disputar com um javali indomável a posse de uma mina de água. Diz Heitor:

— Pátroclo, você estava certo que iria tomar de assalto a nossa cidade e escravizar as mulheres troianas. Tolo! Os abutres o devorarão! Aquiles não poderá mais proteger você.

Mas Pátroclo ainda teve forças para responder:

— Isso mesmo, Heitor, você se vangloria com uma vitória que Apolo e Zeus lhe deram; mas foram os deuses que tiraram minhas armas. Mas ouça bem o que tenho a lhe dizer: Você não irá muito longe; logo virão ao seu encontro a morte e o destino invencível. Morrerá às mãos de Aquiles.

Depois de assim falar, a alma lhe voou dos membros e desceu ao reino dos mortos, o sombrio Hades, lamentando sua sorte,⁸ já que deixava um corpo há pouco cheio de vigor e juventude. Heitor dirigiu ao morto estas palavras:

— Pátroclo, por que me prediz terrível destino? Talvez Aquiles me preceda, ferido pela minha lança.

Então o troiano arrancou a sua arma do corpo do grego e pisou-o.

Foram levar a notícia a Aquiles, que naquele momento tinha o coração inquieto e a mente cheia de

⁸ Sorte: destino.

receios. Já presentia a morte do companheiro. Ao receber a confirmação de suas suspeitas, o herói demonstrou sua aflição: cobriu de cinzas o rosto e a veste e caiu por terra arrancando os cabelos. Chorava e gritava desconsolado.

A ninfa Tétis ouviu os lamentos do filho e gemeu; todas as ninfas do mar acompanharam sua dor e choraram. A mãe foi consolar Aquiles, que se sentia culpado pela morte do amigo e pretendia voltar ao combate para vingar a morte de Pátroclo.

Tétis prometeu ao filho novas armas, já que as dele haviam sido tiradas do corpo de Pátroclo e agora pertenciam a Heitor. A promessa logo se cumpriu. A pedido da ninfa, armas novas foram fabricadas pelo deus ferreiro, Hefesto.⁹ Chamava a atenção, sobretudo, um grande escudo em que o deus representara a terra, o mar, o céu com seus astros, além de cidades e campos. Quando a Aurora do dia seguinte despontou,¹⁰ trazendo a luz aos mortais e imortais, Tétis levou ao filho as armas fabricadas por Hefesto. Encontrou-o chorando, abraçado ao corpo do amigo.

Aquiles, então, dirigiu-se a Agamêmnon e disse-lhe que desistia de sua ira; pediu-lhe que esquecesse a disputa que os tinha separado. O rei, por sua vez, devolveu-lhe Briseida e confirmou que lhe daria todos os presentes prometidos quando da embaixada à tenda do herói. Estava selada a reconciliação, para desgraça dos troianos. A ira de Aquiles iria ter, agora, outro alvo.

⁹ *Hefesto*: na mitologia latina, Vulcano.

¹⁰ *Despontar*: surgir.

A morte de Heitor

Após fazer as pazes com Agamêmnon, Aquiles retornou ao campo de batalha, onde guerreava com fúria. Rápido por causa de seus pés ligeiros, parecia um corcel galopando a toda velocidade ou uma estrela brilhando através da planície. Tomado por um mau pressentimento, o rei Príamo suplicou a seu filho Heitor que não o enfrentasse. Hécuba, sua mãe, em lágrimas, fez-lhe a mesma súplica. O troiano, porém, estava decidido a não ceder ao apelo dos pais.

No entanto, quando Heitor avistou Aquiles, com sua armadura de bronze brilhando como um fogo ou o sol nascente, teve medo e fugiu. Aquiles voou atrás dele, perseguindo-o sem descanso. Estava em jogo, naquela corrida, a vida de Heitor. Assistiam a esse espetáculo não só gregos e troianos mas também os deuses; Zeus sentiu piedade do filho de Príamo.

Os heróis corriam sem que um conseguisse alcançar o outro. O pai e rei dos deuses, então, pesou numa balança de ouro os destinos dos dois: o resultado indicou claramente que a vida do troiano estava por um fio. Diante disso, Apolo, que até então o vinha protegendo, abandonou-o.

Para precipitar a morte de Heitor, Atena se transformou no mais querido dentre seus irmãos, Deífobo, e o estimulou a ir ao encontro de Aquiles. Heitor disse ao grego estas palavras:

— Não vou mais fugir. Dei três voltas ao redor dos muros de Tróia sem ousar enfrentá-lo, mas agora

basta. Se eu vencer, devolvarei seu corpo aos seus companheiros e, se for você o vencedor, devolva meu corpo aos meus.

— Não diga isso, maldito!, respondeu Aquiles. Nunca poderemos ser amigos, assim como acontece com o homem e o leão, com o lobo e o cordeiro, que se odeiam. Você pagará pelos sofrimentos dos meus companheiros mortos pela sua lança.

Depois destas palavras, Aquiles atirou a lança contra Heitor. Como este se desviou, a arma foi se fincar no chão. A própria Palas Atena a pegou de volta e, sem ser vista pelo troiano, entregou-a a Aquiles. Heitor, porém, atirou a sua contra o herói, atingindo o centro de seu escudo. O troiano, irritado, de repente percebeu que o falso Deífobo não estava mais do seu lado; compreendendo que fora vítima dos deuses, deu-se conta de que sua morte já estava próxima. Resolveu morrer lutando: desembainhou a espada e se precipitou contra Aquiles.

No entanto, o grego fere o pescoço de Heitor, num ponto deixado descoberto pela armadura que o troiano portava, a mesma que tomara de Pátroclo. Ao vê-lo tombar na poeira, Aquiles lhe diz palavras duras; Heitor ainda lhe dirige um pedido:

— Suplico-lhe, por seus pais, não deixe meu corpo sem sepultura, não o entregue aos cães dos gregos. Aceite resgate em troca dele e o devolva a Tróia.

— Ah!, cão, deixe de súplicas. Nem se Príamo quisesse comprar com ouro o seu corpo, eu o entregaria. Cães e aves o devorarão, replica o grego.

Morto Heitor, Aquiles lhe furou os calcanhares, passou por eles correias de couro, amarrou, pelos pés, o corpo a seu carro e partiu em direção aos navios gregos. Ao assistir a essa cena, a mulher de Heitor, Andrômaca, depois de um desmaio, chorando, pôs-se a lamentar a sorte do marido, dela mesma e do filho pequeno de ambos, Astíanax. Tróia toda acompanhava seu pranto.

Enquanto isso, também Aquiles chorava, pensando em Pátroclo. E todos os dias, ao nascer do sol, tomado de fúria, voltava a ligar o corpo de Heitor a seu carro e dava três voltas em torno do túmulo do amigo. Apolo, porém, encarregava-se de evitar que o corpo do troiano se desfigurasse com o tratamento que vinha recebendo. Até que, dez dias depois, o deus, indignado, assim falou aos outros habitantes do Olimpo:

— Cruéis! Por acaso Heitor não fazia sacrifícios a todos vocês? E agora não querem salvar nem mesmo seu corpo para que seus familiares possam incinerá-lo, prestando-lhe todas as homenagens? Vocês querem é ajudar Aquiles, que tem no peito um coração intratável, como um leão feroz. O que ele faz com o corpo de Heitor não é nem belo nem justo.

Mas Zeus, lembra-



Aquiles cuida do ferimento de seu amigo Pátroclo.

do dos sacrifícios que Heitor sempre lhe fazia, pôs em prática um plano para fazer Aquiles entregar o corpo do inimigo a seu pai. Chamou Tétis ao Olimpo e encarregou-a de enviar a seu filho uma mensagem: os deuses estavam irritados com seu comportamento, por isso ele deveria devolver o corpo de Heitor aos troianos. Por outro lado, mandou Íris, a mensageira divina, a Príamo, para estimular o velho rei a ir oferecer presentes a Aquiles como resgate pelo corpo do filho.

Ao ouvir as palavras de Zeus pela boca da mãe, Aquiles se comprometeu a aceitar o resgate. Quanto a Príamo, após receber o recado de Íris, consultou a esposa, mas Hécuba lhe disse que não fosse ao encontro daquele homem cruel; finalmente, o rei resolveu ir mesmo assim ao encontro do grego. Levava-lhe, entre outros presentes, belíssimos mantos, túnicas e moedas de ouro. Zeus o viu partindo e enviou o deus Hermes para protegê-lo no caminho.

Chegando à tenda de Aquiles, Príamo o encontrou ainda à mesa; tinha acabado de comer e beber. Em



Aquiles sonha com o amigo morto Pátroclo, em quadro do suíço Henry Fuselli (1741-1825). O pintor parecia ter certa predileção por temas como espectros e aparições noturnas.

atitude de quem suplica, segurou-lhe os joelhos e beijou a mão que tinha matado tantos filhos seus. Disse-lhe:

— Lembre-se, Aquiles, de seu pai, que tem a mesma idade que eu. Ele se alegra por saber que você está vivo e aguarda com ansiedade que seu filho volte para casa. Mas a mim, não me restou nenhum dos filhos de valor que gerei. Você matou o último, Heitor, que protegia Tróia e seu povo. Venho resgatar seu corpo, trazendo muitos presentes. Respeite os deuses, Aquiles, e, pensando em seu velho pai, tenha piedade de mim. Eu sou o mais infeliz dos mortais, já que levo aos lábios a mão do homem que matou meus filhos!

A essas palavras, Aquiles, pensando no pai e em Pátroclo, chorou, acompanhando as lágrimas de Príamo por Heitor. Finalmente, tomou a palavra:

— Infeliz, você sofreu muito em seu coração! Deixemos ambos nossas dores encerradas no peito: não se ganha nada com o pranto. Zeus distribui aos homens bens e males, misturados. Suporte! Chorando assim, não fará seu filho reviver mas conseguirá apenas sofrer ainda mais.

Aquiles, então, mandou que as escravas lavassem o corpo de Heitor e o untassem com óleo. Concluída essa tarefa, colocaram-lhe uma túnica. O próprio Aquiles o levantou e depositou no carro. Depois disso, convidou Príamo a comer junto com ele. Príamo observava, admirado, o grande e belo Aquiles, que parecia um deus; Aquiles, por sua vez, admirava o rosto nobre de Príamo.

Antes de irem dormir, o jovem prometeu ao velho rei que haveria uma trégua para que ele e os seus pudessem prestar as honras devidas ao corpo de Heitor. Temendo por Príamo, que estava em campo de inimigos, o deus Hermes veio a ele, incitou-o a partir e guiou-o em direção a Tróia. Chegaram quando a Aurora estendia seu manto sobre toda a terra.

Dez dias depois, ardia na pira o corpo de Heitor. Quando, no dia seguinte, a Aurora de dedos cor de rosa despontou¹, a multidão se reuniu em torno dela e prestou as últimas homenagens àquele homem que tinha conseguido conter o avanço do inimigo por tantos anos.

Este foi o fim de Heitor, o herói domador de cavalos.

¹ *Despontar*: surgir.



O centauro Quirão ensina o menino Aquiles a tocar cítara.

O calcanhar de Aquiles

O mais bravo dos guerreiros gregos era Aquiles, o herói de pés ligeiros. Sendo filho de um mortal com uma ninfa, estava destinado à morte. Mas sua mãe, Tétis, tentou desesperadamente torná-lo imortal. Segurando o filho pelo calcanhar, ela o mergulhava nas águas do Estige, o rio dos Infernos, que tornava invulnerável o que nele mergulhasse. A ninfa, porém, não percebeu que o calcanhar, por onde segurava Aquiles, acabou não sendo tocado por aquela água miraculosa; assim, essa parte do corpo do herói seria a única que armas humanas ou divinas poderiam atingir.

Na sua infância, Aquiles foi educado por um ser de vastos conhecimentos e muita sabedoria: o centauro Quirão. Esse mestre, que também educara outros heróis, ensinou ao menino a medicina, a arte da caça, a música e muito mais.

Quando os gregos preparavam a expedição para

punir Tróia, Tétis, assustada, já que sabia que o filho teria vida breve se participasse da guerra, tentou escondê-lo. Vestiu-o de mulher e o colocou entre as filhas do rei de Ciro, uma ilha grega. Ali viveu cerca de nove anos. Chegou a se casar, em segredo, com uma das filhas do rei.

No entanto, Calcas, o adivinho do exército grego, advertiu:

— Tróia não cairá se Aquiles não combater ao nosso lado! Ele está escondido na ilha de Ciro.

Odisseu,¹ então, sempre astuto, descobriu um modo de fazer Aquiles revelar sua identidade verdadeira e, assim, ser obrigado a partir para a guerra. Disfarçou-se de mercador e se dirigiu até Ciro. Ao exibir suas ricas mercadorias, percebeu que todas as moças se interessavam pelas roupas, tecidos, jóias e perfumes que trazia, menos uma; uma delas, apenas, parecia indiferente a tudo aquilo. Mas ao descobrir, no fundo de um dos cestos do mercador, armas reluzentes, aquela moça, na verdade Aquiles, imediatamente as pegou e manuseou com interesse. Outra versão da história diz que Odisseu fez ressoar pelo palácio real uma trombeta de guerra, fazendo todas as moças fugirem correndo, assustadas; Aquiles, porém, permaneceu onde estava e pediu armas para combater. Seja como for, traiu-se, e Odisseu o conduziu para junto do exército grego. Levava consigo, além de companheiros de armas, duas pessoas que lhe eram muito próximas: Fênix, um preceptor,² homem já velho, e Pátroclo, seu maior amigo.

¹ *Odisseu*: Ulisses.

² *Preceptor*: mestre.

Lutou bravamente ao lado dos outros gregos, sem nunca ter visto a queda de Tróia. Quando morreu Heitor, às mãos de Aquiles, as amazonas vieram em socorro da cidade. O herói lutou com elas e matou-lhes a rainha, Pentésiléia, que combatia com o rosto coberto. Ao receber o golpe mortal, o rosto da amazona se descobriu. Frente a frente com a beleza extraordinária das faces de Pentésiléia, quando ela já desfalecia³, Aquiles sentiu um misto de amor e compaixão.

Dizem alguns que um outro amor ajudaria a provocar sua morte. Apaixonado por uma das cinquenta filhas de Príamo, Políxena, marcou com ela um encontro. Páris, irmão da moça, preparou-lhe uma emboscada. Quando Aquiles chegou ao lugar combinado, o troiano acertou-lhe o calcanhar com uma flecha. Mas há quem diga que Aquiles morreu no campo de batalha, ferido por uma flecha do deus Apolo, que ordenara que ele se retirasse sem que o jovem obedecesse. Naquele momento, Aquiles conseguira chegar perto das muralhas troianas; Apolo, então, guiou a flecha disparada por Páris até o ponto fraco do grego.

Depois de lhe queimarem o corpo, os companheiros puseram suas cinzas numa urna de ouro, misturadas com a do amigo Pátroclo. Ao permanecer lutando em Tróia, fizera sua escolha: viver uma vida breve e gloriosa, ao invés de envelhecer na terra natal, como um desconhecido qualquer.

³ *Desfalecer*: perder as forças (aqui, ao morrer).

O cavalo de madeira e o fim de Tróia

Após dez anos de luta, sem que Tróia parecesse ceder, os gregos resolveram finalmente dar o golpe decisivo contra a cidade. Empregaram o que seria muitas vezes reconhecido como seu maior talento: a inteligência e a astúcia. Quem teve a idéia decisiva foi o preferido da deusa da sabedoria, Odisseu, ou Ulisses, um homenzinho atarracado, dotado de uma sagacidade¹ que o tornava indispensável ao exército. Seguindo instruções desse homem astucioso, Epeu construiu um grande cavalo de madeira e em seu enorme ventre entraram os maiores guerreiros da Grécia.

Os gregos fingiram que tinham partido de Tróia e que finalmente retornavam para casa, cansados da longa e inútil guerra. Na verdade, esconderam-se na ilha de Tênedos, que ficava próxima. Antes da partida, fizeram chegar aos troianos o rumor de que o enorme cavalo de madeira que haviam construído era uma oferenda à deusa Palas Atena, para que ela assegurasse um bom retorno a todos. Aliviados, os troianos saem dos muros que os protegiam e visitam o campo de tantas batalhas. Diante da alegria despreocupada dos seus, o sacerdote de Netuno, Laocoonte, se revolta:

— Que loucura é essa, infelizes cidadãos? Achem que os inimigos foram mesmo embora, que os dons²

¹ *Sagacidade*: astúcia.

² *Dons*: presente.

dos dânaos³ não contêm nenhuma armadilha? Temo os gregos mesmo quando trazem presentes!

É assim dizendo atirou uma lança no cavalo, cujo interior ressoou e pareceu soltar um gemido.

De repente se ouviu um clamor de vozes; pastores troianos traziam para junto do rei um jovem grego que tinham encontrado amarrado não muito longe dali. A notícia logo se espalhou e todo mundo correu para ver o rapaz e saber o que ia acontecer com ele. Admirados, ouviram suas primeiras palavras:

— Ai!, que resta para este infeliz? Não há lugar para mim entre os gregos, ao passo que os troianos querem se vingar com meu sangue!

Eram palavras entrecortadas de gemidos e lágrimas. Atiçaram a curiosidade de todo mundo, e talvez já começasse a nascer ali um pouco de piedade no coração dos troianos. Todos o estimularam a dizer quem era e o que lhe acontecera. Disse ele:

— Não negarei que sou grego; posso ser um pobre infeliz, mas não um mentiroso. O odioso Odisseu quis se vingar de mim, porque eu era companheiro de Palamedes. Odisseu odiava tanto esse homem que conseguiu fazer, através das mais sórdidas intrigas, que os gregos o condenassem à morte por traição. Eu fiquei indignado com o fim daquele inocente, prometendo vingá-lo, e Odisseu nunca me perdoou isso; pelo contrário, começou a fazer ameaças, a tecer acusações falsas. Não

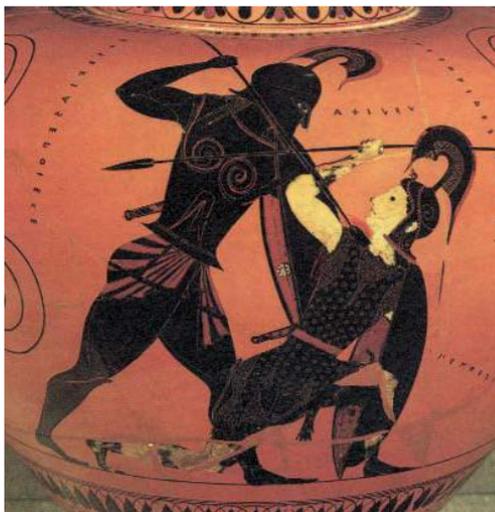
³ *Dânaos*: gregos.

descansou enquanto não conseguiu a ajuda do adivinho Calcas... Mas por que fico falando dessas coisas? Se vocês consideram todos os gregos da mesma forma, vamos, matem-me! Odisseu ficaria bem contente com isso, e Menelau e Agamêmnon lhes dariam uma boa recompensa...

Aquela era uma interrupção estratégica: os troianos arderam de curiosidade para saber o que acontecera com Sinão e que estaria fazendo o adivinho naquela história intrigante. Assim, rogaram que o rapaz continuasse a narrar os crimes da raça odiada. Fingindo como sempre, Sinão prosseguiu:

— Cansados dessa guerra, os gregos muitas vezes pensaram em ir embora, mas o mau tempo sempre os impedia. Um vento violento varria as ondas do mar, o céu se cobria de nuvens e trovejava espantosamente, sobretudo depois que o cavalo de madeira construído para a deusa Palas ficou pronto. Consultado o oráculo de Apolo,

os deuses nos mandaram esta mensagem horrível: “— Com sangue se deve buscar o retorno, sacrificando uma alma grega!” Ficamos todos apavorados, perguntando-nos quem de nós os destinos e Apolo estavam re-



Aquiles, no momento em que vai matar Penthesiléia. O jovem se apaixona, tragicamente, pela amazona.

clamando. Odisseu, então, traz o adivinho Calcas e o obriga a dizer que os altares estavam destinando à morte... Sinão, a mim, que aquele velhaco queria há tanto tempo pôr a perder! Todo mundo, aliviado de escapar à morte, aprova as palavras de Calcas. Chega o dia do sacrifício; amarram-me e colocam fitas em volta da minha cabeça, polvilhada⁴ com cevada e sal, como é costume fazer com os animais oferecidos aos deuses em sacrifício. Fugi, confesso a vocês, mas já não tenho esperança de rever meus queridos filhos e meu saudoso pai. Pelos deuses do alto e pelos numes⁵ da verdade, suplico-lhes, tenham compaixão de uma alma que suportou tamanhos sofrimentos sem merecer!

Sinão terminou esse discurso em lágrimas, comovendo o coração dos troianos. Por fim, com a mesma habilidade, contou como o cavalo fora construído para obter as boas graças de Palas Atena. Por recomendação de Calcas, tinham feito algo enorme, que fosse impossível de penetrar nos muros de Tróia, afinal a posse do cavalo significaria a proteção da deusa para seu povo. Se o recebessem na cidade, um dia Tróia haveria de fazer uma guerra vitoriosa aos gregos; porém, se maltratassem o dom de Palas, grande mal adviria para o Império de Príamo.

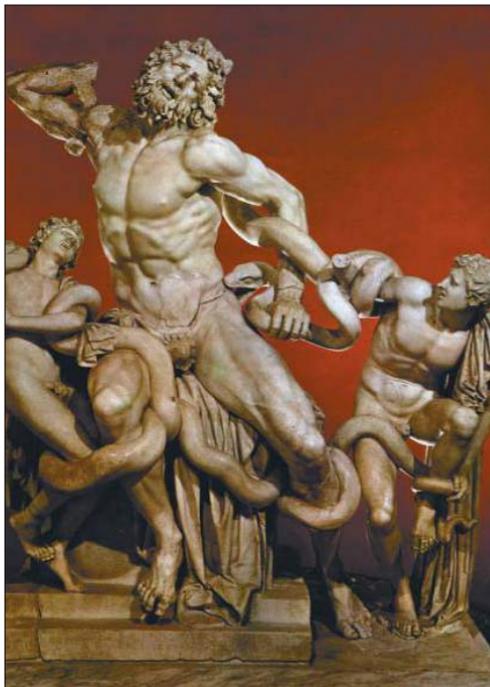
Mas eis que de repente um prodígio aterrador veio perturbar a mente e o coração dos troianos ainda mais. Quando Laocoonte, que atingira com a lança o

⁴ *Polvilhado*: salpicado.

⁵ *Numes*: divindades.

Conjunto em mármore retratando a morte de Laocoonte. Atualmente se encontra no Museu do Vaticano, em Roma.

cavalo deixado pelos gregos, estava sacrificando um touro na praia, da ilha de Tênedos, através das águas tranqüilas, duas serpentes gigantescas começaram a vir em sua direção. Tinham enormes anéis e seus peitos erguidos e suas



cristas cor de sangue se sobressaíam sobre as ondas. Faz-se um estrondo no mar espumante. E eis que logo chegam à praia e se dirigem ao sacerdote com os olhos ardentes injetados de sangue e fogo e vibrando as línguas sibilantes.⁶

A esse espetáculo horrendo, os troianos fogem em disparada, brancos como cera. Os monstros do mar buscam Laocoonte e envolvem em seus anéis gigantescos o sacerdote e seus dois filhos. O pai estava armado, mas as serpentes o prendem com nós apertados em volta do seu corpo, impedindo qualquer reação. Laocoonte tenta em vão afrouxar os nós, ainda segurando nas mãos as fitas do sacrifício,

⁶ *Sibilantes*: que sibilam, isto é, fazem ruído semelhante a um assobio, como acontece com as cobras.

agora tingidas de sangue e do negro veneno dos monstros. Ao mesmo tempo solta em direção aos astros horrendos berros. Pareciam os mugidos de um boi que foge do altar, depois que recebeu um golpe de machadinha no pescoço não forte o bastante para derrubá-lo em sacrifício aos deuses. Os dragões então se dirigem ao santuário da deusa Palas e se escondem sob o escudo aos pés da deusa.

Esse acontecimento pareceu aos troianos uma severa advertência da deusa, afinal Palas Atena punira com as serpentes do mar o sacerdote que tinha atirado uma lança contra o cavalo a ela dedicado. Mais que depressa, eles transportaram aquele objeto gigantesco para dentro de suas muralhas. Ao som de hinos religiosos, com festas e alegres cânticos, o cavalo foi introduzido na cidade.

Nessa noite, enquanto os troianos dormiam, como que sepultados no sono e no vinho, a esquadra grega deixou Tênedos e se dirigiu a Tróia, encoberta pelas trevas que pareciam abraçar todo o mundo, cúmplices da estratégia de Odisseu. Sem ser visto, Sinão caminhou até o cavalo e chamou os guerreiros para fora. É sobre uma Tróia despreocupada e desarmada que se precipitaria o inimigo, sedento de vingança depois de tantos anos de luta inútil.

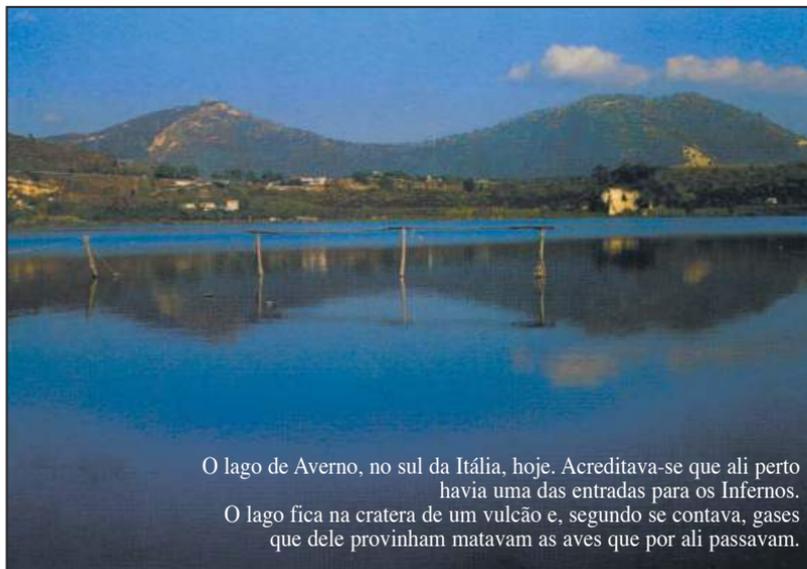
E aquela foi a última noite da outrora próspera cidade asiática, vítima dos deuses, da esperteza de um grego, de palavras e lágrimas mentirosas, mas também da sua própria boa-fé e compaixão. Muitos dos guerreiros gregos que praticaram naquela ocasião toda espécie de crime seriam castigados

depois, ao passo que os troianos que conseguiram escapar da cidade em chamas haveriam de lançar as sementes de uma outra e muito mais poderosa Tróia, a futura Roma, como se os deuses se divertissem em erguer hoje às alturas da glória os que amanhã tombariam na mais dura ruína e vice-versa. Mas essa já é uma outra história.

Em pouco tempo, uma cidade próspera e rica tombava em ruínas junto com seu velho rei, Príamo, logo reduzido a um mísero corpo decapitado, sem ninguém que lhe desse sepultura. Em pouco tempo, toda a cidade se enchia de lágrimas de mulheres e crianças logo escravizadas para servir aos senhores gregos. As trevas que haviam dissimulado a irrupção⁷ do inimigo pela cidade iluminavam-se com o fogo de um incêndio que parecia querer durar para todo o sempre.

⁷ *Irrupção*: invasão súbita e impetuosa.

O retorno de Odisseu



O lago de Averno, no sul da Itália, hoje. Acreditava-se que ali perto havia uma das entradas para os Infernos. O lago fica na cratera de um vulcão e, segundo se contava, gases que dele provinham matavam as aves que por ali passavam.

Odisseu e o ciclope

Dentre os heróis gregos que lutaram em Tróia, Odisseu se destacava por sua astúcia e inteligência. Ninguém sabia como ele sair de uma situação difícil empregando os recursos de um espírito sagaz.¹

Terminada a guerra, Odisseu teve de se aventurar, com seus companheiros de armas, por uma longa e arriscada jornada de volta à ilha de Ítaca, sua terra natal.

Navegavam pelos mares, quando Zeus enviou sobre todos uma tempestade espantosa: ventos velocíssimos varriam terras e mares, e a mais profunda noite

¹ *Sagaz*: astucioso.

desceu sobre o oceano. Depois de vários dias de cansaços e sofrimentos, os gregos foram parar na terra dos Lotófagos, um povo que se alimentava da flor do lótus.²

Ao desembarcar, Odisseu mandou alguns homens em missão de reconhecimento, para descobrirem que tipo de pessoas viviam ali. Os Lotófagos os receberam bem e lhes deram para comer a flor do lótus. Quem comia aquela flor, porém, não sentia mais vontade de voltar para casa e acabava ficando. Assim, aqueles companheiros de Odisseu não queriam mais voltar aos navios. Foi preciso levá-los à força e partir correndo daquela terra, para que ninguém mais, comendo a flor, se esquecesse do sonhado retorno para casa.

A próxima região visitada por Odisseu foi a ilha dos ciclopes. Eram seres monstruosos, gigantescos e com um só olho no meio da testa. Viviam sem leis e eram pastores. Nem aravam a terra nem tinham cidades. Suas casas eram cavernas situadas no alto das montanhas.

Odisseu chegou de noite à terra dos ciclopes e, ao surgir a aurora do dia seguinte, pôs-se a explorar a ilha. Ali havia muitas cabras selvagens e os homens caçaram algumas para a refeição do dia. Voltaram para os navios. Na manhã seguinte, Odisseu resolveu ir com seus homens ao encontro dos habitantes daquela terra, que ainda não conhecia.

Ao penetrar na ilha, Odisseu avistou uma caverna que ficava bem no alto de uma montanha; por perto

² *Lótus*: nome de uma planta aquática.

havia ovelhas e cabras e um ser enorme, que dormia e parecia viver apartado dos outros. Era o ciclope Polifemo. Odisseu, então, decidiu escolher doze companheiros, mandou os outros de volta para o navio, e se dirigiu à caverna. Trazia consigo comida e um ótimo vinho, doce, puro e perfumado, digno dos deuses.

Quando chegou à caverna, Odisseu notou que o ciclope saía para apascentar³ seu rebanho. Na gruta, os companheiros de Odisseu viram queijo e ovelhas e cabras; desejaram, então, apoderar-se de tudo e ir embora para o navio. O herói, porém, queria esperar pela volta do ciclope, para conhecê-lo de perto.

Os homens estavam comendo quando o ciclope apareceu, trazendo lenha seca para preparar seu jantar. Ao jogar o feixe de lenha no chão provocou um estrondo que fez os gregos fugirem correndo para o fundo da caverna. Estavam presos ali, pois o ciclope fechou a entrada com uma enorme pedra que aqueles homens jamais poderiam remover. Depois de ordenhar seus animais e alimentá-los, o monstro acabou percebendo aqueles intrusos, mortos de medo num canto de sua morada, e lhes perguntou com uma voz profunda e assustadora:

— Quem são vocês, estrangeiros? De onde vieram? São comerciantes ou piratas?

— Somos gregos, respondeu Odisseu. Retornamos para casa vindos de Tróia. Mas tempestades e ventos nos desviaram de nossa rota, pois assim quis Zeus. Ó poderoso, trate-nos como

³ *Apascentar*: levar para pastar.

hóspedes, abrigando-nos. Zeus protege os deveres da hospitalidade.

— Você é um tolo ou vem de muito longe, já que não sabe que nós, os ciclopes, não nos preocupamos com Zeus nem com os outros deuses. Mas me diga onde está o seu navio.

— Possêidon⁴ destruiu-o, mentiu astutamente Odisseu.

O vento o lançou contra as rochas desta ilha.

Então o ciclope, sem nada mais falar, estendeu a mão sobre os companheiros de Odisseu, agarrou dois e bateu-os contra o solo. Esquartejou-os membro por membro e os devorou, entre goles de leite. Era o seu jantar daquela noite. Em seguida, adormeceu.

Diante daquele espetáculo horrendo, a mais profunda angústia tomou conta dos homens. Odisseu, então, pôs-se a pensar num meio de escapar dali com vida; não podia matar o monstro, pois, nesse caso, quem removeria a pedra gigantesca que tapava a entrada da caverna?

No dia seguinte, o ciclope acordou e pegou mais dois homens para devorar na sua primeira refeição e saiu. Veio à mente de Odisseu, então, uma idéia para salvar a si e aos seus: pegou um grande tronco que ali se encontrava, fez uma estaca com uma ponta bem fina e escondeu-a. À noite, o ciclope voltou, recolheu na caverna seu rebanho e fechou a entrada com a rocha. Depois, como jantar, agarrou mais dois dos homens de Odisseu e devorou-os. Odisseu se dirigiu a ele:

⁴ *Possêidon*: Netuno, na mitologia latina.

— Ciclope, vamos, beba vinho. Trouxe-o para lhe oferecer, na esperança de que você tivesse piedade de nós.

Polifemo tomou o vinho e achou-o delicioso; quis mais. Perguntou, então, como Odisseu se chamava.

— Meu nome é “Ninguém”, disse espertamente Odisseu. É assim que todos me chamam.

Depois daquele jantar e de muito vinho, o ciclope foi vencido por um sono profundo. De quando em quando, saía de sua boca vinho e carne humana. Odisseu não perdeu tempo: com mais quatro companheiros, pegou a estaca e aqueceu sua ponta no fogo. Depois, a um só tempo, furaram o único olho do ciclope. O monstro acordou gritando espantosamente, fazendo toda a caverna ressoar com seus berros. Furioso, tirou a estaca do olho e saiu para chamar os outros ciclopes que moravam em cavernas vizinhas.

— Por que você grita desse jeito, Polifemo? Por acaso alguém está tentando matá-lo usando a astúcia ou a força?, perguntaram os outros.

— “Ninguém” está tentando me matar, usando a astúcia e não a força!, respondeu Polifemo.

Os ciclopes, diante daquela resposta, acharam que ninguém estava perturbando o companheiro, que devia estar doente, e foram embora. Odisseu ria por dentro daquele plano astucioso que enganara Polifemo... O ciclope, gemendo e agora cego, conseguiu tirar a pedra que tampava a caverna e, na entrada, ia apalpando as ovelhas e carneiros que saíam, para não deixar escapar os homens.

Odisseu teve, então, mais uma de suas idéias brilhantes: amarrou lado a lado, de três em três, alguns carneiros grandes e com a lã crescida. No carneiro do meio, colocava um dos seus companheiros, amarrado sob seu ventre; os outros dois carneiros, cada um de um lado, serviam de proteção, disfarçando o homem que ia no centro. Odisseu pegou um carneiro maior e de pêlo mais crescido e colocou-se embaixo do animal, agarrando-se fortemente à sua lã. Passaram todos pelo ciclope, que de nada desconfiava. Ao sair, Odisseu largou o animal e desamarrou os companheiros.

Quando estava a salvo em seu navio, Odisseu dirigiu-se ao ciclope. Criticou a violência que ele exercera contra os companheiros e disse seu verdadeiro nome, para que o monstro pudesse contar a quem perguntasse que fora Odisseu quem o cegara. Polifemo, enfurecido de ódio, suplicou ao deus Possêidon, que era seu pai. Pediu-lhe que Odisseu ou não voltasse para casa, ou só conseguisse isso depois de muito tempo e sofrimento, após perder todos os companheiros. E, se devia mesmo retornar, que encontrasse muitas dores em sua casa. Depois de orar, jogou contra o navio uma enorme pedra, que não o acertou mas provocou uma grande onda. Odisseu e os seus partiram às pressas, com o coração inquieto por causa das palavras do ciclope. De fato, aquele pedido a Possêidon seria atendido...

Na ilha da feiticeira Circe

Depois de ter partido às pressas da terra do ciclope e de ter vivido outras aventuras arriscadas por mar e terra, Odisseu chegou à ilha de Eéia, onde vivia Circe, a filha do Sol. Após alguns dias, desceu a terra e avistou a casa da feiticeira. Decidiu, então, dividir seus homens em dois grupos e mandou um deles, comandados por Euríloco, para explorar o lugar.

Chegando à morada de Circe, os gregos viram algo espantoso: enormes leões e lobos que, mansos como cães, ao invés de atacar, abanavam o rabo. Diante da porta da feiticeira, ouviram-na cantar: tinha uma bela voz, que ressoava por toda a casa. Chamaram-na, e Circe abriu a porta e os fez entrar; só Euríloco preferiu ficar fora, temendo que se tratasse de alguma cilada.

Aos homens de Odisseu, a filha do Sol serviu bebida e comida, colocando nesta poções mágicas para levá-los a esquecer-se da pátria. Depois tocou neles com uma varinha, e todos se transformaram em porcos. De humano, só lhes restara a mente, e eles choravam. Circe os trancou num pocilga¹ com comida para porcos.

Euríloco, que tudo vira, correu para os navios e contou a Odisseu o que acontecera. Tomando de uma espada, Odisseu partiu rumo à casa da feiticeira. No caminho, porém, o deus Hermes² veio ao seu

¹ *Pocilga*: curral de porcos.

² *Hermes*: Mercúrio, na mitologia romana.

encontro e lhe disse:

— Aonde vai, infeliz? Acha que pode libertar seus companheiros? Você ficará lá, como eles, transformado em porco. Mas eu vou salvá-lo.

Depois de ensinar a Odisseu o modo de escapar dos feitiços de Circe, o deus lhe deu uma planta, de raiz negra e flor branca, que arrancou da terra. Ela o protegeria.

Odisseu se dirigiu para a casa onde estavam presos seus companheiros. Chamou por Circe, que o introduziu em sua casa e lhe serviu uma bebida com poção mágica. A feiticeira, depois disso, tocou-o com a varinha e disse:

— Vá para a pocilga junto de seus companheiros!

Odisseu, porém, como lhe recomendara Mercúrio, pegou a espada e com ela fingiu querer matar Circe. A filha do Sol, gritando e chorando, abraçou-se a seus joelhos, e disse:

— Quem é você, que, apesar de ter bebido minha poção, não ficou enfeitiçado? Isso nunca aconteceu antes. Você deve ser Odisseu; Mercúrio me avisou que você viria de Tróia um dia. Mas embainhe de novo a espada e venha para o meu leito.

— Só aceitarei se você jurar que não tramará algo contra mim, respondeu Odisseu.

Assim se uniram Circe e Odisseu naquele dia. Mas quando os dois estavam à mesa para comer e beber, Circe notou que o herói parecia inquieto e não tocava em nada que lhe servira. Perguntou por que ele estava assim, e Odisseu lhe disse que não poderia comer e beber tranquilamente enquanto seus

companheiros estavam naquela situação. A feiticeira, então, retirou o encantamento, e os porcos se transformaram de novo em homens. Odisseu e os seus, chorando, e até mesmo a própria Circe, se comoveram com aquele reencontro.

Até o final do ano permaneceram todos ali, muito bem tratados. Até que um dia, Odisseu pediu a Circe que os deixassem partir e voltar para casa. Circe respondeu assim:

— Odisseu astucioso, não ficará contra a vontade em minha casa. Mas uma outra viagem o aguarda. Você deverá ir ao reino dos mortos, ao Hades, para interrogar o adivinho Tirésias, que se encontra naquelas regiões sombrias.

Odisseu sentiu apertar-lhe o coração ao ouvir aquelas palavras. Não sabia como chegar ao reino dos mortos. Circe, porém, deu-lhe instruções detalhadas para lá chegar.

Antes da partida, aconteceu um grave incidente. O jovem Elpenor, bêbado de vinho, estava dormindo sobre o teto da casa de Circe; ao ouvir o clamor dos companheiros que partiam, acordou de repente e, esquecido de onde estava, deu alguns passos para a frente e se precipitou no vazio. Quebrou o pescoço e sua alma desceu ao Hades.

Ao saber que iam em direção ao reino das sombras, os companheiros de Odisseu se entregaram ao pranto.

Odisseu vai ao reino dos mortos

Seguindo instruções de Circe, Odisseu navegou até os confins do Oceano, onde fica a cidade dos cimérios, entre névoa e nuvens, e sempre é noite. Desembarcou ali com os companheiros e fez um sacrifício aos mortos; quando o sangue dos animais escorreu na terra, as almas dos mortos se aproximaram. Eram mulheres, jovens, velhos, guerreiros mortos em batalha, que se agrupavam em torno da fossa fazendo estranho rumor.

Eis que Odisseu viu se aproximar a alma de Elpenor, que não tinha sido sepultado ainda. O companheiro se dirigiu a ele e rogou que lhe desse uma sepultura. Depois apareceu Anticléia, a mãe de Odisseu, que não sabia ainda de sua morte, já que a deixara viva quando partira de Ítaca. O herói chorou, cheio de piedade em seu coração. Por fim, chegou o adivinho Tirésias, que disse:

— Odisseu astucioso, por que veio a este triste lugar? Quer voltar para casa? Mas, por causa da ira de Possêidon isso não será fácil. Você poderá conseguir, desde que tome uma precaução: na Sicília, não coma dos rebanhos do deus Sol. Se regressar a Ítaca, encontrará ali muitos males: homens autoritários devoram os seus bens e querem tomar para si sua esposa. Mas você os castigará. Não se esqueça, porém, de fazer sacrifícios a Possêidon.

Depois que o adivinho se afastou, a mãe de Odisseu se aproximou da fossa em que os animais tinham sido sacrificados e bebeu do sangue. Depois disso, reconheceu o filho e, chorando, disse:

— Como você chegou até aqui? Além de rios e abismos, há o Oceano a atravessar. Vem de Tróia ou de Ítaca?

— Vim ao Hades para consultar Tirésias, disse Odisseu. Mas como você morreu? E como estão meu pai, meu filho e minha esposa?

Anticléia contou ao filho que sua esposa não cedia aos pretendentes,¹ seu filho administrava a propriedade e seu velho pai vivia isolado no campo, arrasado por tudo o que acontecera. Quanto a ela mesma, morrera de tristeza e saudade do filho. Odisseu, comovido, três vezes tentou abraçar aquela sombra do que fora sua mãe, mas três vezes ela escapou de suas mãos, como se fosse vento ou um sonho.

Depois desse encontro, Odisseu viu mulheres famosas, dentre elas Alcmena, a mãe de Hércules, Leda, a mãe de Helena de Tróia, e Ariadne. Quando se foram, apareceram os companheiros de luta; primeiro, Agamenão, que, ao ver Odisseu, gemeu e chorou; queria abraçar o herói, mas faltavam-lhe as forças. Contou a Odisseu que não morrera no mar mas assassinado em sua própria casa, numa cilada preparada pela esposa e o amante desta.

Mas eis que de repente surge... Aquiles, chorando e dizendo:

— Odisseu astucioso, você ousou vir ao reino dos mortos?

— Aquiles, não existe ninguém mais feliz que você; quando vivo, todos nós lhe conferíamos honras

¹ *Pretendentes*: os homens que pretendiam ter a mulher de Odisseu por esposa.

dignas de um deus; agora, é soberano entre os mortos, e não tem motivo para se queixar da morte, respondeu Odisseu.

— Pois eu preferiria servir como trabalhador braçal a um homem humilde a ser rei entre os mortos!

Quando Aquiles quis saber a respeito de seu filho, Odisseu deixou-o alegre e orgulhoso ao contar-lhe as ações heróicas do jovem.

Calado e apartado das outras almas, Odisseu avistou Ájax. Estava irado ainda com Odisseu, pois disputara com este as armas de Aquiles, depois da morte do herói — e os gregos tinham dado essa honra a Odisseu.

— Ájax, nem morto você esquece o ódio contra mim? Venha até aqui! Dome seu furor e seu nobre coração!, disse Odisseu.

Mas Ájax nem sequer respondeu. Caminhou e se misturou às outras almas do Hades.

Por fim, Odisseu viu Minos, o juiz dos mortos, e alguns dos condenados ao castigo eterno, como Tântalo e Sísifo.² Finalmente, conversou com a sombra de Hércules: era só uma sombra — o herói, na verdade, agora estava no Olimpo, entre os deuses imortais.

Odisseu ainda pensou em encontrar outros conhecidos, mas ao avistar uma multidão de almas, gritando estranhamente, teve medo de que a rainha dos mortos enviasse contra ele algum monstro como a Medusa.³ Voltou correndo para o navio e zarpou.⁴

² Se não se recorda dessas personagens, releia a história de Orfeu e Eurídice.

³ *Medusa*: mulher monstruosa, com serpentes em vez de cabelos, seu olhar petrificava as pessoas.

⁴ *Zarpar*: partir sobretudo numa embarcação.

Os novos perigos da viagem

De retorno do mundo dos mortos, Odisseu voltou à casa de Circe com os seus companheiros; ali sepultou Elpenor e, após ouvir as advertências da feiticeira, partiu.

Aproximando-se das Sereias, Odisseu tapou com cera os ouvidos dos companheiros para que eles não ouvissem seu canto, que enfeitiçava os homens fazendo-os esquecer do retorno e ficar por ali até a morte. Quanto a ele, que queria escutar a canção daqueles seres sem ser arrastado pelo seu encantamento, ordenara aos homens que o amarrassem fortemente ao mastro e não o soltassem, mesmo que pedisse. Feito isso, pouco depois se ouviram as vozes das Sereias:

— Venha aqui, famoso Odisseu, para escutar nosso canto suave como o mel.

Odisseu, enfeitiçado por aquelas vozes belíssimas, implorou que os companheiros o soltassem, mas, obedecendo a suas ordens, eles não o fizeram. Passado o perigo, destaparam os ouvidos e o soltaram.

Mas uma outra prova os aguardava: deveriam passar por um estreito perigoso, entre rochas ameaçadoras de um lado e outro. De um lado, havia Cila, do outro Caríbdis, dois monstros que destruíam as embarcações que por ali passavam. Caríbdis sugava a água do mar, com terrível estrondo, e depois a vomitava. Quem conseguia escapar de uma, via seu navio destroçado pela outra. E eis que Cila arrebatou

os seis melhores companheiros de Odisseu: precipitados ao mar, gritavam seu nome em vão.

Tendo conseguido escapar a mais esse perigo mortal, Odisseu chegou à ilha onde estavam os rebanhos do Sol. Não queria permanecer naquele lugar, mas os companheiros estavam esgotados e desejavam descansar. Odisseu os advertiu para não tocar nas vacas e ovelhas do Sol. Entretanto, com o passar dos dias, quando as provisões do navio acabaram, Euríloco e os outros companheiros de Odisseu decidiram matar as vacas mais gordas para saciar a fome. Com receio da ira do deus, prometeram que, ao chegar a Ítaca, construiriam um templo para o Sol.

Odisseu estava em terra, dormindo. Quando voltou para o navio e percebeu que tinham cometido o sacrilégio, repreendeu-os. Estranhos prodígios estavam mostrando a cólera divina: as carnes nos espetos mugiam como vacas.

Sete dias depois, estavam todos de novo no mar. De repente, o céu se escureceu e o mar se encrespou. Zeus enviava terrível tempestade contra o navio, que, atingido por um raio, se desfez. Os companheiros de Odisseu não retornariam mais... Odisseu conseguiu amarrar a quilha e o mastro e, nessa espécie de jangada improvisada, sentou-se, deixando-se levar pelos ventos furiosos. Vagou vários dias ao sabor das ondas até ir parar na ilha de Ogígia, onde morava a ninfa Calipso, numa grande caverna.

Calipso apaixonou-se por Odisseu e não queria deixá-lo mais ir embora. Sete anos passaram.

Odisseu permanecia muito tempo olhando para o mar e chorava sempre, desejando partir. Calipso queria que ele fosse seu esposo, e para sempre, pois ela o faria imortal. Mas o grego só pensava em Penélope, a mulher que deixara em Ítaca. Zeus teve de mandar Hermes com uma mensagem para a ninfa: deveria deixar o herói partir, pois era seu destino retornar. Às palavras divinas, Calipso respondeu:

— São cruéis os deuses. Vocês têm inveja das deusas que tomam um mortal por marido. Eu salvei Odisseu, acolhi-o e alimentei-o. Pretendia torná-lo imortal e tê-lo sempre ao meu lado. Mas não posso desobedecer a uma ordem de Zeus.

Assim, Calipso não só permitiu que Odisseu a deixasse como também lhe deu comida, bebida, roupa e até mesmo um vento propício para a viagem. O herói partiu numa jangada.

Perto da terra dos feácios, Possêidon, sempre irritado contra Odisseu, que cegara o ciclope, provocou uma terrível tempestade. Com seu tridente, agitou violentamente as águas do mar. Todo tipo de vento se precipitou, com horrendo uivo, sobre as ondas. E a noite envolveu a tudo. Quando a morte parecia próxima, Atena veio ajudar Odisseu; acalmou os ventos, e o herói pôde nadar até a terra dos feácios, onde estaria a salvo.

A chegada de Odisseu e o massacre dos pretendentes

Depois de uma estada na terra dos feácios, onde o rei Alcínoo, sua esposa Arete e a filha Nausícaa o receberam muito bem, Odisseu conseguiu retornar à ilha de Ítaca. Estivera longe da terra natal por muitos anos. Ao chegar, não a reconheceu, pois Palas Atena a tinha envolvido em uma névoa, e ele tinha a impressão de estar em país desconhecido.

Quando Odisseu chorava pela pátria, a deusa lhe apareceu na figura de um jovem pastor, que lhe disse estar ele em Ítaca. Astucioso, Odisseu contou ao jovem uma história mentirosa sobre si mesmo e suas viagens. Palas, sorrindo, disse-lhe então:

— Quem poderia vencê-lo em astúcia? Como você gosta de histórias mentirosas! Eu também conheço astúcias. Pois saiba que eu consegui enganá-lo: sou Palas Atenas, a filha de Zeus.

E Palas Atena desfez a névoa e mostrou Ítaca a Odisseu, que de tão feliz, beijou a terra, buscada por tanto tempo e tantos mares e perigos. A deusa concebeu um plano para que ele pudesse se vingar dos pretendentes que estavam como abutres em sua casa: transformou-o num mendigo maltrapilho¹, de pele enrugada, velho e calvo. E Odisseu, sempre aconselhado pela deusa, caminhou até a casa do porqueiro² Eumeu, que se mantivera fiel ao patrão durante toda a sua ausência.

Na casa desse criado leal, Odisseu, que inventou, a seu respeito, uma história em que mesclava

¹ *Maltrapilho*: esfarrapado; vestido com trapos.

² *Porqueiro*: que cuida de porcos.

habilmente mentira e verdade, foi muito bem recebido; e pôde observar o grande cuidado com que o porqueiro cuidara de seus bens. Ali ocorreria um acontecimento notável: o reencontro entre Odisseu e seu filho Telêmaco, depois de tão longa separação. Eumeu tratava Telêmaco como a um filho querido. De início, pai e filho conversaram sem que o segundo soubesse a verdadeira identidade do primeiro. Mas Palas Atena apareceu mais tarde a Odisseu e, tocando-o com uma varinha de ouro, devolveu-lhe o antigo aspecto. Telêmaco reconheceu o pai, e os dois se abraçaram chorando.

Depois de transformado novamente em mendigo, Odisseu foi para a sua antiga casa. Seu cão Argo, ao ver o dono, reconheceu-o, mesmo sob aquele aspecto: abanou a cauda, erguendo as orelhas. Odisseu, que não podia se revelar, conteve sua emoção, mas uma lágrima lhe caiu às escondidas. Argo, revendo Odisseu após vinte anos de ausência, de repente caiu por terra, morto. Quando Odisseu entrou junto com Eumeu, um dos pretendentes, de nome Antínoo, disse:

— Já não temos vagabundos suficientes em nossa cidade?

Na ausência do dono da casa, os pretendentes comiam e bebiam às suas custas. Tinham tentado matar Telêmaco numa emboscada que falhara. Desejavam a mão de Penélope, mas a astuciosa mulher de Odisseu os enganava com um stratagem. Dizia que se casaria com um dos pretendentes após acabar de tecer uma mortalha³

³ *Mortalha*: veste para envolver um morto que vai ser enterrado, aqui, para Laertes, o pai de Odisseu, que, entretanto, ainda estava vivo, morando no campo.

para o sogro; porém, o que tecia de dia, desmanchava à noite, secretamente. E assim ia adiando a decisão, pois a mortalha jamais ficava pronta.

Dos pretendentes, o falso mendigo Odisseu teve de escutar muitas insolências e suportar maltratos. Mas vingou-se terrivelmente, com a ajuda do filho, da esposa e dos criados que lhe tinham permanecido fiéis. A astuciosa Penélope propôs uma prova aos pretendentes: casar-se-ia com quem conseguisse, usando o arco de Odisseu, fazer passar uma flecha por doze machados postos em fileira. A flecha deveria passar, de uma vez, pelos orifícios que os machados tinham na parte superior. Era difícil até mesmo conseguir vergar o arco. Nenhum dos pretendentes conseguiu. Mas eis que Odisseu entrou na competição e realizou a façanha que parecia impossível. Então pai e filho, ao lado dos servidores fiéis, mataram os pretendentes um a um.

Cautelosa, Penélope quis uma prova a mais de que aquele homem em farrapos era o seu caro Odisseu: que ele descrevesse o leito conjugal, cujas características só ela e o marido conheciam. Quando teve certeza de que se tratava mesmo de Odisseu, sentiu o corpo se enfraquecer como se fosse desmaiar e, chorando, abraçou-o e beijou-o, dizendo:

— Os deuses deram muitos sofrimentos a nós dois, Odisseu; não pudemos gozar de nossa juventude um ao lado do outro.

Odisseu também chorou, abraçando-a. Após vinte anos de longas dores e perigos constantes, parecia que finalmente o senhor de Ítaca e sua fiel Penélope reencontravam a paz para sempre.

Os deuses gregos



Zeus (ou Júpiter) em pose majestosa: sentado no trono, empunhando o cetro. Note a águia na ponta: é a ave preferida do pai dos deuses.



Cronos devorando um filho.
Trata-se do quadro Saturno (nome romano do deus), do pintor espanhol Goya.



Napoleão, com a majestade e a pose de um Zeus (Júpiter), em quadro do francês Jean Auguste Dominique Ingres (pronúncia éngrr) (1780-1867).

A soberania de Zeus e sua esposa Hera

De Úrano e Géia¹, nasceram vários filhos; dentre eles, Cronos, um dos Titãs,² que um dia, tomando o poder sobre o céu, tornou-se o deus supremo.

Cronos se casou com Réia. Entretanto, haviam predito ao novo soberano que ele haveria de ser destronado como Úrano, e também pelo próprio filho. Tentando escapar a esse destino, Cronos devorava os filhos assim que Réia os dava à luz. Um dia a mãe, não suportando mais essa situação, fugiu, grávida, para a ilha de Creta, e ali gerou Zeus.³ Para enganar o marido, envolveu uma pedra num manto e, fingindo tratar-se de mais um filho de Cronos, deu-lhe para que devorasse. Mais tarde, Zeus, ao lado dos outros deuses do Olimpo, guerreou contra Cronos e seus irmãos Titãs, numa disputa que durou dez anos e terminou com a vitória do primeiro. A Terra, furiosa por Zeus ter precipitado os Titãs nos Infernos, mandou contra ele seus terríveis filhos, os Gigantes, mas a nova guerra também terminou com sua vitória. Foi assim que Zeus se tornou o supremo rei dos deuses, reinando sobre o céu luminoso.

Com o raio em uma das mãos e o cetro de rei na outra, Zeus velava pela ordem do universo, pela concórdia entre os deuses e o cumprimento das promessas e juramentos. Era o soberano do céu,

¹ *Úrano e Géia*: Céu e Terra, respectivamente. Úrano pode também ser pronunciado Urano.

² *Titãs*: eram seis dos filhos de Úrano e Géia, dentre eles o próprio Cronos.

³ *Zeus*: Júpiter, na mitologia latina.



Moeda com o deus romano Jano e seus dois rostos. É de Jano que vem o nome do mês de janeiro.

como Possêidon era o deus do mar e Hades o das regiões infernais. Mas uma força superava a de Zeus: a do Destino. Havia três Moiras⁴ que teciam a sorte dos homens, e nem Zeus poderia mudar o que elas es-

tabeleciam. Cloto esticava o fio dos destinos, Láquesis o colocava no fuso da roca⁵ e Átropos o cortava, determinando a duração de cada vida humana de acordo com o tamanho do pedaço de fio.

A águia era a ave de Zeus, como o carvalho sua árvore preferida.

Hera⁶, irmã e esposa de Zeus, deusa do casamento, morria de ciúmes diante das infidelidades constantes do marido. De fato, ele não hesitava em recorrer a todos os meios para obter o amor das mortais por cuja beleza se apaixonava. Não podendo enfrentar o supremo rei dos deuses, a cólera da deusa se voltava contra suas rivais ou os filhos que Zeus tinha com elas.

Foi por causa de Hera que o herói Hércules teve

⁴ *Moiras*: Parcas, para os romanos.

⁵ *Fuso da roca*: a roca é um instrumento para fiar e tem uma peça, chamada fuso, onde se enrola o fio.

⁶ *Hera*: Juno, na mitologia latina.

de passar por doze terríveis tarefas. Um dia, quando ele navegava de volta para casa, vindo de Tróia, Hera provocou no mar uma tempestade espantosa. Zeus, porém, castigou-a por isso: prendeu-a com uma corrente de ouro, amarrada de cabeça para baixo do alto de uma nuvem, com uma bigorna⁷ em cada pé... Seu filho Hefesto,⁸ o deus ferreiro, libertou-a, provocando a cólera de Zeus, que o precipitou do alto do céu. Foi nessa ocasião, dizem, que Hefesto ficou coxo para sempre.

Com o nome de Juno, em Roma a deusa era a protetora das mulheres, que a invocavam durante o parto. Assim como todo homem tinha uma espécie de anjo da guarda chamado “gênio”, toda mulher tinha sua Juno para protegê-la. No dia de seu aniversário, os romanos celebravam essas criaturas divinas.

Você já parou para pensar nos nomes dos meses do ano? Junho vem de Juno, mês consagrado à deusa; era este o mês preferido para o casamento na antiga Roma, mais ou menos como o mês de maio no Brasil. Em inglês, esse mês se chama June, nome que lembra mais de perto o da poderosa esposa do pai dos deuses.

A Hera estavam consagrados o pavão e a vaca.

⁷ *Bigorna*: peça de ferro sobre a qual os ferreiros trabalham os metais.

⁸ *Hefesto*: Vulcano, na mitologia latina.

Afrodite e Ártemis¹, a deusa do amor e a virgem caçadora

Nascida da espuma do mar, Afrodite é a deusa do desejo amoroso. Nas teias do amor enreda homens, animais e até mesmo os deuses. Ela mesma sentiu na pele a que ponto a paixão poderia incendiar alguém de amor.

Casada com Hefesto, Afrodite mantinha uma relação com Ares, o deus da guerra.² O Sol viu os amantes e denunciou o caso ao marido traído. Hefesto decidiu se vingar dos dois: com sua arte hábil e divina, criou uma rede finíssima, de fios invisíveis a olho nu e a colocou ao redor do leito em que os dois amantes costumavam deitar. Fingiu partir em viagem.

Afrodite e Ares dormiram juntos mais uma vez. Mas de repente a rede os envolveu, e todos os seus esforços para escapar da armadilha foram inúteis. Então chegou Hefesto, furioso, e gritou para os outros deuses do Olimpo:

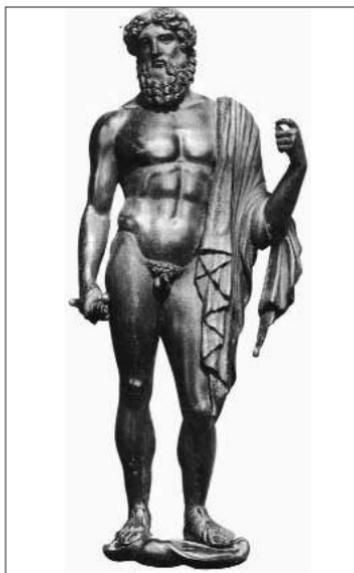
— Ó Pai Zeus, e vós, deuses bem-aventurados! Vinde ver de que forma ridícula Afrodite, filha de Zeus, tem me enganado. Troca a mim, que sou coxo, por Ares, que é belo, mas só pensa em guerras terríveis.

Os deuses se divertiram com aquela cena...

Afeição especial teve Afrodite por Adônis, uma bela criança. Quando se tornou adolescente, a deusa

¹ Na mitologia romana, Vênus e Diana, respectivamente.

² *Hefesto e Ares*: Vulcano e Marte, respectivamente, na mitologia romana.



Zeus retratado com pose e físico de atleta.

Ártemis fez com que um javali furioso o matasse. Inconsolada, Afrodite pediu ajuda ao pai Zeus, que transformou o corpo do rapaz numa flor — a anêmona. Assim, durante quatro meses por ano, na primavera, Adônis renasce para viver ao lado de Afrodite; passada a estação, a flor murcha e morre para

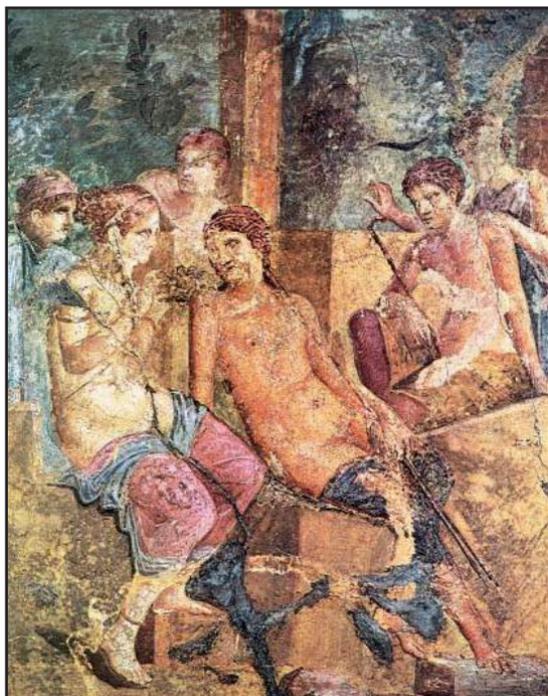
só reaparecer na primavera seguinte. Mas houve quem dissesse que de cada gota de sangue derramada por Adônis nasceu uma anêmona; de cada lágrima de Afrodite, uma rosa...³

Eros, ou Cupido, era filho da deusa. De traços delicados e angelicais, sorriso encantador, na verdade Eros era uma criança travessa e muitas vezes terrível para com os seres humanos. De seu arco saíam setas que feriam de amor; e esse menino

³ Na Síria e em Atenas, havia festas que recordavam o mito de Adônis. Era costume plantar em vasos mudas de roseira que, regadas com água morna, cresciam rapidamente; as rosas que nasciam, porém, tinham vida mais breve do que o normal. Eram os Jardins de Adônis, uma celebração da vida curta do jovem. Você já conhece Ricardo Reis, o heterônimo de Fernando Pessoa (se não lembrar, volte à página 37, nota 8). Eis como o poeta português menciona esses famosos jardins quando trata da brevidade da vida:

<i>As rosas amo dos jardins de Adônis,</i>	<i>A luz para elas é eterna, porque</i>	<i>Assim fazemos nossa vida um dia,</i>
<i>Essas vólucres amo, Lídia, rosas,</i>	<i>Nascem nascido já o sol, e acabam</i>	<i>Inscientes, Lídia, voluntariamente,</i>
<i>Que em o dia em que nascem,</i>	<i>Antes que Apolo deixe</i>	<i>Que há noite antes e após</i>
<i>Em esse dia morrem.</i>	<i>O seu curso visível.</i>	<i>O pouco que duramos.</i>

(*vólucres*: passageiro, fugidio; *em o dia em que nascem / Em esse dia morrem*: “morrem no dia em que nascem”; *Apolo*: aqui, está por Sol, ao qual o deus é associado; *insciente*: sem saber).



Vênus e seu amado Adônís, numa pintura em parede de uma casa de Pompéia, cidade do sul da Itália destruída pelo Vesúvio.

ainda lançava tochas que consumiam de paixão os atingidos. Com suas asas, estava sempre indo pra cá e pra lá, fazendo travessuras, distribuindo sem dó feridas de amor que ardiam no peito dos mortais. Mas até os deuses eram suas vítimas, e a própria mãe mais de uma vez foi ferida. Diz-se que quando Afrodite se apaixonou por Adônís, a ferida de amor aconteceu no momento em que Cupido lhe dava um beijo: por descuido, a ponta de uma das setas que o menino sempre carregava atingiu o peito da mãe. E a ferida era mais profunda do que pareceu à primeira vista.

Pardais e pombas eram aves consagradas a

Afrodite; as rosas e o mirto, suas plantas prediletas.

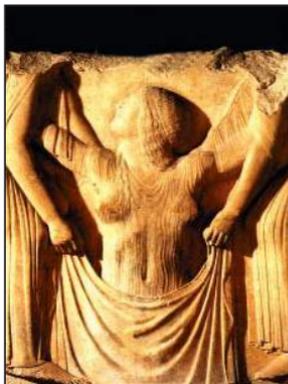
Ártemis era irmã de Apolo, e levava sempre um arco, como o irmão. Permaneceu sempre virgem, recusando os dons de Afrodite. Deusa das florestas, gostava de caçar. Sua vingança era terrível. Um dia Ártemis se banhava nua numa fonte quando foi surpreendida pelo jovem Actéon, que caçava por ali com uma matilha de cinqüenta cães. A deusa, furiosa, jogou água em seu rosto. Apavorado, o jovem saiu correndo em fuga precipitada. Seu corpo parecia ligeiro, suas pernas velozes como nunca. Espantado com a rapidez de sua corrida, parou para mirar-se no espelho das águas de um lago... e qual não foi seu choque ao perceber que a deusa o transformara num cervo! Quis falar, nenhuma voz saiu. Lágrimas escorreram por um rosto que já não era o seu. E eis que de repente seus cães, não reconhecendo o dono, precipitaram-se sobre Actéon, contentes com aquela presa. Ele desejava gritar: “— Eu sou Actéon! Reconheçam seu dono!” , mas as palavras traíam a intenção.

A cólera de Ártemis só se satisfez quando o rapaz morreu devorado pelos cinqüenta cães que lhe eram tão afeiçoados.

A corça e o javali eram animais consagrados à deusa.

Uma das sete maravilhas do mundo⁴ era o templo de Ártemis na cidade de Éfeso.

⁴ Os jardins suspensos da Babilônia, a estátua de Júpiter esculpida pelo grego Fídias, as pirâmides do Egito, o túmulo do rei Mausolo (daí “mausoléu”, em português), o farol de Alexandria no Egito, o colosso de Rodes, juntamente com o templo de Ártemis em Éfeso, eram considerados pelos antigos as obras mais notáveis do mundo, as “sete maravilhas”.



Nascimento de Afrodite (Vênus).

Cópia da famosa
estátua de Afrodite de
Cnido, esculpida por
Praxíteles.



Estátua em mármore de Afrodite (Vênus).

Estátua do deus da guerra,
Ares (ou Marte, para os romanos). Está
nas ruínas da Vila de Adriano.





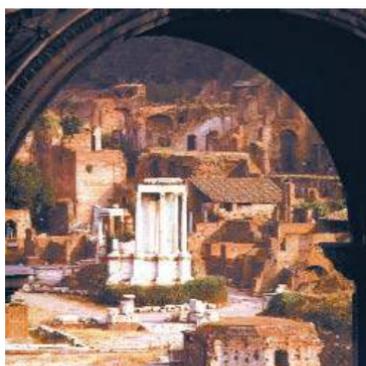
Estátua de bronze da loba que amamentou Rômulo e Remo. Os bebês gêmeos, porém, não são obra da Antiguidade: foram acrescentados no Renascimento.

Ártemis (Diana)
caçando.



Ártemis, representada no quadro *Diana depois da caçada*, do pintor francês Boucher (pronuncia-se *buxê*), do século XVIII.

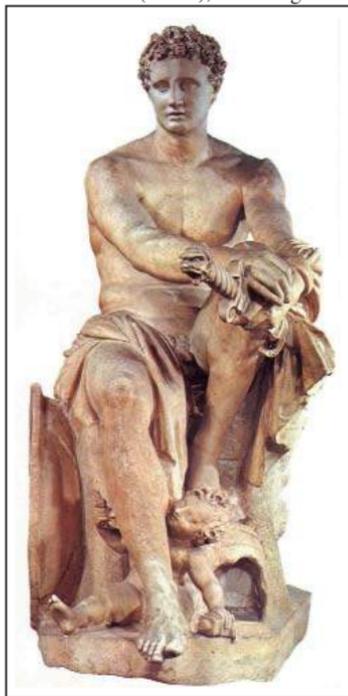
Ruínas da Roma antiga.
As colunas brancas no centro
são do templo de Vesta, onde o
fogo sagrado era cultuado.



Ares e Dioniso¹

Ares (Marte), deus da guerra.

Para os mortais e imortais Ares, deus da guerra, era um ser odioso. Nas batalhas, sua ocupação favorita, aparecia sempre ao lado do Medo, do Terror e da Discórdia. Se os homens pudessem vê-lo quando o deus avançava, com seu corpo gigantesco envolvido na armadura de bronze, lançando gritos aterrorizantes!



Na antiga Roma, Ares era venerado com o nome de Marte. Contava-se que na cidade de Alba Longa viviam os irmãos Amúlio e Numitor, cabendo ao segundo, legalmente, o governo sobre a cidade. Amúlio, porém, destronou o irmão e fez com que a única filha deste, Réia Sílvia, se tornasse uma sacerdotisa do fogo sagrado da deusa Vesta. De fato, as vestais, como eram chamadas as que velavam pelo fogo, tinham de se manter virgens por um período de trinta anos; se tivessem relações com algum homem durante os anos de culto, eram enterradas vivas. Obrigando Réia Sílvia a ser uma vestal, Amúlio acreditava que estaria seguro: não nasceriam descendentes masculinos do seu irmão para reclamar

¹ Na mitologia latina, Marte e Baco, respectivamente.



Hermes (Mercúrio)
e Dioniso (Baco) menino.

o trono de que ele se apoderara ilegalmente.

Mas o deus Marte entrou no templo de Vesta e engravidou Réia Sílvia. E assim vieram ao mundo os gêmeos Rômulo e Remo. Quando soube do que acontecera, Amúlio mandou que abandonassem as crianças à margem do rio Tibre: assim, morreriam de fome e sede.

Uma loba, porém, ouviu o choro dos bebês, que estavam dentro de um cesto, e alimentou-os. Algum tempo depois, a mulher de um pastor os encontrou e levou-os para casa, cuidando das crianças.

Quando cresceram, Rômulo e Remo tomaram conhecimento de tudo o que acontecera em Alba Longa. Vingaram-se matando Amúlio e repondo Numitor, seu avô, no trono. Em recompensa, o avô lhes deu terra. Os gêmeos resolveram fundar uma cidade. Para saber em que local preciso a construiriam, decidiram consultar a vontade divina: Rômulo se colocou no monte



Atores de teatro. Observe as máscaras usadas na Grécia e na Roma antiga. As tragédias teriam se originado do culto ao deus Dioniso (*Baco*).



Dioniso (*Baco*) representado como um jovem. Note os cachos de uva, que o revelam deus do vinho.

Palatino, seu irmão no monte Aventino, e passaram a examinar atentamente o céu. De repente, Rômulo avistou doze aves, Remo seis: era um sinal dos deuses — a cidade deveria se erguer no monte Palatino.

Rômulo fez, então, os preparativos para a construção: com um arado traçou um longo sulco determinando onde se ergueriam os muros: era um ritual sagrado. Remo, porém, zombando, despeitado, transpôs o sulco como se ele nada significasse. Furioso com o sacrilégio, Rômulo matou o próprio irmão dizendo: “Que assim morra todo aquele que atravessar as minhas muralhas!”

Desse modo, a história da futura Roma se iniciava com um fratricídio entre os gêmeos filhos de Marte.



Palas Atena (*Minerva*) em seu aspecto guerreiro: pronta para atirar sua lança (que se perdeu com o tempo).

Dioniso era o deus do vinho, do teatro e das orgias sagradas. Sua mãe, Sêmele, foi amada por Zeus, que lhe prometera dar tudo o que ela quisesse. Um dia, Sêmele



Estátua em mármore da deusa Palas Atena.

pediu-lhe que o deus se manifestasse diante dela em todo o seu poder e glória. Ao se deparar com a terrível visão de Zeus, com raios e relâmpagos, sua amante morreu fulminada.

Sêmele, porém, estava grávida de seis meses de um filho do pai dos deuses. Zeus retirou a criança do ventre da mãe e costurou-a numa de suas coxas. E assim, alguns meses depois, nasceu Dioniso do próprio corpo de Zeus. Para evitar os riscos de expor a criança aos ciúmes de Hera, Zeus, depois de transformá-la em bode, deixou-a em Nisa, onde seria educada pelas ninfas: é, assim, o deus de Nisa, Dioniso.

O deus se locomovia num carro puxado por panteras. Acompanhava-o um estranho cortejo: Sátiros, meio homens meio bodes, com uma longa cauda de cavalo; as Bacantes, mulheres com os cabelos desgrenhados, empunhando o tirso, uma vara enfeitada com hera e ramos de videira; o deus Priapo, com seus chifres de bode e orelhas de cabra, extremamente feio e sempre excitado sexualmente.

Na cidade grega de Tebas, Dioniso instituiu as Bacanais; nessas festas, as pessoas, especialmente as mulheres, eram como que possuídas pelo espírito do deus e, parecendo alucinadas, vagavam à noite pelos campos e montanhas. O rei de Tebas, Penteu, resolveu proibir esse culto e provocou a ira do deus, também duvidando de seus poderes e até mesmo mandando prendê-lo como se ele fosse um mero impostor. Dioniso, porém, escapou da prisão e incendiou o palácio.

Mas a vingança mais cruel do deus não tardou. Fez com que Penteu fosse espionar as mulheres que estavam celebrando o culto numa montanha. Quando elas, enfurecidas, o viram, agarraram-no e fizeram seu corpo em pedaços. Enlouquecidas por Dioniso, pensavam que se tratava de um animal. Agave, sua própria mãe, não reconhecendo o filho, cortou-lhe a cabeça e a pôs na ponta de seu tirso.

Sobre as origens de Dioniso, corria outra versão. Os Titãs, incitados por Hera, devoraram o deus quando ele era ainda uma criança. Zeus, então, fulminou com seu raio os Titãs. Das cinzas desses seres nasceram os homens: com uma parte má, titânica, e uma parte boa, divina, vinda de Dioniso. Daí a natureza ambígua do ser humano, nem totalmente bom nem totalmente mau. O coração de Dioniso, porém, teria sido salvo por uma deusa e dado a Sêmele, que o engoliu e, assim, engravidou. Dessa forma, o deus renasceria. Para sempre, afinal, sendo deus, como não seria imortal?

Apolo e Palas Atena

Uma das incontáveis amantes de Zeus foi Latona. Como todas as outras, tornou-se vítima de Hera, que fez a Terra jurar jamais permitir que Latona desse à luz em seu reino. Possêidon,¹ porém, fez surgir do oceano uma ilha que a acolheu. Era um pedaço de terra que vagava ao sabor das ondas, sempre se movimentando. Ali, no início da primavera, Latona gerou os irmãos Apolo e Ártemis. Um dia, em sinal de gratidão, Apolo haveria de fixar com suas setas a ilha, que se tornaria conhecida como Delos.

Antes do nascimento, porém, Latona ainda sofreu por causa da cólera de Hera. A deusa reteve no céu Ilítia, que ajudava as mulheres a dar à luz, e o parto tardava. Hera só consentiu em enviar Ilítia quando recebeu das outras deusas, que tinham pena de Latona, um belo colar.

Quando Apolo nasceu, era o sétimo dia do mês, e sete cisnes voaram sete vezes ao redor da ilha. Do pai, recebeu uma lira e um carro puxado por cisnes, que o conduziu a Delfos, depois de o levar para outras regiões do mundo. Em Delfos, Apolo matou um dragão chamado Pítion, que devastava os campos, e instituiu os Jogos Píticos, que ali se celebrariam de quatro em quatro anos, com seus concursos de músicos e poetas, além das competições de atletismo e corridas. O santuário ali existente, que era protegido pelo dragão, tornou-se um oráculo do deus. Sentada sobre um banco de três pés, a trípole,

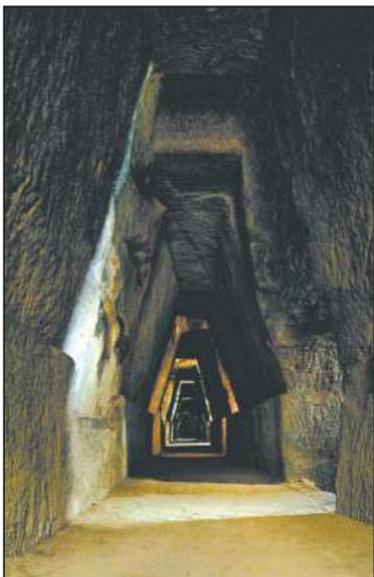
¹ *Possêidon*: Netuno, na mitologia latina.

uma sacerdotisa de nome Pítia entrava em transe e, recebendo o espírito do deus, proferia, com voz alterada, palavras enigmáticas. Era a resposta aos que consultavam o oráculo antes de tomar uma decisão importante para saber o que tinham de fazer. Delfos, para os gregos, era o centro do mundo, um lugar sagrado a ser visitado e cultuado.

Jovem e belo se apresentava sempre Apolo. Tinha longos cabelos, de reflexos azulados. Sua cabeça era coroada por raios, pois esse deus também era o próprio Sol, assim como sua irmã Ártemis era a Lua. Daí ser chamado também de Febo, “o brilhante”. Era também o deus da música e da poesia.

O loureiro lhe era consagrado por um motivo especial. Apolo se encantara com a ninfa Dafne e a perseguia pelas montanhas e florestas. Dafne dirigiu uma súplica ao seu pai, o deus e rio Peneu, e foi ouvida: para escapar à perseguição, foi transformada num loureiro, que é o que significa “Dafne” em grego.

Apolo se enamorou também do jovem Jacinto. Deixando de lado a cítara e as setas, entregava-se às caçadas ao lado do rapaz. E quando se divertiam lançando o disco, enciumado,



Antro da Sibila, a profetisa de Apolo, escavado na rocha. Localiza-se no sul da Itália, não longe de Nápoles.

Num poema chamado *Eneida*, de Virgílio, vemos um herói troiano, Enéias, consultar a profetisa nesse santuário, antes de com ela descer ao reino dos mortos.

o vento Zéfiro, que também amava Jacinto, acabou provocando sua morte: o disco lançado pelo deus foi ferir mortalmente o jovem. A palidez de Apolo, ao ver o que acontecera, igualava-se à do rosto de Jacinto. Gemendo, tentou em vão reanimá-lo estancando a ferida. Por fim, disse, entre lágrimas:

— Tenho diante de meus olhos tua ferida a me acusar. Tu és minha dor e meu crime. Mas qual foi a minha culpa? A não ser que se possa chamar de culpa ter amado alguém... Se ao menos pudesse perder a vida ao teu lado! Mas sempre estarás comigo, não sairás jamais dos meus lábios, que sempre se lembrarão de ti. E, transformado numa nova espécie de flor, nas tuas pétalas virá gravado o meu lamento.

Eis que enquanto Apolo assim falava, do sangue de Jacinto, que corria pela terra, viu-se formar aos poucos uma flor, parecida com o lírio, mas de cor púrpura. O próprio deus gravou nas pétalas a expressão dos seus gemidos. É por isso que se pode perceber no jacinto as letras da interjeição de dor: “ai”.

Antes de se casar com Hera, Zeus teve por esposa



Métis. Ora, quando ela estava grávida, uma profecia inquietante para o pai dos deuses o fez tomar uma decisão drástica. Dizia-se que, se Métis desse à luz uma filha e, depois, tivesse por neto um menino, este ao crescer destronaria Zeus. O rei dos deuses, então, engoliu Métis...

Cópia de célebre mármore grego. Retrata *Apolo* a ponto de disparar uma seta de seu arco.



Apolo retratado como um jovem de cabelos compridos e ondulados.

Entretanto, com o passar do tempo, uma terrível dor de cabeça veio tirar o sossego de Zeus; intrigado chamou o deus ferreiro Hefesto² e pediu que lhe abrisse a cabeça com um machado. Hefesto fez um corte nela e eis que de dentro saiu, armada e dançando uma dança guerreira, a deusa Palas Atena. Carregava a égide, um escudo recoberto com pele de cabra, e o grito de guerra assustador, que proferiu ao surgir para a luz do dia, ecoou por terra e céu.

Palas era a protetora maior da cidade grega de Atenas, a quem ofertou a oliveira, árvore tão importante para os gregos. Não era, pois, uma deusa somente guerreira. Era a deusa da sabedoria, da inteligência, das artes e das letras. Também o trabalho com a lã, uma tarefa deixada às mulheres, era seu dom. Deusa que se mantinha sempre virgem, o nome do magnífico templo que se ergueu em sua homenagem em Atenas — o Partenón — faz referência a isso.

A coruja, que consegue enxergar no escuro, era a ave consagrada a essa deusa, cujo dom maior, a inteligência, também é capaz de ver através das trevas e vencê-las.

² *Hefesto*: Vulcano, na mitologia latina.

Hermes e Hefesto¹

Numa caverna do monte Cilene, numa região da Grécia chamada Arcádia, nasceu Hermes, filho de Zeus e Maia. Haveria de se tornar um dia o mensageiro de seu pai. Se Zeus queria levar a algum mortal um recado importante, convocava o filho, que imediatamente colocava seu chapéu de abas largas e calçava suas belas sandálias de ouro com asas que o elevavam nos ares e o mantinham acima das águas dos mares. Obediente, o mensageiro divino partia cruzando os céus com a rapidez dos ventos mais velozes.

Deus astuto e hábil, foi o inventor da primeira lira, que fabricou colocando tripas de bois num casco de tartaruga. Quando nasceu, já era tão excepcionalmente precoce que saiu de seu berço e roubou parte de um rebanho que estava sob os cuidados de Apolo. Esse deus estava muito irritado com o menino, mas ao se deparar com aquele instrumento musical que ele inventara, imediatamente aceitou trocar por ele seus animais.

Outra invenção sua foi a flauta, e por ela Apolo deu-lhe o bastão de ouro que lhe servia de cajado², e era chamado caduceu. Com esse bastão, Hermes conduz as almas dos mortos para as regiões infernais e fecha os olhos dos que caem no sono assim como os reabre quando despertam.

¹ *Mercúrio* e *Vulcano*, respectivamente, na mitologia latina.

² *Cajado*: vara ou bastão usado pelos pastores em seu trabalho diário.



Hera (Juno), com escudo e lança, pronta para a batalha.

Hermes, com sua esperteza, era o deus do comércio e dos ladrões. Protegia também os viajantes, que homenageavam sua imagem quando por ela cruzavam.

Hefesto, o deus do fogo, era filho de Zeus e Hera. Conta-se que um dos dois precipitou o deus do Olimpo: Hera, envergonhada com o filho feio e coxo, ou Zeus, que, irritado por Hefesto ter tomado o partido da mãe numa discussão entre o casal, de repente o teria pego por um pé e atirado para a terra, fazendo com que o deus mancasse para sempre.

Mas Hefesto acabou voltando ao Olimpo, morada dos deuses, graças a sua astúcia. Construiu um belo trono todo feito de ouro e mandou-o a Hera. Quando sua mãe se sentou nele, cadeias a prenderam firmemente, e ela não conseguiu se libertar. No Olimpo, os deuses caíram na gargalhada ao ver seus apuros. Ninguém sabia como soltá-la. Foi preciso, então, chamar Hefesto, que sabia o segredo para libertar Hera. Ao se reconciliar com os pais, acabou recebendo como esposa a mais bela das deusas, Afrodite.

Muito habilidoso no uso dos metais, que sabia fundir³ muito bem, Hefesto era o deus ferreiro. Suas forjas estavam no vulcão Etna, na Sicília; aqui, trabalha com a ajuda dos Ciclopes. O trono e o cetro de Zeus, seus terríveis raios, o carro do Sol, o fantástico escudo de Aquiles, dentre outras maravilhas, foram obra desse deus habilidoso e trabalhador.

³ *Fundir*: derreter.

Deméter e Possêidon¹, divindades da terra e do mar

Deméter é a deusa da terra cultivada: foi a primeira a usar o arado e fazer a terra produzir o alimento dos homens. Tinha com Zeus uma filha chamada Perséfone, que haveria de se unir ao soberano do rei dos mortos.

Desejando que também o deus dos Infernos, Hades, se submetesse ao poder do amor, Afrodite pediu ao filho Cupido que o transpassasse com uma de suas setas, provocando nele o desejo. Cupido assim o fez.

Perséfone, em companhia de amigas, colhia violetas e lírios brancos em meio a um bosque. Eis que Hades a viu, depois de ter sido ferido de amor, e, tomado de desejo por aquela moça, resolveu raptá-la e levá-la para seu reino sob a terra. Precipitou-se sobre a moça. Aterrorizada, Perséfone gritou em vão pela mãe e pelas companheiras. Mas o deus a colocou em seu carro puxado por cavalos e partiu em disparada.

Quando soube do que acontecera com sua filha, Deméter sentiu terrível dor. Correu o mundo à sua procura sem conseguir encontrá-la. Enquanto peregrinava, abandonando o cultivo da terra, o solo foi ficando estéril e seco, impossibilitando aos homens tirar do chão o alimento. A queixa, através do mundo, era geral. Mas, finalmente, com seu carro, Ceres partiu em direção às regiões celestiais. Foi queixar-se a Zeus:

¹ *Ceres* e *Netuno*, respectivamente, na mitologia latina.

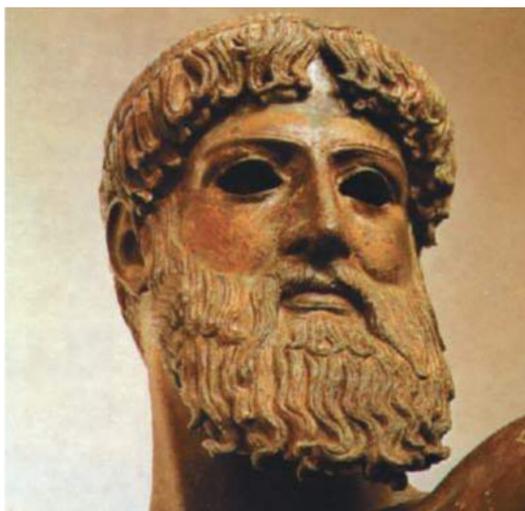
— Venho pedir por uma filha que tem meu sangue e o teu, ó Zeus. Ela não merece ter por marido um bandido.

— Mas Hades, a quem coube o reinado sobre os mortos, é meu irmão. Contudo, concederei que Perséfone volte dos Infernos, desde que ela não tenha tocado em nenhum alimento lá embaixo, porque tal lei estabeleceu o Destino.

Perséfone, porém, já havia provado de uma romã. Mas a justiça de Zeus decidiu contentar a mãe aflita na medida do possível. Assim, decidiu que Perséfone passaria uma parte do ano com Deméter e outra parte do ano com Hades, nas profundezas do reino subterrâneo. Quando tem a filha consigo, Deméter se alegra, é primavera, e a terra renasce exuberante, as árvores voltam a produzir folhas e frutos; quando a moça se retira para junto do marido, é inverno, e a natureza parece morrer, sem poder oferecer aos

homens os dons do cultivo.

Se Zeus reina sobre o céu e a terra, Hades sobre as profundezas da terra, Possêidon é o senhor dos mares e oceanos. Com seu tridente corta as águas do mar em seu carro de



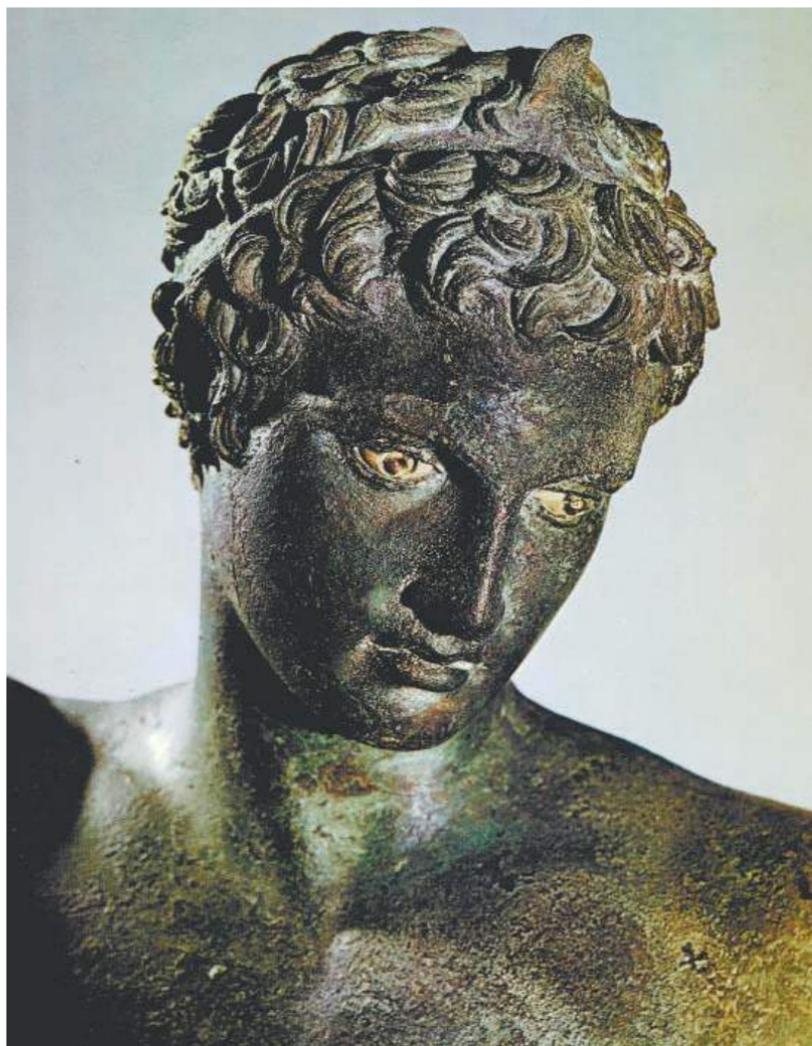
Cabeça de uma estátua de bronze do deus *Possêidon* (*Netuno*).

rodas ligeiras. Uma farta barba cobre-lhe o rosto, e a expressão do deus é séria e calma; mas quando ele se irrita, tempestades terríveis tomam conta do mar, a terra treme, ventos furiosos se precipitam sobre as águas e erguem aos céus altas ondas. Se, porém, um outro deus, intrometendo-se em seu reino, provoca uma tempestade sem a sua permissão, Possêidon se ergue colérico das profundezas do mar e dá ordens severas para que os ventos se retirem imediatamente.

Durante a guerra de Tróia, o soberano do mar favoreceu os gregos, pois tinha um bom motivo para ter poucas simpatias para com os troianos. De fato, quando se construíram as muralhas da cidade, os troianos contaram com a ajuda de Possêidon e Apolo, que o fizeram em troca de um pagamento combinado com o rei Laomedonte. Terminados os trabalhos, porém, Laomedonte recusou-se a pagar o que devia, provocando a ira do deus.



Palas Atena.



Cabeça de jovem.

QUESTIONÁRIOS

FAETONTE E O CARRO DO SOL

I. Primeira parte: compreensão do texto

1. Relacione as colunas de acordo com as informações do texto:

- (1) Faetonte
- (2) Sol
- (3) Terra
- (4) Zeus

() Queixou-se a Zeus dos estragos causados pelas chamas do carro do Sol.

() Queria a confirmação de que era filho do Sol.

() Era o condutor habitual do carro que Faetonte queria dirigir.

() Atingiu Faetonte com seu raio.

2. O pai de Faetonte fez-lhe algumas recomendações. Quais?

3. O que aconteceu com os cavalos do carro do Sol, quando Faetonte largou as rédeas?

4. Por que a Terra se queixou a Zeus?

5. Qual foi o fim de Faetonte?

II. Segunda parte: análise e interpretação

1. No mito grego, muitas vezes se mostra uma personagem punida pelos deuses por ter ultrapassado a medida justa para cada mortal, isto é, por ter feito algo que é proibido a um simples ser humano, apesar de permitido aos deuses. Como a história de Faetonte também nos mostra isso?

2. A palavra “Oriente” significa, na origem, “a região onde nasce o sol”. Copie o trecho do texto que revela esse sentido da palavra.

3. Na versão do mito que seguimos, a façanha do jovem Faetonte tem pelo menos um ponto positivo. Copie o trecho do texto que mostra isso.

4. Faça um resumo da história de Faetonte no menor número de linhas que você conseguir. Tente cortar todos os detalhes desnecessários, mantendo somente o que é essencial para a compreensão da narrativa.

ORFEU E EURÍDICE

I. Primeira parte: compreensão do texto

1. Relacione as colunas de acordo com as informações do texto:

- (1) Prosérpina
- (2) Eurídice
- (3) Orfeu
- (4) Sísifo
- (5) Tântalo
- (6) Danaides

() Tem de transportar eternamente, montanha acima, uma pedra.

() Foram condenadas a encher de água um tonel furado.

() Os deuses o condenaram a fome e sede eternas.

() Divindade do mundo dos mortos.

() Célebre como músico e poeta.

() Por uma imprudência do marido, não conseguiu voltar à vida.

2. Por que Orfeu não conseguiu tirar Eurídice dos Infernos?

II. Segunda parte: análise e interpretação

1. Temos, abaixo, algumas expressões proverbiais que se originam dos nomes de personagens míticas. A partir do texto que você leu, complete os espaços em branco com nomes de condenados aos castigos do Hades:

a) Chama-se “trabalho de ...” a uma tarefa penosa e completamente inútil.

b) Às vezes escapa das nossas mãos algo que desejamos muito e que já estávamos quase alcançando. Diz-se de uma situação assim que é um “suplício de ...”.

c) Um trabalho perdido ou algo que nunca tem fim é um “tonel das ...”.

2. Com sua música e seu canto, Orfeu parecia ter conseguido dos deuses infernais algo impossível a um mortal comum. Que exceção extraordinária era essa, que Orfeu, porém, desperdiçou?

NARCISO

I. Primeira parte: compreensão do texto

1. Relacione as colunas de acordo com as informações do texto:

- (1) Narciso
- (2) Tírésias
- (3) Eco
- (4) Hera
- (5) Nêmesis

- () Nome de um adivinho.
- () Seu corpo foi transformado numa flor.
- () Juno.
- () Deusa que pune as más ações.
- () Ninfa que se apaixonou por Narciso.

2. Como morreu Narciso?

3. Tente encontrar um narciso e fazer a descrição dessa flor. No mito, fala-se de um jovem belo e de traços delicados; que impressão lhe causa a flor?

II. Segunda parte: análise e interpretação

1. Chama-se “narcisismo” o amor exagerado de uma pessoa por si própria; alguém que se revela assim é “narcisista”. De onde vêm essas expressões?

2. No mundo dos mitos, tudo o que existe tem uma origem fantástica, sobrenatural, que podemos conhecer através de uma narrativa transmitida de geração a geração. Segundo o texto, como se explica miticamente o fenômeno do eco?

PROMETEU, O PRIMEIRO BENFEITOR DA HUMANIDADE

I. Primeira parte: compreensão do texto

1. Relacione as colunas de acordo com as informações do texto:

- (1) Prometeu
- (2) Pandora
- (3) Hermes
- (4) Hércules

- () Libertou Prometeu do rochedo a que ele estava acorrentado.
- () Dotou a primeira mulher de astúcia e fingimento.
- () Roubou o fogo divino.
- () Destampou a jarra que continha todos os males.

2. Segundo o mito, por que os gregos reservavam para os deuses somente a gordura e os ossos dos animais sacrificados?

3. Como apareceu a primeira mulher sobre a face da terra?

4. Qual a origem da infelicidade humana, segundo o texto?

II. Segunda parte: análise e interpretação

1. No mito, temos uma visão negativa da mulher. Explique por quê.

2. Pandora, em grego, significa “que possui todos os dons” (compare com Teodoro ou Deodoro, “dom de Deus”). Por que a primeira mulher recebeu esse nome?

3. Pense em como o fogo, com todos os benefícios que proporciona, deve ter sido importante para o início da civilização. Transcreva do texto o trecho que mostra, na visão do mito, o aspecto extraordinário, sobrenatural, desse elemento.

TESEU E O MINOTAURO, DÉDALO E ÍCARO

I. Primeira parte: compreensão do texto

1. Relacione as colunas de acordo com as informações do texto:

- (1) Teseu
- (2) Dédalo
- (3) Ariadne
- (4) Minos
- (5) Pasífae
- (6) Ícaro
- () Apaixonou-se por um touro.
- () Filho de Dédalo, precipitou-se nas águas do mar.
- () Aprisionou Dédalo no labirinto.
- () Matou o Minotauro.
- () Ajudou Teseu a encontrar a saída do labirinto.
- () Construiu o labirinto.

2. Que era o Minotauro e qual a sua origem?

3. Que tributo os atenienses tinham de pagar ao rei de Creta?

4. O que causou a morte de Ícaro?

II. Segunda parte: análise e interpretação

1. No mito grego, Dédalo é o homem inventivo e hábil por excelência. Que fatos mencionados no texto comprovam isso?

2. Compare o fim de Faetonte com o de Ícaro: que semelhança você vê entre as duas personagens?

3. De acordo com o que você leu, complete a expressão abaixo destacada:

Chama-se “fio de ...” um fio condutor, isto é, algo de que nos servimos para não nos perdermos.

4. Tanto “Dédalo” quanto “Ícaro”, substantivos próprios, podem ser empregados como substantivos comuns em português. Diz-se, a partir

do nome do construtor do labirinto de Creta, que um ... é um labirinto ou algo confuso e difícil de entender; por outro lado, chama-se ... (ainda que não seja muito usado) um homem que tem ambições demasiadas altas para suas forças ou ambições que lhe são funestas.

O NASCIMENTO E A PRIMEIRA FAÇANHA DO HERÓI

I. Primeira parte: compreensão do texto

1. Relacione as colunas de acordo com as informações do texto:

- (1) Anfitrião
- (2) Alcmena
- (3) Zeus–Júpiter
- (4) Hermes–Mercúrio
- (5) Hera
- () General tebano, marido de Alcmena.
- () Tentou matar Hércules.
- () Colocou Hércules junto ao seio de Hera.
- () Foi o verdadeiro pai de Hércules.
- () Apesar de mortal, deu à luz um filho de Zeus.

2. Como surgiu a Via Láctea?

3. Por que Hera tinha tanto ódio a Hércules?

II. Segunda parte: análise e interpretação

1. O escritor francês Molière retomou a comédia de Plauto e criou uma peça chamada Anfitrião. Graças, sobretudo, a essa comédia, os nomes Anfitrião e Sósia tornaram-se populares. Esses substantivos próprios passaram a ser substantivos comuns, em português e em outras línguas. Veja abaixo a definição de “anfitrião” e “sósia” e explique por que esses nomes têm esse significado.

a) anfitrião: pessoa que recebe convidados em sua casa (especialmente para jantar), pessoa que recebe bem os seus hóspedes.

b) sósia: pessoa muito parecida com outra, por vezes a ponto de ser confundida com ela.

2. A comédia sempre explorou as confusões divertidas que podem surgir da existência de pessoas muito parecidas: gêmeos, sósias. Você se lembra de algum filme, história em quadrinho, peça de teatro ou série de televisão em que isso ocorre? Resuma em um parágrafo uma situação cômica originada dessa semelhança.

OS DOZE TRABALHOS DE HÉRCULES – I

I. Primeira parte: compreensão do texto

1. Relacione as colunas de acordo com as informações do texto:

- (1) Leão de Neméia
- (2) Hidra de Lerna
- (3) Javali de Erimanto
- (4) Corça de Cerínia
- (5) Aves do lago Estínfalo
- (6) Estábulos de Augias

() Aproveitando-se do cansaço do animal, Hércules atingiu-o com uma seta.

() A tarefa foi cumprida com o desvio de dois rios.

() Hércules esfolou-o e colocou sobre si a pele do animal.

() Com o sangue do monstro, o herói envenenou suas flechas.

() Hércules capturou-o depois de o fazer cansar-se.

() Saíram do esconderijo por causa do barulho provocado por Hércules.

2. Por que Hércules fora consultar o oráculo de Apolo em Delfos?

3. Quem era Euristeu e qual seu papel nos doze trabalhos de Hércules?

4. Quem era Iolau e como ajudou Hércules a vencer a Hidra de Lerna?

II. Segunda parte: análise e interpretação

1. Por que os chamados “doze trabalhos” demonstram que Hércules era mais do que um simples mortal?

2. Hércules pode ser considerado, no mito, como uma espécie de benfeitor da humanidade. Por quê?

3. Você já deve ter observado que nos mitos aparecem, com frequência, além dos deuses, seres fantásticos, sobrenaturais (assim como homens que têm poderes que a humanidade normal não possui). Use a sua imaginação e tente pensar na forma de cada um dos seres monstruosos vencidos por Hércules nestes seis primeiros trabalhos. Qual deles lhe parece o mais impressionante e assustador? Por quê?

OS DOZE TRABALHOS DE HÉRCULES – II

I. Primeira parte: compreensão do texto

1. Relacione as colunas de acordo com as informações do texto:

- (1) Touro de Creta
- (2) Éguas de Diomedes
- (3) Cinto de Hipólita
- (4) Bois de Gerião
- (5) Cérbero
- (6) Maças do jardim das Hespérides

() Devoravam os estrangeiros que chegavam à região.

() Tinha três cabeças e guardava a entrada e saída dos Infernos.

() Soltava fogo pelas ventas.

() Foram colhidas com a ajuda do gigante Atlas.

() Sua captura só foi possível com a taça do Sol.

() Era usado pela rainha das amazonas.

2. Que era a taça do Sol?

3. Quem era Atlas?

II. Segunda parte: análise e interpretação

1. Com exceção dos bois de Gerião, qual a característica comum aos animais que Hércules teve de levar a seu primo Euristeu?

2. As Hespérides, ninfas do poente, tinham nomes gregos, que significavam: “brilhante”, “vermelha”, “ninfa do Poente”: a que astro esses nomes fazem referência?

3. O nome Hércules (ou Hércules, em forma mais próxima do grego) significa “glória de Hera”. Você consegue ver algum sentido nesse nome a partir dos doze trabalhos que o herói teve de realizar?

4. Não é uma expressão muito usada hoje, em português, mas pode-se chamar um porteiro mal-educado ou inflexível de “Cérbero”. Explique de onde se origina esse emprego.

5. Aqui, em vez de pergunta, daremos a você algumas informações curiosas. Primeiramente, sobre a origem do substantivo comum “atlas”, termo tão utilizado em Geografia. Antigamente, um livro com um conjunto de mapas tinha como capa a figura do gigante mitológico Atlas, que, como você viu, suportava a abóbada celeste sobre seus ombros. Depois, o substantivo próprio (Atlas) passou a designar o livro que reúne mapas, tornando-se substantivo comum (atlas). Em inglês, pode-se dizer de alguém que carrega um grande peso que é um “Atlas”. Última curiosidade: a vértebra do pescoço que sustenta a cabeça é chamada, em Anatomia, “atlas”, pois se comporta semelhantemente ao gigante, que sustentava o céu.

AS ORIGENS DA GUERRA DE TRÓIA

I. Primeira parte: compreensão do texto

1. Relacione as colunas de acordo com as informações do texto:

- (1) Príamo
- (2) Hécuba
- (3) Páris
- (4) Menelau
- (5) Helena
- (6) Agamêmnon
- (7) Odisseu
- (8) Afrodite
- (9) Discórdia
- (10) Palas Atena

() Grego famoso pela astúcia, também chamado Ulisses.

() Marido de Helena, quis vingar seu rapto.

() Divindade também chamada Éris.

() Irmão de Menelau, comandaria os exércitos da Grécia.

() Sonhou que dava à luz uma tocha.

() Deusa da sabedoria.

() Fugiu para Tróia deixando seu esposo na Grécia.

() Rei de Tróia.

() Foi considerada a mais bela das deusas por Páris.

() Jovem troiano, tirou Helena de Menelau.

2. Diga brevemente qual foi a participação do troiano Páris nas origens da guerra que destruiu Tróia.

3. Por que a Discórdia decidiu causar confusão durante o casamento de Peleu e Tétis?

4. Por que Palas Atena e Hera combateram ao lado dos gregos na guerra?

5. Qual era o outro nome de Tróia?

6. De que cidade era Helena? Que deusa exerceu seu poder sobre ela?

7. Que significa “Alexandre” em grego? Por que Páris recebeu esse nome?

II. Segunda parte: análise e interpretação

1. “Pomo da discórdia” é uma expressão que designa o motivo central de uma disputa, de uma luta, de uma briga. No mito, como você viu, a deusa Discórdia lança, entre Palas, Afrodite e Hera, um pomo com a inscrição “À mais bela”, provocando a disputa acirrada entre as três deusas, que reivindicam o título, e a futura guerra de Tróia. A partir do que observamos, crie uma frase empregando a expressão “pomo da discórdia”.
2. Como você pode ver pelo texto, nos mitos há sempre causas divinas e humanas para os acontecimentos; aponte algumas das causas da guerra de Tróia, separando-as nos dois planos, divino e humano.
3. Por que Afrodite é chamada no texto, numa imagem que aparece em mais de um poeta grego, uma deusa “doce e amarga ao mesmo tempo”?

A IRA DE AQUILES

I. Primeira parte: compreensão do texto

1. Relacione as colunas de acordo com as informações do texto:

- (1) Briseida
- (2) Criseida
- (3) Aquiles
- (4) Heitor
- (5) Pátroclo
- (6) Euforbo
- (7) Tétis
- (8) Hefesto
- (9) Agamêmnon
- (10) Apolo

- () Deus ferreiro, fabricou as armas de Aquiles a pedido de Tétis.
- () Fiel companheiro de Aquiles, morto por Heitor.
- () Deus que interveio para levar Pátroclo à desgraça.

- () Escrava de Aquiles, reivindicada por Agamêmnon.
- () Guerreiro troiano que feriu Pátroclo antes de Heitor.
- () Escrava de Agamêmnon, era filha do sacerdote de Apolo.
- () Conhecido como o herói de pés ligeiros.
- () Ninfa do mar e mãe de Aquiles.
- () Era o mais valoroso dos guerreiros troianos.
- () Rei que comandava o exército grego.

2. Como surgiu a disputa entre Agamêmnon e Aquiles?
3. Que fez Palas Atena para impedir que Aquiles matasse Agamêmnon?
4. Aquiles podia escolher entre dois destinos diferentes. Quais eram eles?
5. Que profecia faz Pátroclo a Heitor antes de morrer?
6. Como Aquiles pôde voltar ao combate, se já não mais possuía as suas armas, que ele havia cedido a Pátroclo?

II. Segunda parte: análise e interpretação

1. A guerra de Tróia foi narrada num extenso poema, a *Ilíada*, escrito pelo grego Homero por volta do século VIII a. C. Trata-se de uma “epopéia”, uma narrativa em versos de proezas grandiosas, como *Os Lusíadas*, do poeta português Luís de Camões. No início da *Ilíada*, de Homero, o poeta invoca a Musa para cantar “a ira funesta de Aquiles”. Por que a ira do herói é chamada de “funesta” (“que traz desgraça”, “que traz males”)?
2. Na sua opinião, quem estava com a razão, na disputa que os separaram: Aquiles ou Agamêmnon? Justifique sua resposta.
3. Explique a última frase do texto: “A ira de Aquiles iria ter, agora, outro alvo”.

A MORTE DE HEITOR

I. Primeira parte: compreensão do texto

1. Relacione as colunas de acordo com as informações do texto:

- (1) Heitor
- (2) Aquiles
- (3) Príamo
- (4) Deífobo
- (5) Hermes
- (6) Apolo
- (7) Zeus
- (8) Andrômaca
- (9) Hécuba
- (10) Astíanax

- () Deus que protegia Heitor.
- () Filho de Heitor e Andrômaca.
- () Combatia com as armas tomadas de Pátroclo.
- () Mulher de Heitor.
- () Tomando sua forma, Palas Atena convenceu Heitor a enfrentar Aquiles.
- () Arrastava o corpo de Heitor em volta do túmulo de Pátroclo.
- () Protegeu Príamo quando o rei foi ter com Aquiles.
- () Pesou, numa balança, os destinos de Aquiles e Heitor.
- () Tentou convencer o marido Príamo a não ir à tenda de Aquiles.
- () Beijou a mão de quem lhe havia matado vários filhos.

2. Qual foi a reação de Heitor quando avistou Aquiles, depois de ter decidido enfrentá-lo?

3. Quando Apolo deixou de proteger Heitor?

4. Que fez Palas Atena para precipitar a morte de Heitor?

5. Que atitude teve Aquiles com o cadáver do inimigo?

6. Que foi fazer Príamo na tenda de seu inimigo Aquiles?

7. Por que Aquiles continuava tão furioso a ponto de maltratar o corpo do inimigo morto?

8. Que fez Aquiles, final mente, diante do apelo de Zeus e das súplicas de Príamo?

II. Segunda parte: análise e interpretação

1. Na sua opinião, Aquiles tinha motivo para tratar daquela maneira o corpo do inimigo?

2. Zeus se compadece de Heitor, mas é incapaz de evitar-lhe a morte. Por quê?

3. Observe neste (e nos relatos precedentes) como os deuses se comportam. Você acha que eles são imparciais, isto é, não tomam partido, quando agem no mundo humano? Justifique sua resposta.

4. Por que, no texto, “aurora” vem grafado com maiúscula?

5. Entre as personagens de Aquiles e Heitor há diferenças (por exemplo, o primeiro é filho de uma ninfa; o segundo, não), mas há também semelhanças. Aponte as que você consegue identificar a partir do texto.

O CALCANHAR DE AQUILES

I. Primeira parte: compreensão do texto

1. Relacione as colunas de acordo com as informações do texto:

- (1) Aquiles
- (2) Quirão
- (3) Tétis
- (4) Pátroclo
- (5) Apolo

() Guiou a seta de Páris para o calcanhar de Aquiles.

() Previu o destino do filho Aquiles.

() É o herói de “pés ligeiros”.

() Educou o menino Aquiles.

() Suas cinzas se uniram às de Aquiles.

2. Qual o único ponto vulnerável em todo o corpo de Aquiles?

3. Por que essa parte do corpo do herói não era invulnerável?

4. Quem foi Pentésiléia?

II. Segunda parte: análise e interpretação

1. A expressão “... ” é empregada para referirmo-nos ao ponto fraco de alguma pessoa. Construa uma frase com essa expressão.
2. Aponte alguns elementos fantásticos, “sobrenaturais”, da história de Aquiles.
3. Aquiles e Hércules são “heróis”; aponte características comuns aos dois.

O CAVALO DE MADEIRA E O FIM DE TRÓIA

I. Primeira parte: compreensão do texto

1. Relacione as colunas de acordo com as informações do texto:

- (1) Sinão
- (2) Epeu
- (3) Odisseu
- (4) Laocoonte
- (5) Tênedos

- () Ilha onde os gregos se esconderam depois de simular a partida.
- () Sacerdote morto pelas serpentes enviadas por Palas Atena.
- () Jovem grego que fingiu ter sido condenado à morte pelos companheiros.
- () Foi o construtor do cavalo de madeira.
- () Teve a idéia do cavalo de madeira.

2. Diga brevemente em que consistiu a participação do grego Sinão no estratagema do cavalo.

3. Quantos anos durou a guerra de Tróia?

4. Qual foi o fim de Príamo, o rei de Tróia?

5. Que gesto de Laocoonte foi punido por Palas Atena?

II. Segunda parte: análise e interpretação

1. A partir do texto, explique a origem das expressões entre aspas, cuja explicação é fornecida:

- a. “Agradar gregos e troianos”: agradar a todo mundo, agradar até mesmo a

lados completamente opostos e inconciliáveis.

- b. “Presente de grego”: presente que contém algo nocivo a quem o recebe.

- c. “Temo os gregos mesmo quando trazem presentes”: devemos tomar cuidado com as pessoas cuja maldade conhecemos bem.

2. Segundo o texto, qual seria a origem primeira, lendária, mítica de Roma?

3. A astúcia, quer nas palavras que dizemos, quer nas ações que praticamos, foi geralmente considerada pelos gregos uma das maiores qualidades que um homem pode ter, um verdadeiro ideal para a sua cultura. De que modo vemos isso na narrativa lida?

4. O episódio do cavalo, do ponto de vista dos troianos, será considerado, em algumas obras literárias, uma fraude indigna de guerreiros valorosos. Redija um parágrafo atacando esse meio de que se serviram os gregos, como se você fosse um troiano analisando o que aconteceu; em seguida, escreva, em um parágrafo, uma possível resposta, do ponto de vista dos gregos, a esse ataque.

5. Transcreva as partes do discurso de Sinão que parecem ter por objetivo conquistar a simpatia dos troianos (criticando ele mesmo os gregos, traçando uma imagem simpática de si mesmo, fazendo-se de vítima).

6. Observe a ilustração que acompanha o texto (pág. 54). A escultura reproduzida encontra-se no Museu do Vaticano em Roma. Que episódio da guerra de Tróia retrata? Note a expressão do rosto do pai; o “abraço” das serpentes envolvendo todas as figuras; os gestos das crianças: que impressão as pessoas esculpidas causam em você?

7. Em português, a palavra “Ilíada” pode significar uma série de atos de bravura; já nos referimos ao célebre poema do grego Homero denominado, justamente, Ilíada — mas de onde vem esse nome?

ODISSEU E O CICLOPE

I. Primeira parte: compreensão do texto

1. Relacione as colunas de acordo com as informações do texto:

- (1) Lotófagos
- (2) Polifemo
- (3) Possêidon
- (4) Ciclopes
- (5) Ninguém
- (6) Odisseu

- Nome falso usado por Odisseu para enganar Polifemo.
- Seres gigantesco, com um só olho no meio da testa.
- Ítaca era sua terra natal.
- Pai de Polifemo.
- Pediu a Possêidon que castigasse Odisseu.
- Seu alimento era uma flor.

2. Descreva os ciclopes.

3. Como Odisseu conseguiu escapar da caverna de Polifemo?

II. Segunda parte: análise e interpretação

1. Em português, o adjetivo “ciclópico” significa gigantesco, monumental. Explique a origem desse significado.

2. Na palavra lotófago, o elemento “-fago” significa “comedor”, “que come”. Explique, a partir disso, o que significa “antropófago” e “bacteriófago”, e cite uma outra palavra com formação semelhante.

3. Odisseu ficou conhecido como o herói que muito sofreu por terra e por mar até cumprir sua meta. Segundo o texto, por que Odisseu teve um retorno tão tumultuado e penoso?

NA ILHA DA FEITICEIRA CIRCE

I. Primeira parte: compreensão do texto

1. Relacione as colunas de acordo com as informações do texto:

- (1) Odisseu
- (2) Circe

- (3) Hermes
- (4) Eurfloco
- (5) Elpenor

- Morreu ao cair do teto da casa de Circe.
- Deu a Odisseu uma planta para o proteger dos feitiços de Circe.
- Companheiro de Odisseu que não foi enfeitado.
- O Sol era seu pai.
- Antes de chegar a casa, deveria ir ao reino dos mortos.

2. Que fez Circe aos companheiros de Odisseu?

3. Como Odisseu conseguiu escapar aos encantamentos de Circe?

II. Segunda parte: análise e interpretação

1. Nos mitos gregos, por vezes há elementos que lembram os nossos contos de fadas. Você é capaz de identificar algum na narrativa que leu?

2. Escreva um parágrafo resumindo ao máximo a história de Circe, isto é, deixando de lado os detalhes e concentrando-se nos acontecimentos mais importantes da intriga.

ODISSEU VAI AO REINO DOS MORTOS

I. Primeira parte: compreensão do texto

1. Relacione as colunas de acordo com as informações do texto:

- (1) Tirésias
- (2) Anticléia
- (3) Ájax
- (4) Agamenão
- (5) Elpenor
- (6) Mínos

Foi morto pela própria esposa e o amante desta.

Parente que Odisseu encontrou no Hades.

Juiz entre os mortos.

Adivinho que Odisseu consultou no Hades.

Perdeu para Odisseu a posse das armas de Aquiles.

- () Pediu a Odisseu que desse sepultura a seu corpo.
2. Por que Odisseu foi ao reino dos mortos?
3. Que recomendação importante deu Tírsias a Odisseu?
4. Que situação Odisseu haveria de encontrar em Ítaca, caso conseguisse regressar a casa?
- () Em sua terra, Odisseu estaria a salvo.
2. Que fez Odisseu para não ser arrastado para junto das Sereias?
3. Por que Calipso finalmente deixou Odisseu partir de sua ilha?
4. Que desejava Calipso de Odisseu?

II. Segunda parte: análise e interpretação

1. Note que, na concepção do reino dos mortos vista aqui, as almas descem todas ao Hades; não há “céu”; entretanto, pelo texto lido, pode-se ver que há algo de semelhante à noção católica de “inferno”. De que se trata?
2. Releia a história de Aquiles (lembra-se do que lhe disse sua mãe Tétis a respeito de seu destino?). No Hades, o herói disse que preferiria ser um trabalhador humilde a ser rei entre os mortos; essas palavras contrastam com a imagem do guerreiro, tal como traçada no mito. Explique por quê.
3. Na sua opinião, como é a vida após a morte descrita aqui? Compare com a noção de “céu” e “inferno” da religião católica ou com a idéia de “além” de outra religião ou crença.

OS NOVOS PERIGOS DA VIAGEM

I. Primeira parte: compreensão do texto

1. Relacione as colunas de acordo com as informações do texto:
- (1) Sereias
(2) Calipso
(3) Feácios
(4) Sol
(5) Possêidon
- () Os companheiros de Odisseu comeram algumas de suas vacas.
() Estava furioso porque Odisseu lhe cegara o filho.
() Seu canto enfeitiçava os navegantes.
() Ninfa que pretendia ter Odisseu por esposo.

II. Segunda parte: análise e interpretação

1. Diz-se ... uma mulher muito atraente ou que canta muito bem.
Por outro lado, “canto de ...” é expressão para denominar as palavras ou as ações com que se tenta conquistar a amizade ou os favores de alguém.
2. ..., o nome da embarcação do famoso explorador francês da vida marinha, Jacques-Cousteau, que morreu em 1997, é, na mitologia grega, o nome da ninfa que reteve Odisseu em sua ilha por sete anos.
3. Estar entre ... e ... é estar entre dois perigos igualmente terríveis.
4. Aponte no texto um exemplo da superioridade de Zeus sobre os outros seres divinos.

A CHEGADA DE ODISSEU E O MASSACRE DOS PRETENDENTES

I. Primeira parte: compreensão do texto

1. Relacione as colunas de acordo com as informações do texto:
- (1) Telêmaco
(2) Penélope
(3) Eumeu
(4) Antínoo
(5) Argo
(6) Palas Atena
- () Cão de Odisseu; morreu ao reconhecê-lo depois de vinte anos.
() Porqueiro de Odisseu; permaneceu fiel ao patrão.
() Os pretendentes tentaram matá-lo.
() Fiel e dedicada esposa de Odisseu.

- () Transformou Odisseu em mendigo.
- () Um dos arrogantes pretendentes à mão de Penélope.

2. Que eram os “pretendentes”?

3. Como Penélope tentava enganar os pretendentes?

4. A que prova Penélope submeteu Odisseu para comprovar que se tratava mesmo do marido?

II. Segunda parte: análise e interpretação

1. Note que Penélope e Odisseu têm traços em comum; aponte os que você consegue identificar a partir da narrativa.

2. Na Antiguidade, Odisseu seria cultuado por alguns como uma imagem do homem que vence todas as situações difíceis da vida através de sua força de vontade e de sua razão. Para uns, ele era a imagem mesma da inteligência astuciosa; para outros, a personificação da esperteza negativa, que triunfa pela fraude. O poeta latino Virgílio (século I a. C.) escreveu uma epopéia, a Eneida, que conta como o herói troiano Enéias, incitado pelo destino, escapou da destruição da cidade pelos gregos e foi ter à Itália. Na Eneida, que traz a visão dos troianos, Odisseu é visto como um homem criminoso em suas artimanhas. Na sua opinião, essa característica do herói — usar da manha e da astúcia para sobreviver — é positiva ou negativa? Justifique sua resposta.

3. Homero, autor da Ilíada, como já dissemos, deixou-nos também uma epopéia chamada Odisséia, que narra as aventuras do retorno de Odisseu a Ítaca. Em português, o substantivo comum “odisséia” designa a narrativa de acontecimentos extraordinários, de aventuras e perigos, mas também se aplica a uma série de situações complicadas, difíceis de enfrentar (por exemplo: “Foi uma verdadeira odisséia conseguir o passaporte a

tempo!”). Crie uma frase empregando a palavra num ou noutro sentido.

A SOBERANIA DE ZEUS E SUA ESPOSA HERA

I. Primeira parte: compreensão do texto

1. Relacione as colunas de acordo com as informações do texto:

- (1) Cronos
- (2) Zeus
- (3) Hera
- (4) Titãs

() Zeus teve de enfrentá-los numa longa guerra.

() É o pai de Zeus e devorava os filhos.

() Pune os que quebram promessas e juramentos.

() Seu ódio implacável se exerceu contra Hércules.

2. Cronos devorava seus filhos, com medo de ser destronado por um deles. Como fez Réia, sua esposa, para salvar o futuro Zeus, impedindo-o de ser também engolido pelo pai?

3. Qual a origem do nome do mês de “junho”?

II. Segunda parte: análise e interpretação

1. Os deuses gregos parecem humanos no seu caráter. Não se pode dizer que seu comportamento sirva de exemplo moral para os homens... A partir da narrativa, cite duas amostras das imperfeições divinas.

2. Em vez de questão, apresentaremos aqui algumas curiosidades sobre os nomes dos meses em português, que vêm dos antigos romanos. Veja: Janeiro (em inglês, January): é o mês do deus latino Jano, que presidia a tudo o que é passagem e transição. No que diz respeito ao espaço, a porta (separando interior e exterior) é consagrada a esse deus; no tempo, o primeiro mês do

ano, que está entre o passado (o ano que se foi) e o futuro (o ano que inicia).

Fevereiro: era originalmente um mês em que se faziam purificações; o nome do mês na língua dos antigos romanos, o latim, fazia referência a isso.

Março: era o mês de Marte (Ares, na mitologia grega), o deus da guerra.

Abril: alguns explicavam esse nome dizendo que era o mês em que as flores se abrem, pois na Europa em abril se tem a primavera.

Mai: o nome é uma referência a Maia, mãe de Hermes (Mercúrio, na mitologia latina). “Maio”, portanto, é consagrado ao filho de Maia.

Junho: homenagem a Juno, como vimos.

Julho: homenagem a Júlio César, um célebre general e escritor romano.

Agosto: consagrado à memória do primeiro imperador de Roma, Augusto (pense no inglês August).

Setembro, Outubro, Novembro,

Dezembro: na origem, o ano romano começava em março, e só tinha dez meses. “Sete” em latim é septem; “oito” é octo; “nove” é nouem; e “dez” é decem. Portanto, contando a partir de março, vê-se que para os antigos romanos setembro era o sétimo mês (inglês September), outubro o oitavo (inglês October), novembro o nono (inglês November) e dezembro o décimo (inglês December).

3. A partir das informações acima, diga por que o mês de janeiro era consagrado a Jano na antiga Roma.
4. Veja a ilustração da página 77, que representa Jano. Por que o deus é retratado assim?

AFRODITE E ÁRTEMIS, A DEUSA DO AMOR E A VIRGEM CAÇADORA

I. Primeira parte: compreensão do texto

1. Relacione as colunas de acordo com as informações do texto:

- (1) Afrodite
- (2) Hefesto
- (3) Adônis
- (4) Actéon
- (5) Ares
- (6) Ártemis

- () Esposo da deusa do amor.
- () Deus da guerra, amante da deusa do amor.
- () Amado por Afrodite, foi transformado em flor após sua morte.
- () Nasceu da espuma do mar.
- () Deusa caçadora.
- () Foi devorado pelos próprios cães.

2. Quais eram as aves e plantas consagradas a Afrodite?

3. Quais eram os animais consagrados a Ártemis?

4. Por que Ártemis puniu Actéon tão terrivelmente?

II. Segunda parte: análise e interpretação

1. Adônis parece ser um mito sobre o ciclo anual da vegetação, especialmente sobre a primavera. Que há na história de Adônis que se pode relacionar a essa estação do ano?

2. No casamento romano da Antiguidade, as noivas usavam, além de um véu e um vestido especial, como as mulheres de hoje, uma coroa que, de início, não era de flor de laranjeira, mas de folhas de mirto. Qual a causa provável da escolha dessa planta para adornar a noiva?

ARES E DIONISO

I. Primeira parte: compreensão do texto

1. Relacione as colunas de acordo com as informações do texto:

- (1) Ares
- (2) Dioniso
- (3) Rômulo
- (4) Amúlio
- (5) Réia Sílvia
- (6) Numitor
- (7) Sêmele
- (8) Sátiros
- (9) Penteu
- (10) Agave

- () Teve de Marte dois filhos gêmeos: Rômulo e Remo.
- () Mãe de Penteu, cortou a cabeça do próprio filho.
- () Na mitologia romana, é chamado Marte.
- () Mãe mortal do deus Dioniso.
- () Proibiu o culto a Dioniso e foi pelo deus castigado.
- () Nasceu da coxa de Zeus.
- () Matou o próprio irmão quando da fundação de Roma.
- () Seres monstruosos, metade homens, metade bodes.
- () Apossou-se do trono de Alba Longa, destronando o irmão.
- () Pai de Réia Sílvia.

2. Que eram as virgens vestais?

3. Por que Roma surgiu no monte Palatino?

4. Uma versão da história de Dioniso relaciona o deus com o nascimento dos seres humanos. Conte-a com suas palavras.

II. Segunda parte: análise e interpretação

1. Nos mitos de vários povos vemos uma civilização ou uma cidade, uma nova etapa da existência, enfim, começar com um crime, o assassinato de um

irmão, como na lenda do nascimento de Roma. Na Bíblia, que narrativa poderíamos lembrar?

2. Que relação haveria entre a bebida de Dioniso, o vinho, e o estado em que ficavam as pessoas possuídas pelo espírito do deus?

3. Aqui, em vez de questão, apresentaremos algumas informações interessantes:

Dioniso era o deus do teatro, especialmente da tragédia; esta teria surgido de certas procissões que celebravam o deus. Em grego “tragédia” significa “o canto do bode”, quer porque os adoradores de Dioniso sacrificavam um bode nas cerimônias que o homenageavam, quer porque o vencedor nos concursos de tragédias recebia um bode. Assim, nosso teatro, que vem do grego, tem origens religiosas. No Brasil, há até um conhecido diretor que diz procurar trazer de volta aos espetáculos teatrais o espírito dionisíaco que foi se perdendo com o tempo, fazendo das peças, mais que uma simples encenação de uma história, uma espécie de ritual sagrado. De quando em quando, antigas tragédias gregas são reencenadas também em nosso país, como *Medéia*, por exemplo, a história de uma feiticeira que, abandonada pelo marido, mata os próprios filhos para se vingar. Chico Buarque de Holanda e Paulo Pontes, a partir da tragédia *Medéia*, criaram uma peça chamada *Gota d'Água*; você talvez conheça a música de mesmo nome. Assim, podemos dizer que os mitos gregos estão sempre vivos em nossa imaginação, através do teatro, da música, da literatura ou de outras artes que recontam suas histórias, transformando-as mais ou menos intensamente.

APOLO E PALAS ATENA

I. Primeira parte: compreensão do texto

1. Relacione as colunas de acordo com as informações do texto:

- (1) Apolo
- (2) Palas
- (3) Pítia
- (4) Pítion
- (5) Jacinto
- (6) Delos
- (7) Delfos
- (8) Pártenon

- () Sacerdotisa do templo de Apolo em Delfos.
- () Templo ateniense dedicado a Palas Atena.
- () Era também chamado Febo e confundido com o Sol.
- () Dragão morto por Apolo.
- () Nasceu da cabeça de Zeus.
- () Jovem amado por Apolo.
- () Ilha onde Apolo e Diana nasceram.
- () Centro do mundo para os gregos.

2. Como surgiu o jacinto, segundo o mito?

3. Por que o loureiro era consagrado a Apolo?

4. Que cidade tinha Palas como protetora?

5. Qual a árvore e a ave consagradas a Palas?

II. Segunda parte: análise e interpretação

1. O número sete era consagrado a Apolo. Transcreva do texto o trecho que justifica no mito a preferência do deus por esse número.

2. Em português, o substantivo comum “apolo” designa um homem, especialmente jovem, forte e belo. Explique, a partir do mito, por que esse substantivo tem esse sentido.

3. Você já deve ter percebido que é freqüente no mito grego a metamorfose, isto é, a narrativa da transformação de um ser em outro. Um poeta latino chamado Ovídio, que viveu no século I a. C., escreveu uma extensa

obra sobre os mitos chamada *Metamorfoses*; nela, conta os mitos a partir desse tema. Ora, nos contos de fadas e nas histórias do folclore em geral esse é também um tema comum. Cite um exemplo a partir das narrativas que você conhece.

4. O herói Odisseu (ou Ulisses), o homem astucioso por excelência, tem por protetora a deusa Palas Atena. Além de guerreira, que outra característica importante para Odisseu tinha a deusa?

5. Releia o trecho que trata da Pítia (também chamada Pitonisa). Você poderia citar um fenômeno semelhante que se pode ver ainda hoje?

HERMES E HEFESTO

I. Primeira parte: compreensão do texto

1. Relacione as colunas de acordo com as informações do texto:

- (1) Hermes
- (2) Hefesto
- (3) Apolo
- (4) Zeus
- (5) Hera
- () Aceitou a lira em troca dos animais que lhe roubaram.
- () Deus do fogo.
- () Mãe de Hefesto.
- () Era o mensageiro de Zeus.
- () Pai de Hefesto.

2. Como nasceu a primeira lira?

3. Que era o caduceu?

4. Cite três obras extraordinárias fabricadas por Hefesto.

II. Segunda parte: análise e interpretação

1. Hermes era o protetor dos viajantes. Que aspecto da história desse deus pode justificar essa relação com os que

viam?

2. Complete: “O bastão de Mercúrio, o ..., por vezes é representado com duas serpentes nele enroladas e duas asas na parte superior. Tornou-se um símbolo da medicina.”

3. O nome latino de Hefesto é Vulcano, que lembra “vulcão”: que relação pode haver entre esse deus e o fenômeno dos vulcões?

DEMÉTER E POSSÊIDON, DIVINIDADES DA TERRA E DO MAR

I. Primeira parte: compreensão do texto

1. Relacione as colunas de acordo com as informações do texto:

- (1) Deméter
- (2) Prosérpina
- (3) Possêidon
- (4) Tróia

- () Passa parte do tempo com Hades, parte com sua mãe.
- () Deuses ajudaram a construir seus muros.
- () Deusa da terra cultivada.

() Divide com Zeus e Hades a soberania sobre o mundo.

2. Por que Hades finalmente se apaixonou por alguém?

3. Faça uma descrição de Possêidon.

II. Segunda parte: análise e interpretação

1. O nome latino de Deméter é Ceres, nome ao qual se liga “cereal”. Explique a ligação entre este substantivo e o mito de Deméter.

2. Os mitos procuram explicar com uma narrativa tudo o que se observa no mundo. No mito de Deméter, conta-se a origem da divisão do ano em duas estações principais e opostas, primavera e inverno. Como ela aconteceu, segundo o texto?

3. Em português, “netuniano”, “netunino” ou “netúnio” são adjetivos que significam “o que é relativo ao oceano”. Qual a ligação entre esses adjetivos e o mito de Possêidon?

RESPOSTAS

FAETONTE E O CARRO DO SOL

I. compreensão do texto

1. 3 - 1 - 2 - 4.
2. Recomendou-lhe que não usasse o chicote, segurasse as rédeas com firmeza e não se desviasse da rota, mantendo-se entre a terra e o céu.
3. Os cavalos correram a toda velocidade por regiões onde o carro do Sol jamais tinha estado.
4. Porque todo o mundo, entregue às chamas, parecia estar próximo da destruição.
5. Zeus o atingiu com um raio.

II. análise e interpretação

1. Faetonte desejou uma tarefa só possível a um imortal: guiar o carro do Sol, cujos cavalos eram difíceis de controlar. Dessa forma, falhou, quase provocando um caos, e foi punido.
2. “Eis que no Oriente a Aurora começou a tingir o céu de rosa.”
3. Trata-se do epítáfio:
“Aqui jaz Faetonte, cocheiro do carro paterno. Não conseguiu dirigi-lo, mas morreu num ato de grande ousadia.”
4. Resposta pessoal.

ORFEU E EURÍDICE

I. compreensão do texto

1. 4 - 6 - 5 - 1 - 3 - 2.
2. Porque, desobedecendo à ordem que lhe fora dada, olhou para trás quando levava Eurídice para fora dos Infernos.

II. análise e interpretação

1. a. Sísifo.
b. Tântalo.
c. Danaides.

2. Orfeu quase conseguiu fazer uma mortal, sua esposa, reviver, escapando do mundo dos mortos, o que é excepcional.

NARCISO

I. compreensão do texto

1. 2 - 1 - 4 - 5 - 3.
2. Narciso, sem querer comer nem beber, morreu de inanição, contemplando até o fim sua imagem refletida na água.
3. Resposta pessoal.

II. análise e interpretação

1. Essas expressões ligam-se ao mito de Narciso, que se apaixonou pela sua própria imagem refletida na água de uma fonte.
2. Eco era uma ninfa que fora condenada por Hera a repetir as palavras das outras pessoas. Apaixonada por Narciso e por ele rejeitada, Eco definiu até se reduzir a uma voz; seus ossos, por sua vez, transformaram-se em pedras. Quando ouvimos o eco de nossas palavras, trata-se, portanto, da voz da ninfa, que repete o que dizemos.

PROMETEU, O PRIMEIRO BENFEITOR DA HUMANIDADE

I. compreensão do texto

1. 4 - 3 - 1 - 2.
2. Porque Prometeu, enganando Zeus, fez com que o pai dos deuses escolhesse para si os ossos e a gordura de um boi sacrificado.
3. Foi criada pelos deuses a pedido de Zeus, com o objetivo de punir os homens.
4. Os males que afligem a humanidade

estavam contidos numa jarra que Pandora, por curiosidade, abriu, deixando escapá-los.

II. análise e interpretação

1. Segundo o mito, as desgraças da humanidade surgem com a primeira mulher.
2. Pandora recebeu tal nome porque os deuses lhe tinham atribuído todos os seus dons.
3. "... roubando para eles uma centelha do fogo divino." O fogo, aqui, é considerado de origem divina.

TESEU E O MINOTAURO, DÉDALO E ÍCARO

I. compreensão do texto

1. 5 - 6 - 4 - 1 - 3 - 2.
2. O Minotauro era um monstro, metade humano, metade touro. Nasceu da relação entre Pasífae e um touro.
3. Os atenienses tinham de enviar a Creta sete rapazes e sete moças, que seriam devorados pelo Minotauro.
4. Por ter chegado muito próximo do sol, Ícaro perdeu as asas com que voava, já que a cera que ligava as penas derreteu.

II. análise e interpretação

1. Foi Dédalos quem construiu a novilha de bronze na qual Pasífae se escondeu, bem como o labirinto; fez, também, as asas com que ele e seu filho conseguiram voar.
2. Tanto Ícaro quanto Faetonte não seguem uma recomendação paterna e acabam morrendo por essa imprudência.
3. Ariadne.
4. "Dédalos" e "Ícaro".

O NASCIMENTO E A PRIMEIRA FAÇANHA DO HERÓI

I. compreensão do texto

1. 1 - 5 - 4 - 3 - 2.
2. A "Via Láctea", que significa "caminho de leite", surgiu das gotas do leite de Hera. Elas foram respingadas pelo céu quando a deusa afastou rudemente o menino Hércules, que mamava em seu seio.
3. Hera detestava Hércules porque ele era filho de Zeus, marido da deusa, com uma mortal, Alcmena.

II. análise e interpretação

1. Anfitrião: o general tebano Anfitrião acolheu em sua casa Júpiter em pessoa, que dormiu com sua esposa: foi, pois, um "anfitrião" para o deus. Sósia: Hermes-Mercúrio tomou a aparência do escravo Sósia, tornando-se idêntico a ele.
2. Resposta pessoal.

OS DOZE TRABALHOS DE HÉRCULES – I

I. compreensão do texto

1. 4 - 6 - 1 - 2 - 3 - 5.
2. Porque matara sua mulher, seus filhos e os de seu irmão e desejava saber como expiar o crime.
3. Euristeu era rei de Micenas e primo de Hércules. Cumprindo o que lhe ordenara o oráculo de Apolo, Hércules pôs-se ao seu serviço por doze anos, e o rei, querendo livrar-se do primo, deu-lhe doze tarefas consideradas impossíveis.
4. Iolau era sobrinho de Hércules. Enquanto o herói cortava as cabeças da Hidra, Iolau queimava a ferida para que não renascessem, em cada uma, duas cabeças.

II. análise e interpretação

1. Porque todos os trabalhos eram considerados impossíveis de realizar, ao menos para um mortal comum.
2. Hércules era considerado uma espécie de benfeitor da humanidade por ter livrado o mundo de vários seres monstruosos.
3. Resposta pessoal.

OS DOZE TRABALHOS DE HÉRCULES – II

I. compreensão do texto

1. 2 - 5 - 1 - 6 - 4 - 3.
2. Era a taça na qual o Sol atravessava o Oceano, à noite, de volta para seu palácio no Oriente.
3. Atlas era o gigante que suportava o céu sobre seus ombros.

II. análise e interpretação

1. São monstruosos: o touro de Creta soltava fogo pelas ventas, as éguas de Diomedes comiam carne humana e Cérbero tinha três cabeças e o corpo cheio de serpentes.
2. Os nomes das Hespérides fazem referência ao sol.
3. Hércules teve de cumprir os doze trabalhos difíceis por causa de Hera, afinal era essa a forma de pagar pelo crime de ter matado esposa e filhos, num acesso de loucura provocado por ela. Suas proezas, portanto, trazem glória ao nome da deusa, já que Hércules tanto suportou por causa dela.
4. Cérbero era como que o “porteiro” do Hades; à porta do reino infernal, impedia os vivos de entrarem e os mortos de saírem. Era inflexível nessa função.

AS ORIGENS DA GUERRA DE TRÓIA

I. compreensão do texto

1. 7 - 4 - 9 - 6 - 2 - 10 - 5 - 1 - 8 - 3.
2. Páris raptou Helena, provocando a ira do grego Menelau, seu esposo, que organizou um exército para vingar a afronta recebida.
3. Porque não fora convidada para o casamento de Peleu e Tétis.
4. Palas Atena e Hera jamais perdoaram a afronta feita a sua beleza e vingaram-se ajudando os gregos na guerra contra Tróia.
5. Ílion.
6. Helena era da cidade grega de Esparta. Afrodite a fez fugir de sua cidade por amor, acompanhando Páris a Tróia.
7. Alexandre significa, em grego, “o protetor dos homens”. Páris recebeu esse nome porque protegia os rebanhos dos pastores.

II. análise e interpretação

1. Resposta pessoal.
2. Plano divino: pomo da Discórdia (levando ao “raptó” de Helena e à hostilidade de Palas Atena e Hera contra os troianos). Plano humano: ação de Páris, recusa dos troianos em devolver Helena.
3. Porque o amor, dom de Afrodite, é considerado fonte não só de prazer, mas também de sofrimento.

A IRA DE AQUILES

I. compreensão do texto

1. 8 - 5 - 10 - 1 - 6 - 2 - 3 - 7 - 4 - 9.
2. Agamêmnon teve de devolver sua escrava Criseida ao pai, que era sacerdote de Apolo; como compensação, tomou de Aquiles a escrava do herói, Briseida, provocando sua ira.

3. Palas Atena veio pessoalmente a Aquiles, puxou seus cabelos e incitou-o a só maltratar o rei com palavras; disse-lhe também que um dia o herói receberia as recompensas devidas.
4. Aquiles poderia permanecer em Tróia e ali morreria jovem, mas com glória; ou poderia voltar a sua cidade natal, onde viveria por muito tempo, mas sem glória.
5. Pátroclo prevê que Heitor será morto por Aquiles.
6. Sua mãe Tétis deu-lhe novas armas, fabricadas por Hefesto.

II. análise e interpretação

1. Porque, por causa dela, Aquiles se afastou dos combates e, sem ele, o exército grego sofreu muitas perdas; foi sobretudo funesta ao próprio Aquiles, porque acabou precipitando a morte de Pátroclo.
2. Resposta pessoal.
3. A partir daquele momento, Aquiles dirigiria sua cólera não mais contra Agamêmnon mas contra os troianos (sobretudo, contra Heitor), que haviam matado seu companheiro Pátroclo.

A MORTE DE HEITOR

I. compreensão do texto

1. 6 - 10 - 1 - 8 - 4 - 2 - 5 - 7 - 9 - 3.
2. Heitor, com medo, fugiu.
3. Apolo abandona Heitor depois que a balança de Zeus indicou que sua morte estava próxima.
4. Palas tomou a forma de Deífobo, irmão de Heitor, e incitou-o a combater Aquiles.
5. Primeiramente, furou os calcanhares dele e, com correias, ligou-o a seu carro e se dirigiu aos navios gregos. Depois, todos os dias voltava a fazer a mesma coisa com o corpo e dava três voltas em torno da sepultura de Pátroclo.

6. Príamo foi, com presentes, tentar resgatar o corpo do filho.
7. Aquiles não podia esquecer como Pátroclo morrera, às mãos de Heitor.
8. Aquiles decidiu entregar o corpo de Heitor a Príamo.

II. análise e interpretação

1. Resposta pessoal.
2. Porque não pode mudar o destino do troiano, que já estava decidido.
3. Não são imparciais, pois cada qual ajuda um herói ou um povo, de acordo com suas simpatias. Assim, Palas Atena luta contra os troianos, pois jamais esquece o julgamento de Páris.
4. Porque, no mito, a aurora é uma deusa.
5. Ambos os heróis são jovens e têm pais já velhos; os dois têm deuses que os protegem (Palas a um, Apolo a outro); por outro lado, assim como o exército grego parece depender muito da bravura de Aquiles, Tróia está fadada a desaparecer sem o apoio de Heitor.

O CALCANHAR DE AQUILES

I. compreensão do texto

1. 5 - 3 - 1 - 2 - 4.
2. O ponto vulnerável de Aquiles era seu calcanhar.
3. Porque foi a única parte de seu corpo não mergulhada nas águas do Estige, que conferiam a invulnerabilidade.
4. Pentésiléia era a rainha das amazonas, morta em combate por Aquiles.

II. análise e interpretação

1. “Calcanhar de Aquiles”.
2. Elementos fantásticos: Aquiles era filho de uma ninfa; seu corpo fora mergulhado nas águas de um rio infernal, que conferiam invulnerabilidade; o he-

rói foi educado por um centauro; Apolo guiou a seta de Páris a seu calcanhar.

3. Tanto Hércules quanto Aquiles têm algo de divino em sua origem: o primeiro é filho de Zeus, o segundo, da ninfa Tétis. Ambos têm qualidades que os destacam do comum dos mortais: a força de Hércules, a invulnerabilidade quase total e a bravura excepcional de Aquiles.

O CAVALO DE MADEIRA E O FIM DE TRÓIA

I. compreensão do texto

1. 5 - 4 - 1 - 2 - 3.
2. Sinão acabou persuadindo os troianos de que o cavalo seria mesmo um dom à deusa Palas, de que os gregos tinham partido e de que seria bom para Tróia introduzir o cavalo na cidade.
3. A guerra de Tróia durou dez anos.
4. O rei de Tróia morreu decapitado.
5. Laocoonte atingira com uma lança o cavalo de madeira consagrado à deusa.

II. análise e interpretação

1. a. No mito, gregos e troianos eram inimigos mortais.
b. No mito, o cavalo de Tróia, um “dom”, um “presente” para a deusa Hera, que supostamente traria a proteção divina a quem o possuísse, é na verdade a armadilha mortal que destruirá a cidade.
c. Laocoonte desconfiava do cavalo de madeira, o “presente” dos gregos, pois sabia que eles deveriam estar tramando alguma coisa contra seus inimigos troianos. E estava com a razão...
2. Roma teria origens troianas; os troianos que conseguiram escapar da cidade em chamas foram para a Itália e ali, de alguma forma, deram início ao que um dia haveria de ser Roma.

3. No texto, a idéia do cavalo e a habilidade das palavras de Sinão, que iludem fatidicamente os troianos, demonstram essa característica dos gregos.

4. Resposta pessoal.

5. “O odioso Odisseu quis se vingar de mim” (Sinão sabe que Odisseu só pode ser detestado pelos troianos); “Ai! Que resta para este infeliz?”; “posso ser um pobre infeliz”; “Já não tenho esperança de rever meus queridos filhos e meu saudoso pai”; “tenham compaixão de uma alma que suportou tamanhos sofrimentos sem merecer” (Sinão se pinta como um desafortunado, que sofreu na mão dos gregos e não tem esperança de voltar para junto dos familiares amados); “Eu fiquei indignado com o fim daquele inocente” (Sinão se revolta com a patifaria de Odisseu, que teria levado à morte um homem inocente, Palamedes; Sinão, portanto, aparece, em suas próprias palavras, como alguém justo e humano, ao contrário de Odisseu, injusto e cruel).

6. Resposta pessoal.

7. O nome “ilíada” provém de outro nome com que Tróia era conhecida — Ílion, como se lê no texto.

ODISSEU E O CICLOPE

I. compreensão do texto

1. 5 - 4 - 6 - 3 - 2 - 1.
2. Os ciclopes eram gigantes monstruosos, com um só olho no meio da testa.
3. Odisseu agarrou-se ao ventre de um carneiro peludo e passou assim, disfarçado, pela entrada da caverna sem que o ciclope o notasse.

II. análise e interpretação

1. Os ciclopes eram seres gigantes, daí o adjetivo “ciclópico” ter esse sentido.

2. “Antropófago” é quem se alimenta de carne humana (“antropo-” significa, em grego, “homem”, isto é, “ser humano”); “bacteriófago” é o vírus que “devora” bactérias. Outra(s) palavra(s): “necrófago” (que se alimenta de cadáveres) etc.
3. Porque Polifemo pediu a seu pai Possêidon que tornasse a volta de Odisseu penosa: se ele devesse retornar de qualquer forma, que o fizesse após muito tempo e sofrimento, depois de perder todos os companheiros.

NA ILHA DA FEITICEIRA CIRCE

I. compreensão do texto

1. 5 - 3 - 4 - 2 - 1.
2. Circe transformou alguns dos companheiros de Odisseu em porcos e os trancou numa pocilga.
3. Odisseu recebeu uma planta, de raiz negra e flores brancas, do deus Hermes, que o protegeria contra os feitiços de Circe.

II. análise e interpretação

1. Na narrativa lida, temos a personagem da feiticeira, a varinha e a poção mágica e a transformação de seres humanos em animais — todos esses elementos são comuns nos contos de fadas.

2. Resposta pessoal.

ODISSEU VAI AO REINO DOS MORTOS

I. compreensão do texto

1. 4 - 2 - 6 - 1 - 3 - 5.
2. Porque, seguindo sugestão de Circe, deveria consultar o adivinho Tirésias, que ali estava.
3. Tirésias advertiu a Odisseu que não comesse dos rebanhos do Sol, na Sicília.
4. Em Ítaca, homens autoritários queriam tomar para si a esposa de Odisseu e estavam devorando seus bens.

II. análise e interpretação

1. No Hades, há castigos, mas é Minos quem os inflige.
2. Aquiles podia escolher entre viver em sua pátria uma vida longa, mas sem glória, como um mortal comum, ou morrer jovem em Tróia, mas com fama eterna. Preferiu a segunda opção. No Hades, Aquiles lamenta estar morto, dando a impressão de que preferiria estar vivo, sob qualquer condição, mesmo a de um trabalhador braçal a serviço de um outro homem.

3. Resposta pessoal.

OS NOVOS PERIGOS DA VIAGEM

I. compreensão do texto

1. 4 - 5 - 1 - 2 - 3.
2. Odisseu mandou que os companheiros o amarrassem fortemente ao mastro do navio e que não o soltassem mesmo se ele pedisse.
3. Porque recebeu uma ordem de Zeus para deixá-lo partir.
4. Calipso desejava fazer de Odisseu seu esposo para sempre.

II. análise e interpretação

1. “sereia”; “sereia”.
2. “Calipso”.
3. “Cila” e “Caríbdis”.
4. Zeus manda que Calipso libere Odisseu, e a ninfa é obrigada a fazê-lo.

A CHEGADA DE ODISSEU E O MASSACRE DOS PRETENDENTES

I. compreensão do texto

1. 5 - 3 - 1 - 2 - 6 - 4.
2. Os “pretendentes” eram homens que pretendiam a mão de Penélope, a esposa de Odisseu. Enquanto ela não

se decidia, desfrutavam de seus bens, comendo e bebendo em sua casa.

3. Penélope declarou que se casaria com um dos pretendentes depois de terminar uma mortalha para o sogro; entretanto, desmanchava à noite o que fizera de dia, para que o trabalho não se concluísse.

4. Penélope pede ao marido uma descrição do leito conjugal, com detalhes só por eles conhecidos.

II. análise e interpretação

1. Ambos são astuciosos e tentam vencer as adversidades com o uso da astúcia; além disso, permanecem fiéis à memória do ser amado.

2. Resposta pessoal. (Seria interessante discutir o tema a partir da leitura de algumas respostas fornecidas pelos alunos.)

3. Resposta pessoal.

A SOBERANIA DE ZEUS E SUA ESPOSA HERA

I. compreensão do texto

1. 4 - 1 - 2 - 3.

2. Réia escondeu o filho e deu ao pai uma pedra envolvida num manto, para que ele a devorasse.

3. “Junho” vem de Juno, o nome latino da deusa Hera.

II. análise e interpretação

1. Os deuses têm ciúmes, por vezes doentio, como Hera; na luta pelo poder, são cruéis, como Cronos, que devorava os próprios filhos.

2. Médio.

3. Porque janeiro está entre o fim de um ano e o começo de outro, entre passado e futuro, e o deus Jano é o deus da passagem e da transição.

4. A ilustração mostra Jano com dois rostos: um olhando para frente, outro para trás, porque Jano é deus que olha para o passado e para o futuro, para trás e para frente.

AFRODITE E ÁRTEMIS, A DEUSA DO AMOR E A VIRGEM CAÇADORA

I. compreensão do texto

1. 2 - 5 - 3 - 1 - 6 - 4.

2. As aves consagradas a Afrodite eram a pomba e o pardal; as plantas, as rosas e o mirto.

3. Porque o rapaz a surpreendera enquanto ela tomava banho, nua, numa fonte.

II. análise e interpretação

1. Adônis, morto, renasce como flor somente por alguns meses durante o ano; e assim ocorrerá para todo o sempre, num ciclo como o da natureza.

2. O mirto era a planta consagrada a Afrodite, a deusa do amor.

ARES E DIONISO

I. compreensão do texto

1. 5 - 10 - 1 - 7 - 9 - 2 - 3 - 8 - 4 - 6.

2. Eram sacerdotisas do fogo sagrado de Vesta.

3. Porque foi nesse monte que Rômulo avistou um número maior de aves que seu irmão, o que manifestava a escolha divina.

4. Resposta pessoal.

II. análise e interpretação

1. Na Bíblia, há a história de Caim e Abel: este último foi morto por seu irmão.

2. As pessoas possuídas pelo espírito do deus ficavam fora de si, como alucinadas, assim como o vinho deixa

alterada a mente das pessoas.

APOLO E PALAS ATENA

I. compreensão do texto

1. 3 - 8 - 1 - 4 - 2 - 5 - 6 - 7.
2. O jacinto surgiu do sangue de um jovem chamado Jacinto, que Apolo amava e acabou matando sem querer.
3. Porque o loureiro surgira como a transformação de uma ninfa amada por Apolo em árvore.
4. A cidade de Atenas tinha Palas como protetora.
5. A oliveira e a coruja eram consagradas a Palas.

II. análise e interpretação

1. “Quando Apolo nasceu, era o sétimo dia do mês, e sete cisnes voaram sete vezes ao redor da ilha.”
2. No mito, Apolo é representado como um jovem com tais características: forte e belo.
3. Resposta pessoal.
4. Palas era a deusa da sabedoria e da inteligência, características importantes para Odisseu, que tinha esses dons em alto grau.
5. Resposta pessoal.

HERMES E HEFESTO

I. compreensão do texto

1. 3 - 2 - 5 - 1 - 4.
2. Hermes criou a primeira lira, colocando tripas de bois num casco de tartaruga.
3. Era o bastão de Hermes, na origem o cajado de Apolo, feito de ouro. Com o caduceu, Hermes conduzia as almas dos mortos para as regiões infernais,

fechava os olhos da pessoa que dorme e os reabria quando de seu despertar.

4. O escudo de Aquiles, o trono de Zeus e o carro do Sol são obra de Hefesto.

II. análise e interpretação

1. Hermes, como mensageiro divino, tinha de viajar do Olimpo à terra, cruzando céus e mares.
2. Caduceu.
3. Hefesto é o deus do fogo e ao mesmo tempo o ferreiro que funde metais. Daí sua associação com vulcões, cujo fogo funde tudo o que encontra pela frente.

DEMÉTER E POSSÊIDON, DIVINDADES DA TERRA E DO MAR

I. compreensão do texto

1. 2 - 4 - 1 - 3.
2. Porque Cupido, a pedido de sua mãe Afrodite, feriu-o com uma de suas setas.
3. Possêidon, soberano dos mares e oceanos, vaga pelo mar com um tridente, num carro. Tem o rosto coberto por barba e aspecto sereno, embora sua cólera seja terrível.

II. análise e interpretação

1. Na mitologia latina, Deméter é Ceres — a deusa da agricultura, daí “cereal”, que é produzido pela terra cultivada.
2. A filha de Perséfone passa parte do tempo com a mãe, parte do tempo com seu marido Hades. Quando está com Deméter, a deusa da agricultura se alegre, é primavera, e a terra volta a produzir folhas e frutas; quando está com Hades, a mãe fica triste, é inverno, e o solo torna-se estéril.
3. Possêidon é Netuno na mitologia latina e é soberano do mar, daí “netuniano”, “netunino” e “netúnio” se relacionarem com mar.

Os mitos gregos estão por toda parte ainda hoje. Estas narrativas, que um dia povoaram não só a imaginação como também a vida cotidiana de todo um povo, perduraram no tempo e ainda hoje fascinam escritores, cineastas, escultores, psicólogos, antropólogos, etc. etc. Pode-se fazer delas o uso mais variado, mas é curioso que guardam, em si mesmas e por si mesmas, um interesse inabalável para os leitores comuns, pessoas que sempre sentirão prazer em mergulhar na poesia de deuses nada perfeitos, cheios de defeitos muito humanos, ninfas que definham de amor por mortais, heróis que redimem a humanidade, vozes encantadoras de sereias, monstros brutos de um olho só, derrotados pela inteligência do homem.

Capa: Aquiles e Ájax jogam dados.

Pormenor de uma ânfora
ática do pintor ExéQUIAS,

do século VI a. C.

(Museu do Vaticano).

Projeto da capa: F. Achcar.

 **OBJETIVO**

